

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA
(POESIA REUNIDA 1993-2007)

ALBERTO PUCHEU

azougue editorial

2007

copyright © 2007 Alberto Pucheu

projeto gráfico
Sergio Cohn

capa
Bianca Peregrini

Arte-final da capa
Rodrigo Reis

revisão
Simone Campos

logotipo baseado no poema “asa” de Rodrigo Linares

P973f

Pucheu, Alberto, 1966-

A fronteira desguarnecida : (poesia reunida 1993-2007) –

Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007

288 p.; 14x21 cm

Conteúdo parcial: Gramatofilia / Francisco Bosco

ISBN 978-85-88338-78-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

06-4215. CDD 869.91

CDU 821.134.3(81)-1

azougue editorial

www.azougue.com.br

GRAMATOFILIA,
por Francisco Bosco 7

NA CIDADE ABERTA 13

DOIS POEMAS EM LUGAR DE PREFÁCIO: *caem em palavras*, 15; Poema de papel, 15.
NA CIDADE ABERTA: Mito, 16; Ciência, 17; Ciência, nº 2 (ou, Pensando Melhor), 17;
Poema, 18; Aventura, nº 2, 19; Los Olvidados, 19; Pista do Bem-te-vi, Urca, 21;
por entre os dedos, 22; Da Condição Primeira, 23; Da Condição Primeira, nº
2, 23; A Poesia Passeia pelo Rio, 24; Em Mar Aberto, nº 1, 24; Em Mar Aberto, nº
2, 25; Na Cidade Aberta, nº 1, 26; Na Cidade Aberta, nº 2, 28; Na Cidade Aberta,
nº 3, 29.

ESCRITOS DA FREQUÊNCIAÇÃO 31

GENEALOGIA, 33. NA CIDADE ABERTA, ESCRITOS, 34. ESCRITOS DA FREQUÊNCIAÇÃO: Grãos,
40; Areias, 41. ESCRITOS DA REBELIÃO, 43. PÓS-ESCRITOS, 48.

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA 51

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA, 53. NA CIDADE ABERTA, 54. ESPÓLIO: Águas, 59; Tróia
Revisitada, 59; Prometeu, 60; Mito, 60; Lascaux, 61; Poema em Vão (ou Poema
Ungulado), 61; Poema Paquidérmico, 62; No Rijksmuseum, 62; Dedicado a
um livro de René Char, nunca aberto, na biblioteca da Maison de France do
Rio de Janeiro, 63; Espólio, 63; Canto de Morte de um Tamoio Morto Há Quatro
Séculos, Ressuscitado Hoje em Mim, 64; Mementos, 64; O Alferes, 65; Canudos,
65; Solilóquio da Miséria, 66. EXCERTOS A PONTO DE PÁGINA, 67.

ECOMETRIA DO SILÊNCIO, 75. POEMAS PARA CARREGAR NO BOLSO: Poema para Carregar no Bolso, 79; Poema Ungulado, n. 2, 80; A 1600 Metros, 80; Carta para um Relicário de Alejandrinho, na Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, 81; Último Poema de Tonio Kröger (escrito no quarto do hotel em Aalsgard, recém-chegado do baile onde reviu Hans e Inge), 82; Pequeno Conto Americano com Sotaque Brasileiro, 83; Nascido na Segunda Metade dos Anos 60, 84; Amor Fati, 85; O Mundo, a Nanquim, 87; Arranjos para a Primeira Voz no Fundo da Gruta, 88; Breve História Trágico-Marítima, 89; Lamento para Solo de Cordas, 92; A Fronteira Desguarnecida, nº 2, 92; Codicilo, 93; À Míngua, 94; Sebastianópolis, 95. ADMIRÁRIO, 97. TRÊS POEMAS INESPERADOS: P.S. para um Poema Inacabado, 101; R.S.V.P., 103; Poema para a maior audiência do país, 105.

A VIDA É ASSIM 107

TUDO ACONTECE AGORA, PELA PRIMEIRA VEZ: Vale do Socavão, 109; De Prêmios, Armadilhas e Outras Coisas, 110; Tudo Acontece Agora pela Primeira Vez, 111; Meditação à Beira da Morte, 114; Alguns Temas Assim ao Acaso Para Falar de um Único Acontecimento, 115; Autobiografia Literária, 116; Se Fosse Romance, 117; No Meio do Caminho da Minha Vida, 118; Vale do Socavão, nº 2, 120; Poema Ungulado, nº 3, 121; De Prêmios, Armadilhas e Outras Coisas, nº 2, 122; Poema da Constatação Retornante, 123. A VIDA É ASSIM: Arranjos para Mensagens Eletrônicas Recebidas por Mim, 125; Arranjos para Conversas Transeuntes, 127; Arranjo para Sala de Conversas, 131. APÊNDICE: Tradução Livre de um Poema Inexistente de Lyn Hejinian, 135.

JÁ QUE NÃO HÁ CABEÇA NEM LUGAR PARA O QUE PASSA

(TUDO NA VIDA É PASSATEMPO) 139

Já que Não Há Cabeça nem Lugar para o que Passa, 141. Só Para Dizer Que Está Tudo Bem Por Aqui, 149. POSFÁCIO: A Crítica dos Arranjos como Arranjo da Crítica, 157.

ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE 165

Escritos da Admiração, 167. Escritos da Íntima Estranheza, 175. Escritos da Sintaxe do Trânsito, 183. Escritos da Vida, 192.

ESCRITOS PARA O LADO DE DENTRO DAS LENTES DOS ÓCULOS 205

Beckett, 207; Emily Dickinson, 208; Emily Dickinson, II, 208; Still Life, Still Emily, 209; Clarice Lispector, 210; Arthur Bispo do Rosário, 210; Fernando Ferreira de Loanda, 211; Emmanuel Carneiro Leão, 212; Zen, 212; Manoel de Barros, 213; Gilles Deleuze (o que subjaz), 214; Autobiográfico, 214.

PERFORMANCE PARA UM CORPO CONCENTRADO EM SUA VOZ 217

PERFORMANCE PARA UM CORPO CONCENTRADO EM SUA VOZ, 219. A NOBRE ARTE: Minhas Amizades de Hoje São Feitas como Antigamente, 235; A Luta Antes da Luta, 236; A Voz do Sangue, o Sangue da Voz, 237; Sem mim, Nada Disso Seria Possível, 238; Arranjo para esses Campeões da Palavra, 239.

CONVERSAS COM AS MÃOS 241

Entrevista a Rodrigo de Souza Leão, 243; Entrevista a Maria Lúcia Gomes de Mattos, 250; Entrevista a Sebastião Edson Macedo, 252; Entrevista a Ronaldo Bressane, 259; Escritos contra o privilégio do desgosto, entrevista a Nonato Gurgel, 263; À conversa com Alberto Pucheu, por Maria João Cantinho, 271; Entrevista para *Poesia Viva em Revista*, 279.

GRAMATOFILIA

FRANCISCO BOSCO

Não há palavra. Para dizer o real na linguagem, a linguagem no real, não há palavra. Se algum dia um escritor disser essa palavra, o mundo enlouquece. Em um segundo, todos viraríamos psicóticos. E é por não ser possível dizê-la, lembrava Barthes, que há a literatura, sua tensão, sua utopia, seu fracasso essencial. Não há *a* palavra. Mas há palavras - e seus arranjos imprevistos que se dirigem à transgressão dessa lei constitutiva. Dirigem-se, tensionam-se e, embora fracassem, ao mesmo tempo conseguem trazer à superfície um eco enigmático da palavra proibida. Cada vez que ouvimos esse eco, o mundo balança como a linha vermelha pela passagem dos carros, como o Maracanã pela alegria dos homens.

Roubar esse eco das entranhas do interdito é uma das tarefas principais a que se consagra a poesia de Alberto Pucheu. E aqui começamos a adentrar sua singularidade: é que é precisamente essa tarefa a determinação do que a própria obra postula como sendo - *o poético*. Eis um eco: “Dizer o que não pode ser dito, nomear o inominável, eis o enigma do poético ao qual o escritor dedica seu voto. No momento em que o inescritível ganha corpo na palavra ou, se quisermos, no momento em que por ela é dado percebê-lo, dá-se a realização do poético”.

Eis outro, diverso, da mesma impossível palavra: “A paisagem deposita uma árvore no silêncio / de meu corpo, entre a pleura e o baço, / um gavião voa pelo intestino que se alarga / à sua passagem, uma cabra rumina meu coração”. Assim, seja por via do conceito, seja por via da imagem, os arranjos devem falar, a seu modo (im)possível, teorizando-a ou encenando-a, essa encruzilhada do real com a linguagem, essa indiscernibilidade.

Daí Pucheu lembrar, em mais de uma ocasião, a célebre passagem da *Poética*, de Aristóteles, em que o filósofo afirmava a impertinência de se denominar poético um tratado de medicina em versos. Não, o verso não é, em princípio, poético, precisamente porque o poético é aquilo que não se dá a princípio. O que é o poético - essa negatividade fundamental, que o saldo das vanguardas tornou impreterível à consciência moderna -, Pucheu, entretanto, determina-o, para os fins específicos de sua própria poética: é “a solidão das frases desconhecidas”, são os arranjos inusitados, é a linguagem em estado de alteridade, é ter “o indecantável por divisa”, é formular ou encenar a palavra “criadora contígua do real”. Em ritmos e imagens - ou em abstrações teóricas. É por isso que *A fronteira desguarnecida* impôs-se como título dessa obra reunida: porque se trata de um arranjo que encerra, simultaneamente, dois dos movimentos principais dessa poética: a indistinção entre real e linguagem, corpo e cidade, carne e máquina, e a indistinção entre os gêneros, poesia e filosofia, com seus respectivos corolários, imaginação e conceito, ora subordinados à indiscernibilidade do poético determinado por outros alcances.

Mas toda essa movimentação da linguagem rumo ao imprevisto e ao real está vinculada, e talvez mesmo submetida, àquilo que é o centro ético do conjunto da obra: uma inabalável confiança na escrita, sua sempre renovada afirmação. Trata-se de uma *gramatofilia*. Mas qual o sentido dessa amizade fiel à escrita, se “escrever desconhece re-

denção”, se escrever é engajar-se naquele *interminable, incessant* de que falava Blanchot? É que a saúde semiológica desses escritos, de onde deduz-se uma saúde existencial, reside numa ética do desconhecimento, da invenção, do outrar-se, do esquecimento. O sujeito é precário, móvel, inconsistente; mas faz dessa inconsistência mesma, como nas palavras de Celan, sua força: “sobre inconsistências apoiar-se”. Ocorre que aquilo que possibilita ao sujeito esquecer-se, outrar-se, transformar-se, a cada vez, no inusitado que se ergue à sua frente, é a escrita. Daí a saúde a toda prova dessa poética: ela é voltada para a exterioridade, para a “íntima estranheza” em que a escrita lança aquele que, por sua vez, lança-se à escrita. O elogio da escrita que atravessa todo esse livro adquire sua dimensão ética no fato de que nela, na escrita, situa-se a viabilidade de uma forma de vida.

Daí que essa gramatofilia exija de nós uma série de manobras transvalorativas. Para começar, seu imperativo ético é o justo oposto da inscrição grega no templo de Apolo, em Delfos, em sua difundida versão latina: no lugar do *nosce te ipsum*, “conhece-te a ti mesmo”, portanto, um desconhece-te a ti mesmo. No lugar de uma poesia ensimesmada, ruminante, uma poética *ex-simesmada*. Ao invés de uma autoestima, o “admirário”, o saber manter-se em estado de espanto, perplexidade para com a vida: uma, logo, heteroestima. No lugar da intimidade, uma *extimidade*. A saúde, ética e semiológica, desses escritos reside, nota-se, em sua fidelidade a esse prefixo grego: *eks-*, aqui anteposto, implicitamente, a cada palavra, a cada arranjo: “Nenhuma intimidade que não seja com o estranhamento”. Se é verdade que os nômades são o mais sedentário dos povos, pois só se deslocam quando obrigados (por não se moverem, não plantarem, são condenados a mudar-se), os escritores, esses, podem ser os mais nômades entre os sedentários - dizem que Kant nunca saiu da pequena Königsberg -, pois deslocam-se radicalmente por via da escrita.

E a escrita, aqui, assume diversas manifestações, sempre engajadas, em profundidade, com a formulação/encenação do indistinto ou com a “íntima estranheza” dos novos arranjos. Desde a fala colhida nas ruas, com que se abre esse livro, e que depois viria a se desenvolver e radicalizar na poética trans-subjetiva de *Já que não há cabeça nem lugar para o que passa*, passando pelo tom meditativo do belo poema de abertura do livro *Ecometria do silêncio*, chegando à extraordinária série sobre o mundo do boxe, *A nobre arte*, trata-se de um livro cuja fatura não se repete em momento algum. Ora tende ao poético (em sentido “tradicional”), como no livro *A fronteira desguarnecida*, ora tende ao conceitual, como nos *Escritos da indiscernibilidade* - lembrando sempre que o que se apresenta como decisivo não se revela no horizonte dessas diferenças.

Passando rapidamente por cada um dos livros, o primeiro do volume, *Na cidade aberta*, desde a epígrafe e, sobretudo, no poema final já antecipa algumas das questões principais da poética de Pucheu: a fala, o inesperado do cotidiano, a indistinção. O livro seguinte, o já perfeitamente realizado *Escritos da freqüentação*, tende ao conceitual: inaugura, no interior dessa poética, o que podemos chamar de um pensamento nu, pensamento do pensamento, pensamento da essência do pensamento, no mesmo sentido em que Blanchot falava que a poesia de Char era uma poesia da essência da poesia. Depois, *A fronteira desguarnecida* investe em ritmos e imagens, é uma poesia fuliginosa, feita de arestas, quinas, ferro, trancos, solavancos - uma poética do engavetamento, ou, se quisermos, uma poética ungulada, aludindo ao antológico “Poema ungulado” (que aqui não transcrevo para preservar a surpresa).

Continuando, de *Ecometria do silêncio* poder-se-ia dizer que é um livro confessional, não fosse o eu que se “confessa” tão inconsistente a ponto de afirmar: “Nunca me reconheci em nenhuma frase, estive

sempre perdido, e, hoje, só tenho essa perdição sem qualquer esperança”. Já *A vida é assim* é uma poética da imanência da vida, de uma vida trans-individual, impregnada na linguagem do cotidiano. Essa vida trans-subjetiva procura ser capturada, em fatura diversa, através dos arranjos (em sentido estrito: textos que Pucheu monta com frases alheias) de *Já que não há cabeça nem lugar para o que passa*. Em seguida, *Os Escritos da indiscernibilidade* conduzem-nos a pensar que a poética de Pucheu radicaliza a vocação do escritor-crítico moderno, fazendo com que a crítica não seja, nem uma atividade lateral, nem apenas o substrato de uma obra literária, mas que ganhe a superfície mesma do texto, numa escrita que não pode renunciar a, simultaneamente, pensar a si mesma. Finalmente, os inéditos em livro *Escritos para o lado de dentro das lentes dos óculos* e *Performance para um corpo concentrado em sua voz*, este último composto por duas séries, uma homônima ao título e a outra contendo poemas ficcionais sobre o mundo do boxe.

Percorrido o livro, não se pode deixar de trocar a palavra: percorreu-se uma obra. Este *A fronteira desguarnecida* é, seguramente, uma obra, não no sentido do significado estanque e consolidado, tampouco nas ressonâncias solenes dessa palavra, mas no sentido da homogeneidade, da obsessão, do mesmo, do corpo, do retorno das questões em espiral, do conjunto de formulações, da relevância, do contorno, do vigor e, talvez, sobretudo, da fidelidade à escrita, longe de qualquer veiedade, e sim como necessidade de sustentação de uma forma de vida: gramatofilia.

NA CIDADE ABERTA
(1993)

*assim, na bucha,
eu não falo não,
mas deixa eu me esquecer
que, de repente, eu falo*

(poema colhido na boca de um
transeunte na Marina da Glória)

DOIS POEMAS EM LUGAR DE PREFÁCIO

caem as palavras
se não bastassem as folhas
e os pingos da chuva

POEMA DE PAPEL

e a caneta
amanheceu pincel.
verso:

um traço
curvo,
bambu japonês,

papel –

NA CIDADE ABERTA

Mito

O homem
acordando no porão

subiu o lance
da escada

abriu a porta
ensolarada

não viu nada
Voltou-se então

para o quarto
e viu

diógenes
com a lamparina

nos olhos
do dia

CIÊNCIA

Os poemas
ficarão guardados

no cofre de ferro
vazio

de uma embarcação antiga
Não

por superstição
Apenas

para agarrarem
mais facilmente

o silêncio

CIÊNCIA, Nº 2 (OU: PENSANDO MELHOR)

Os poemas
ficarão guardados

no cofre de ferro
de um dos bancos

das esquinas do bairro
Não

por superstição
Apenas

pra descolarem
mais facilmente

alguma grana

POEMA

feita por alguém
que visava

outro fim,
a televisão

é um objeto
de decoração

estranho,
algo

entre um dinossauro
e um camelo

dormindo
na estante

do quarto
de 9m²

AVENTURA, Nº 2

Ulysses no mar
na correnteza
para os braços
do ciclope
Desta vez não há vitória
O monstro cego
que tudo vê
conduz
a nave
de volta para o Lar

LOS OLVIDADOS

O pescador sabe
de cor
o alfabeto das areias

e das espumas
que pronunciam
branco

As frases azuis
da maré
trazem na dicção

o sotaque
das marretadas
diárias

da rocha
do mar
da canoa

Quando chega
a noite
ele canta

melodias
de embalo
ou ritmos

guerreiros

PISTA DO BEM-TE-VI, URCA

Nos acostumamos
com os fragmentos
nas avenidas

mas no dia
de sol
quando

o universo
é um círculo azul
voltado para dentro

e as ondas
arrebentam na audição
iluminada

qual não é
a admiração
de um jovem

tranquilo
nas margens
da água

por entre os dedos
escapa
a própria mão
(e os dedos).

por entre a mão
escapa
o próprio braço
(e a mão).

por entre o braço
escapa
o próprio corpo
(e o braço).

por entre o corpo
escapa
o próprio ar
(e o corpo).

por entre o ar
escapa
o próprio céu
(e o ar).

por entre o céu
escapa
a própria mão
(e os dedos).

DA CONDIÇÃO PRIMEIRA

Com a licença de todos os santos
e a de meu pai Oxalá
pego nesta encruzilhada o prato de comida
A fome é grande
e é pela minha boca que comem os deuses

DA CONDIÇÃO PRIMEIRA, Nº 2

A máquina escarpou cerúleo
prensando Ares contra o asfalto sufocante
do trânsito
Ônibus sirenam fumaças
atiçam a engrenagem do peito armado
de ferros e estampidos
Na esquina da conde de irajá
um caminhão de mudanças
estupra a kombi branca de frete contra o poste
O sangue atira pela janela
o corpo rude de um homem
É de sua testa que jorra a voz prolixa
para refeição do mais faminto dos deuses

A POESIA PASSEIA PELO RIO

antes de acordar na página, batizada,
ela faz sinal para o ônibus (assiste um
assalto), recita um Pai-Nosso sem palavras,
vai à feira, percebe o silêncio do asfalto
amarrado no sol, caminha pela av. Rio Branco,
não agüenta o soco das palavras desenraizadas.
então, desmaiada, derrapa numa curva, e,
capotando colina abaixo, presa
por entre as ferragens da página, de
repente, ela fala –

EM MAR ABERTO, Nº 1

um leitor de distâncias
a respiração azul
do mar
o vento na superfície
é pouco
mas as linhas brancas das ondas
arrastam, da areia,
seu nome, seu sobrenome,
para outras paragens,
difíceis, mas possíveis
de navegar:
onde tudo é fundo,
soletrando corrente

em deriva,
sem faltar nem mesmo
sulcos
da margem
na amplidão

EM MAR ABERTO, Nº 2

a isca que voa no arremesso da linha de pesca
é silábica.
o chumbo, quando explode ornamental,
certificando-se da força linear
das ondas,
deixa para trás sua história
e a física do mergulho não lhe diz respeito.
no ar, um cheiro
de peixes
vindo de distâncias irrespiráveis
atravessa o lodaçal
aquático
dando piruetas virgulares
nas rimas singulares
que entrelinham
mar
com ar

I

folhas baganas
cascas de tangerina
fumaça
sacolas de supermercado.
a sola pisa
nos traques da cidade,
dobra
a esquina, larga rastros
inventados
na rua de papel.

II

a sinalização indica,
por detrás
da maresia:
CIDADE:
lugar que acolhe
asfalto e sol,
ondas e pontes –
onde memória é a palavra
azul, filha de céu e mar
no horizonte desta página.

III

a água elétrica
do mar
acompanha a dicção,
bombeia
no refluxo
a convulsão movediça
do solo barrento:
a areia virada, o avesso,
o atravesso dos ossos
num só coração

IV

e um vão
súbito
arrasta esta cidade –
maresia que neblina
engolindo carros
pontes
mastros
e sinais
para o quarto oculto
onde o sol reclusa.

a esquina
nos pulmões
do cego
engrena métricas de motores,
rima cano
com maré.
lâminas
de liquidificador
atravessam
sua voz,
lascam os olhos dos transeuntes.

um José, ferido num canto, entrega seus restos a uma simples
pergunta:

qual é mesmo o nome da sensação
de quem anda?

da sensação de quem anda
pra lá de dias,
num movimento de pernas
que não se deixam parar —

próxima saída para deodoro
às dezoito horas e sete minutos
plataforma dois linha b
 alô ráls paga mil
bananada é cem bombom serenata dois é mil
 de mil e quinhentos lá fora na minha mão é mil
cem alô bananada é cem cruzeiros
 dois mil o isqueiro dois mil alô ráls paga
 mil é o verdadeiro paga mil
 biscoito globo promoção globo
conféti da quibom dois é mil
conféti
 conféti da quibom é o legítimo dois é mil dois serenata
 é mil serenata dois paga mil
 dois serenata é mil bombom garoto
 dois serenata é mil
cem grama de bala é mil bala de qualidade
cem grama é mil
 olha o nacaíama é setecentos
 amendoim é japonês
lanterna chinesa de grande utilidade em sua casa
paga três mil é pequenina e de qualidade
cem gramas de bala aí pagando mil
 olha o fribel
 jujú bamericana dois é mil
o tijolão é mil prestígio é mil tijolão de bananada
dois é mil
vai pagar cinco mil aí uma coleira e uma corrente aí

para amarrar o seu cachorro ou o seu filho vai pagar cinco mil aí
 jujú bamericana dois é mil
 tesoura é tramontina dez mil é cabelereiro
super corte é dez mil na loja americana é vinte e cinco mil
caldo de galinha é promoção ein
só paga dois e quinhentos
 só paga dois e quinhentos ein

ESCRITOS DA FREQUÊNCIAÇÃO
(1995)

*Et si, n'ayant jamais habité le mot,
le secret était le mot même?*

(Edmond Jabès)

GENEALOGIA

No princípio eram as letras
Desarrumadas Quando nem alfabeto
havia De sentido
apenas a própria matéria
letral Os arranjos faziam-se
Por entre xsc vhal deim
deu no que deu: num verbo
Depois noutro e noutros A partir daí
tudo ficou mais fácil
As letras aprenderam a movimentar-se
De seus encontros nasceram
coisas como mar dobradiças-
do-asfalto homens sol
roldanas-do-engano chaves-de-fenda
(estas últimas serviam
pra desmontar os encaixes
— com elas é que se descobriu
que dentro de todas as coisas
são letras que existem) Tempo virá
em que os arranjos voltarão a lembrar
estas sintaxes E traçarão outras
Estrangeiras
Começando sempre por onde nunca
se sabe

NA CIDADE ABERTA, ESCRITOS

1. Do esbarro da mão
em uma língua
nasce um mundo
2. Entre duas distâncias
na palma da mão
o mundo
correndo pelos dedos
3. Começo os alicerces da
cidade
com apenas seis letras
4. Uma cidade é sem começo
ele disse
todo começo já está na cidade
5. Vagarosamente as linhas
mapeiam espaços
delineiam ruas e deixam
baldios

6. Toneladas de concreto não racharão
estas páginas
7. Os trilhos e os dormentes
se amotinam
as vias encontram desaglomerados
8. Qualquer escrita é permanecer
em movimento
quem escreve jamais deixará de ser ninguém
9. Surpresa: tapa
do involuntário
10. Caminho pela calçada
dia após dia
como quem mergulha no fundo
de um esquecimento
11. Cidade: massa pluriforme: elasticidades
encolhimentos
seguindo arranjos
12. Maleabilidade voltada
para dentro
13. Os vergalhões traçam
a emboscada:
ninguém se erguerá por sobre
a cidade nem
trafegará nos arredores

14. Exterior é uma palavra dotada de pretensão
15. Qualquer estrada conduz
o centro
em sua extensão
16. Exercitar o fôlego mastigar frases
alheias
levar as sobras para o amanhã
17. Uma linha traz
em seu dorso
o seu reverso
18. A celebração precisa da escrita para
completar-se
19. As letras são a senha a palavra
o enigma
20. Quantos potes de tinta
para escrever a palavra gol?
21. Certas palavras me encurralam
(me curram) com a certeza
dos vitoriosos
22. Um dia saberão a dimensão
do desprezo das palavras pelos homens

- 22a. ... truncados pelo destino de alguns
vocábulos
23. Filhos da guerra
do desconhecido
24. Os subúrbios do homem
têm mais curvas que os dos bairros
25. As pistas sem sinalizações
Ter por direção as pernas:
perdição
26. Ver a invisibilidade
das palavras
até que elas apalpem
nossas mãos
27. O pensamento quando expulsa
as palavras
é seqüestrado por elas
28. Palavra: uma trepidação de sílabas
desconectando chegadas e partidas
29. Palavra: descarrilamento
30. A cidade aberta não se ergue
para cima mas
subterraneamente

31. 1ª lei anti-claustrofóbica:
Respirar o ar
que há
na palavra aberta
32. 2ª lei anti-claustrofóbica:
Para que os trincos não tranquem
converter a convenção
em invenção
33. Qualquer esquina é ilusão de um fim
qualquer fim alusão a um começo
pelos mares da cidade
começo e fim submersos
34. Página névoa mar
não há esquinas no pensamento
35. A história se afoga deixando nas pontas dos mastros
bandeiras rasgadas
de sal e sol
36. A cada instante a escrita: uma cidade
indicações de vogais a lida
a buzina do dia o quieto
na noite - as direções
múltiplas
um único caminho

37. Esta cidade é para os que sabem
esta cidade é para os que não-sabem
os que não-sabem não têm lugar
esta cidade é não-lugar
38. Cidade: lugar em que os contrários cedem
39. Sede

ESCRITOS DA FREQUÊNCIAÇÃO

GRÃOS

1. Letras granuladas amontoam-se
na página Grãos sobre grãos
Grãos ao lado de grãos Pulsam
as palavras As areias começam
na escrita Respiram Esforçam-se
em balbuciar Elas vivem
2. A letra r vibra nas palavras
r de grão r de areia r
de frequênciação A letra r
está no cerne do verbo no cerne
da morte no cerne do cerne
Ela quer morar nestes escritos
3. As páginas estão cheias de vozes
Que circulam o mundo em busca
de outras Que atravessam dunas
para não se calar Que conversam
com areias Que secam ao calor
do sol Que cruzam a morte

4. As páginas: uma freqüentação de
vozes ressuscitadas das tumbas
levantadas pelos pés como os grãos
do caminho Vozes colhidas
no vento Vozes deste
e para além de qualquer tempo

5. Os escritos pertencem a todas
as vozes Os escritos
pertencem a todas as coisas Os
escritos pertencem ao secreto
e ao silêncio Os escritos
excedem estas palavras

AREIAS

1. Escrever para inventar uma
vida que se apaga Como a de
quem traz uma borracha na sola
do pé Nenhum rastro sobre-
vive nas areias Nenhum passo
é fotográfico Nenhum

2. Andar é verbo na esvanecência
de um passado Em direção
a um futuro que as maresias
não nos deixam ver Andar é verbo
na freqüentação de um presente
em que só temos o que perdemos

3. Por entre os dedos escoam as
águas da mão Olhos ora se abrem
ora se fecham perdendo o que as
retinas haviam conquistado Barulhos
se dissipam tão logo os ouvidos
os agarram Só há memória do agora

4. Em movimentos que modelam o
mundo as pernas batem o chão
Atravessam areias Passo a passo
alcançam o que as retinas não enxergam
o que os pensamentos não atingem
Pernas: para não haver distâncias

5. Andar Enquanto os grãos se movem
nas areias Enquanto os grãos se
perdem das areias Enquanto as areias
fogem no vento Andar Enquanto
grãos areias e vento encontram
todos o mesmo esquecimento

ESCRITOS DA REBELIÃO

1. Inclinado sobre a folha de papel,
diante do nome, inclinado,
que surpresa me aguardará?
2. Nasci de um excesso na palavra
aberto: o de uma letra-
livro, o de uma letra livre.
3. A liberdade da letra é escrever seus limites,
lançar-se ao livro, delineá-lo, descobri-lo...
4. A solidão do leitor, a do escritor
e a da página
encontram-se na tinta grafada.
5. Como os dedos precisam do ar
para se abrir, uma palavra
precisa de suas companheiras.
6. Inúmeras línguas com as mesmas
letras. De um alfabeto, milhares de palavras;

bastam poucas para inventar quantidades de pensamentos.

- 6a. Milagre de arranjos.
7. A proximidade desta frase com a seguinte não é maior que a do fim de um livro com o começo de um outro.
8. Pela estranheza ou pela intimidade (sempre pela perplexidade) começa-se a escrever.
9. Como viver sem o solavanco do espanto?
10. A admiração convoca o homem quando cinco palavras o relegam à solidão das frases desconhecidas.
11. Falar: acordar com a rasteira de um esquecimento.
12. O tiro de uma frase pode ferir muitas vidas.
13. Toda frase tem seu próprio peso; e mais nada. Houve alguém, um dia, que morreu com um saco delas na cabeça.
14. Deixar ao punhal os tumores

malignos. Que sobrevivam
membros amputados, porém são.

15. Para alguns, a distância dá-se em
jardas; para outros, em metros;
ou em quilômetros, para os mais
rápidos; para mim, não há distância
quando há palavra escrita, maturada.
16. Nenhuma mediação entre as pernas, o silêncio
e as palavras.
17. Homem: um alfabeto desconhecido
querendo inventar uma língua.
18. Uma vida dominada por palavras;
para tornar-se um ponto de interrogação,
o corpo espera apenas uma brevidade.
19. Em toda existência inscreve-se, ditadora,
uma frase.
20. A era da rebelião das palavras.
21. Esses malditos cães, os homens
que se sobrepõem.
22. E disse-me, pouco antes de morrer: com poetas,
menosprezá-los mediante o pensamento; com pensadores,
menosprezá-los mediante a poesia.

23. ... encruzilhada domando a travessia...
24. Escrita, lugar de
tensão. De atenção.
25. O branco da página entre uma palavra
e outra, entre uma letra e outra, entre
uma letra e si mesma. O branco
da página: sintaxe das coisas.
26. Duas paragens circundam uma respiração;
um pensamento – atalho entre duas paragens.
27. ...fragmento... intervalo...
28. Dois mil e quinhentos anos me aproximam
deste instante.
29. Qualquer frase enterrada
pode ressuscitar quando menos se espera.
30. A escrita medindo minha força com a de meus
companheiros.
31. Pugna de palavras, mais que de gente.
32. Alguns escritos envelhecem
contrariamente aos homens: mais anos,
mais fortes.

33. A perfeição de um livro não conhece evolução.
34. Ler o nunca lido, eis a justiça.
35. As frases modelam a tinta
com a intimidade que teus seios modelam minha
mão.
36. O termo, no extremo
do pensamento.
37. Esses passos infindáveis,
esbarros mais do que
próximos, ó pedaços!
38. Um fim já nasce abortado. Nenhum ponto
é final.

PÓS-ESCRITOS

1. Fim de um livro. Pesa no papel
a palavra esquecida.
2. Nossa contínua condição
de indigência se nos defronta.
3. Escrever desconhece redenção.
4. Nem perguntas. Nem respostas.
A suspensão bate o ponto
do pensamento.
5. Esmurrar a bruta
ausência até que se abra a ferida
de uma epífrase.
6. No duro combate, rixa
e comunhão sinonimizam.
7. A miragem da frase comida
por seu vão.

8. ... e a fronteira esvaecendo-se,
desguarnecida...
9. Condizendo aos arranjos, também
o esfacelamento das letras.
10. A era da rebelião
das palavras. E a do
inefável.
11. A prisão de uma frase
mantém a porta aberta a quem souber
encontrá-la.
- 11a. Dá-se o passo. Atravessa-se
a grade: escutar o silêncio
é soletrá-lo.
12. Pertinência: quando
uma exceção
fica plena de voluntariedade.

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA
(1997)

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA

Pela primeira vez, uma perna quer sair por minha boca, espremida. Um braço quer sair por minha boca. E o que ainda há de genitália, e o que ainda há de intestino, e o que ainda... Quer sair por minha boca. Uma parede, uma hélice, um vidro de janela querem sair por minha boca. Um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil. Sob o testemunho pânico de alguns, uma desordem no corpo e nas coisas, uma fronteira desguarnekida entre a pessoa e a cidade.

NA CIDADE ABERTA

“... a fito de desenvolver mais estudos e
apuramentos só de cidade”
(Riobaldo, João Guimarães Rosa)

I

Tempo de espera... aeroporto em terra estrangeira...
Tempo do pote de tinta cheio. A cidade abre a noite de
páginas escuras. Nenhum vislumbre de mar na pista
dos olhos. Nenhuma areia que margeie esta saudade.
A melodia afônica do frio governando a pulsação do
fuso-horário. Miragem. Sem palavras, as ruas impe-
didas pelo débito, o íntimo solapado pelos passos da
distância, a cidade traficada por turistas; cartão-postal.

II

Ausência de palavras, preguiça do homem; excesso
delas, estafa. Os filhos da cidade: não há outro moti-
vo para tê-los senão o de nomeá-los. A medida de cer-
tas sílabas perfazendo uma habitação, com o movi-
mento da mão entrelaçando o pensamento. O meta-
bolismo suscetível de quem fala. Quantos bairros as
palavras abrem para nós, quantas cosmogonias! Elas,
últimos redutos da aventura.

III

Tempo de prumo. As frases alastram pela manhã uma paisagem de títulos. Revoada de senhas... espuma de tiros... Algumas vezes emprestam músculos para que se toque com o corpo o mar. A proximidade impelida pelas braçadas no esquecimento: de escamas, sargaço e tinta, o mergulho de um homem. O presente de transparências. E o sotaque oracular no momento da vazante. A cidade habitada pela praia, consentida.

IV

A cidade se mostra, sempre aos pedaços. Os requintes do arranjo mantêm o encanto, desdobrando-se dos céus ao aiucá; do que eles esquecem, quem poderá lembrar? Freqüentação... convivência no estampido da memória e do esquecimento. Os cidadãos amam esconderijos, como as frases, as esquinas e o tempo. Logogrifos. Por medo da solidão, o mistério jamais abandonou a cidade. Jamais as palavras.

V

Um despacho paira na encruzilhada encorajando alguém: um homem, um povo, uma raça. Na contra-mão, um outro provoca o seqüestro de qualquer esperança. Ninguém sabe ao certo que alimento arrastará os acontecimentos. Nem como subornar os imperativos do arranjo. A cidade, sem direção, cativa na permanência do desassossego.

VI

Toque de carne, cimento e mar. Cada pessoa tem uma hora marcada com os domínios da cidade, passando pela ponte curvilínea que freme nas fendas necessárias. Esbarro de gente nos prefixos do asfalto. O atropelo das buzinas legislando obrigações. A milícia do barulho provocando detenções. Os arranjos de surpresa da cidade, acatando os acidentes como acasos celebrados.

VII

Vidros de mãos dadas, marquises conjugadas, portas enfileiradas. Grudadas umas nas outras as paredes enganam a solidão. As estátuas dos santos tremem nas salas. O prolixo das coisas rindo-se de nós. Sebastianópolis: um corpo baleado por paisagens. Ao homem perdido no meio da rua resta a praia, exceção primeira na cidade. Habitar pela lição de quem nada, cumprindo da terra o vasto, e mais nada.

VIII

Estilhas atravessam à revelia as ruas, balas perdidas em carne transeunte. Escoriações no homem comendo o cidadão. Pulsos esbarram em cotovelos. O corpo, entregue ao burburinho dos feirantes, ao grito de assalto, às falanges da torcida em seu canto, não quer descanso. Uma bandeira se desfralda pela coxa,

uma culatra se aloja na axila, uma cédula nasce do nariz. No vozeio dos arranjos da cidade, o vôo inesperado da sintaxe e do sentimento.

IX

Os desejos da cidade intrometem-se nos corpos, galeiras simultâneas desfazendo pela dança tiranias. Cantos... bailes... charos... arrastões na areia do refúgio. O gatilho das línguas disparadas ao mesmo tempo. Berimbolam as fronteiras desta terra. Membros errantes implantam-se entre si. Pernas de bárbaro em braço cidadão. Carburadores do morro na engrenagem do asfalto. Cabeça de rodas e chassis. O convívio com esbarros provocando, a cada instante, adesões.

X

Um corpo preto passando altivo por entre os carros na velocidade disparada do trânsito. Mulher suada de calcinha e nua no asfalto quente da beira da praia. Sol em pé, a pino, peitos, porta-estandarte do deus do amor... mansão inesperada da pobreza. Ferro temperado, aro, a carne atropelando os carros, palavras pretas e suadas no embalo atravessado desta raia.

XI

Morromares, favelasfaltos, centrobúrbios, pontilhas: a cidade em planos misturados, aberta a quem por

dentro a percorre. Pernas atávicas nomadizando grades de interiores sedentários. Esta cidade tem becos e amplidões, buracos e relevos, encostas e planos... tem fronteiras desguarnecidas e o esquecimento da busca e da espera por pernas aventureiras.

ESPÓLIO

“Estamos entre ruínas”
(Manoel de Barros)

ÁGUAS

Águas disparam contra os rochedos, com metralhadoras empunhadas realizando o espetáculo. Quando amigas, unem continentes desconhecidos desde o princípio. E as inimigas ligam terras distantes por batalhas infindas. Águas suportam o fogo das naus invadidas, guardando inacessíveis nossos mortos com zelo e carinho. Mar de águas tingidas de sangue antigo. Águas que acolhem os arranjos de todas as ondas: mesmo aquele, imprevisível, mesmo aquele, tido impossível.

TRÓIA REVISITADA

Aprendo a paciência na espera de Aquiles. Quantas horas faltarão para a morte de Pátroclo? Ou serão décadas que terei de esperar? As páginas, ampulhetas de papel, caminham em semicírculo de mãos dadas com o sol. De que cor estarão os cabelos de Helena?

Que língua ela falará? Soube que de sua voz saem líquidas vermelhas, e que um homem perdeu a coragem em troca de seus seios. Sem pressa pelo mediterrâneo, o destino, despreocupado com a velocidade de Xanto e Balio, os divinos cavalos de Aquiles.

PROMETEU

Suportarás as dores das colunas do abismo. O ferro da fronteira cravado em teu corpo apodrecerá, grilhões corrompidos por ácidos do tempo. Raios queimam os mais fracos. Os arranjos em breve derrubarão o mais forte, plasmando incessantes as ordens do dia. Tua força: a espera. E o serviço de artesanias atrelando o divino à terra. Ó deus refratário! Teus elos de sangue: o irmão, os homens: tua família.

MITO

O corpo, avulso, acorrentado pelo olhar. A parede aparentando vultos, e o medo da multidão desprendendo-se do cimento. Uma ousadia de sombras. Rompendo com as amarras do porão, o rosto revira-se. A escada. O fogo. As palavras. Imprevisto claror nas retinas inarredável. A vida nos porões... quanto mais se quer expulsá-la, mais ela se incorpora.

As canções acompanhavam o som da rocha rompida pelos troncos da paisagem. Que árvore rangia na passagem pétrea uma lentidão para sempre perdida? Murmúrios... fetos de linguagem. Ou o rostir do tempo contra lábios desamparados! Cantava-se: não eram barganhas com o divino. Cantava-se: não eram cantos de apoderamento. Os cervos já não existiam; os bisões não requisitavam; quando dentro da gruta o homem descobria o canto que o atravessava.

POEMA EM VÃO (OU POEMA UNGULADO)

O que dele me aproxima, me afasta. Anterior a mim e a Adão. Chifres alinhados do mistério perfurando desde o couro até a lua. Saco de cimento. Lama embrutecida. Trator. Tanque de guerra. Navio encalhado em terra seca. Nunca escutei sua voz, que do silêncio anuncia estrondos.

Se vós pudésseis me escutar, ó santos, por dentro dos adornos das paredes, pediria a salvação. Não a minha. Não a do amor. Nem a da humanidade: fazei com que os rinocerontes vivam (com sua maravilhosa estranheza) ainda depois de o mundo acabar.

POEMA PAQUIDÉRMICO

O galope submerso do cavalo dos rios não faz barulho algum. Ele corre, como as águas em seu fluido incessante, sem nome. Sem peso. Quatro toneladas de ossos e músculos tão leves quanto algas. Nem rio há neste recôndito de intimidades imprevistas. Mergulhar, para sentir profundidades borbulhando de dentro do próprio corpo... Para sentir a boca do espanto se abrindo, até morder o coração de quem nada.

NO RIJKSMUSEUM

Resto de cachaça em garrafa de mendigo. Amarelo de lâmpada na mão descarnada. O fogo. O corte. O tiro. Rebelião de cores redimindo vísceras do mundo. O rosto atravessado pelo espaço. A árvore de vento em nuvem. Deitada na cama, a ausência, sentada na cadeira, de pé nas botinas. Os corvos rumam para o céu sufocante, espantados pelo último estampido dos trigais.

**DEDICADO A UM LIVRO DE RENÉ CHAR,
NUNCA ABERTO, NA BIBLIOTECA DA
MAISON DE FRANCE DO RIO DE JANEIRO**

O céu áspero e ferruginoso da página. A divisa do tempo folheando o livro há trinta anos fechado... Os sons perdidos. Sem afago de mão, sem volúpia de bocas, sem o raio dos olhos. A pausa de uma vida escassa. Um quase exilado, este arquipélago submerso? Um deus impelido ao último alento? Que vontade de vento nas letras esparsas! Que entusiasmo, o necessário!

ESPÓLIO

Saqueados os vestígios da fronteira. Que falange exerceu esta pilhagem, impondo as demasias da conquista? O arrebato governando cada instante na paisagem. Todo arranjo inscrito nos muros navegados... no desembarque em território rendido às gestas incansáveis. O canto exato do solo e dos atos: espólio para sempre partilhado.

**CANTO DE MORTE DE UM TAMOIO MORTO
HÁ QUATRO SÉCULOS, RESSUSCITADO
HOJE EM MIM**

Falam melhor os tolhidos pelas lacerações, conjugando a circunstância com o momento necessário. De atalaia, os ossos pisam a busca e a terra. Carregam nos ombros as cargas vergadas por grimas. As trilhas olvidadas por entre os vãos do movimento. Estas pernas magras, aprendendo contornos e atalhos, trincheiras e galhos, dependuradas nas redes do aniquilamento.

MEMENTOS

Epitáfio de Antônio Vieira: *Aqui jaz, leitor, aquilo que, agora mesmo, tu és.*

*

Pó por entre as mãos, rolando, até que assente em pó parado. Pó: este fado que enfrenta qualquer homem, turvando-lhe a visão no viés de cada dia.

*

No começo um vão, e linhas para cerzir uma ilusão encadernada. Não fosse o livro uma lombada, de alto a baixo esfarelada sem poder ser restaurada.

O ALFERES

Se a vida o quisesse de novo, voltaria, desdobrado, com as dez vidas que não teve, mas que lhe deram ao matá-lo. Pelos dez cantos do mundo, voltaria, com destino vário: o das dez partes em que os cavalos o cortaram. Voltaria com os pedaços espalhados: as pernas conspirando na Europa, os braços maquinando pelo sul, a cabeça proliferando em todas as cidades. O desejo de voltar segredado pelas praças. Se a vida o quisesse de novo, voltaria, despedaçado.

CANUDOS

Lugar que esconde uma sílaba, degolada, debaixo do cangaço. Uma história de facas, o ventre da seca destripado. A vida pelo avesso na defesa do milagre. A bandeira do delírio construindo a resistência na cidade. Paredes do divino, sinos, ladainhas do combate. Do meio da raleia congregada, a lição conselheira se espalha, invadindo as capitais: a balbúrdia do silêncio alucina.

SOLILÓQUIO DA MISÉRIA

Amputaram-me a língua e os dentes. Quebraram-me as maxilas. Humilharam-me: minha boca já não morde. Minha fome já não dorme; o que tinha não mais tenho.

*

Seja a miséria a voz que ousa dizer: tudo sofri. Seja a miséria a voz que ousa dizer: quero agora esta boca como está. Seja a miséria a voz que ousa dizer: lançarei este instante no devir... seja um prenúncio do alevantamento.

*

Poucas palavras para este rosto de músculos quebrados buscar vozes que queiram com a sua se unir. A boca aprendendo, forçada, o contorcionismo das dores soletradas. Nosso solo: sussurros abafados, projéteis, o livro do presente, do passado, e do porvir.

EXCERTOS A PONTO DE PÁGINA

*um livro grande é igual
a um grande mal*

(Calímaco)

Edificar escombros,
como uma coleção de epígrafes.

As sobras do tempo revelando compromissos.

O mais novo interdito: não há lugar para o livro.
Transgressão em exercício: o livro como lugar.

O sotaque das línguas de uma cidade.

Quando a aderência entre papel, cidade
e tinta não atura repelentes,
a palavra a ponto de página.

O poema comporta assunto
e assinatura; poesia:
um exclamativo tautológico.

Genealogia. Logogenia. Também em algumas palavras a ordem dos fatores não altera o produto.

O visível e o invisível não são tarefas para o escritor, mas para o pintor. O inescritível, como escrevê-lo? No entremeio, um sentinela com senhas.

A frase,
no prelo do pensamento.

A mesma frase acerta a presa mirada e outras,
trazidas pelo arranjo.

Cada vogal, consoante, acento ou pontuação,
combatendo-se de modo seletivo.

Verso: espólio: não o começo
da guerra;
sua consequência premiada.

Muscular, a palavra exercita
a resistência. Do pensamento.

Em solo estéril, ainda assim, reclusa como um coco sobre si,
uma palavra agüentará milênios. À espera de um sismo que a
ajude novamente a respirar.

A última palavra desdobra-se pela página...
Cissiparidade.

... a miséria e o perigo de uma frase
estancada...

ECOMETRIA DO SILÊNCIO
(1999)

*Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.*

(Alberto Caeiro)

ECOMETRIA DO SILÊNCIO

Não fui ao túmulo do poeta morto, cravar a testa no cimento duro. Não fui à casa do poeta morto, vestir seus óculos, sentar à mesa de trabalho ou de jantar, ler os livros envelhecidos na estante ou manuscritos em caixas, arcas e malas. Não caminhei pela rua do poeta morto, recitando seus versos de cor, trazendo escombros junto a mim. O que pôde tocar, não toquei. Nunca quis sua caneta em meu bolso, transpirando seu suor em minhas páginas escassas. Não ansiei por cartas de elogio, indicação a editores, artigo em jornal. Deixei as poucas lembranças, como as fotografias em comum, para o esquecimento. Quase não me lembro do poeta morto. O que um dia esperei dele, descubro que, de há muito, traço no corpo: a força de um silêncio recolhido.

Estou só. Como a madeira silenciosa deste armário, como o fruto mais maduro que não tomba, mas, à beira de tombar, está no instante. Estou só. Com as letras da distância, com os nervos da lacuna. A calada enfiada pelos pés, os pés estacionados com o peso da calada. Cada um se deita na cama que merece. O destino não muda, e o futuro me atormenta. Estou só. Ninguém me peça o que

eu não posso dar: hospedagem, dinheiro, estas pequenas coisas que até tenho. Que se lancem com uma pedra ao mar, amarrada na cintura, ou por debaixo dos pneus de um carro, ou em frente de bala calibrada. Mas ninguém me peça o que eu não posso dar. Dou ao mundo somente o que nem tenho, um naco de frases carcomidas. Estou só.

Aqui, neste quarto, sou o preço que o que larguei para trás e o que nunca logrei me querem cobrar. Passo a vida imerecidamente. Viver é para aqueles que, apesar de tudo, permanecem tranqüilos. Nunca tive filhos. Não pela miséria humana, pois, este legado, como qualquer pessoa do tempo em que vivo, não me importa transmitir. Mas por querer evitar que o inoportuno atravessasse minhas horas, propagando demandas, adiando a disponibilidade necessária para o amanhã que jamais virá. Me basta o incômodo involuntário e excessivo. Não peço desculpas a ninguém, nem aos delicados, tenho mais o que fazer. Sei que estou só e quero cumprir a solidão nos afazeres cotidianos e na inquietude merecida por ter vindo ao mundo. As perguntas que, por tanto tempo, se fizeram em mim, extinguíram-se. Estou sentado com os sentidos no corpo do pensamento, suspenso, há uns três pés acima do solo que piso. Conquisto, a cada dia, uma espécie de permanência, de confiança, na perplexidade que o mundo oferece. E há dor.

Não tenho motivos para acreditar em mim, em qualquer qualidade que possa ter. Os acertos e erros foram todos pequenos, como os de qualquer um na vida. Até hoje, não me orgulho de nenhuma relevância. Desfruto,

mesmo, de certo prazer por não ter contribuído com o que quer que fosse. E acarício, com a palma de minha vaidade, o descrédito que me dou, flagrando no sucesso alheio a inautenticidade a que muitos se permitem. Quantas cabeças fraudadas se sujeitando a aplausos... quanto regozijo com a falsa impressão de inteligência que querem causar... quanto investimento para forjar a mesquinha do prestígio. Percebo, pelo caminho que passo, latidos e miados de animais que teriam outros hábitos, bípedes emplumados piando na tentativa de ser gente, clones do fracasso inveterado de si mesmos. Todos, náufragos de mãos dadas, clamando pelo sinal salvador de uma bóia flutuante... ainda. Sigo melhor sem companhia, cozinhando o brando e o rude nos baços da caligem que me esconde, guiado pelo futuro que não se sabe.

Desprezo a frieza da perfeição, pela ausência do risco, superado, pela necessidade do acerto e da completude blindada. Abandonaria esta fala em qualquer lugar, por desleixo ou cansaço, pouco importa. O fato de ter sido acionada sem o menor estampido, sem o menor alarde, sem alguém que a escute, sem alguém que a aprove, sem alguém que a reprove, sem alguém que mova o mínimo músculo, surrado, prova ser minha, esta fala. Estou só. E só encontro o movimento do que me cala: o amarelo do peixe no aquário do shopping, a musculatura operária, o cérebro no impacto do soco, a punção do trocarte e o momento seguinte ao acidente consumado. Encontro... Encontro a noite de óculos perdidos no fundo de um lago. Encontro só o que me cala.

Deixei os livros na calçada — que o caminhão de lixo ou um vizinho desavisado, desconhecido, os pegue; *bons* ou *ruins*, *ótimos* ou *péssimos*, nunca foram nada para mim. Guardei três ou quatro por não possuírem esteios em que pudesse me agarrar. Se na vida não os tenho, não os terei nos livros. Pelo menos, não sou um tolo completo. Se sou cego, é apenas de uma vista. Se surdo, aprendi a escutar com o pouco do olfato que sobrou. Se sou mudo, a fraqueza de algumas palavras, à minha revelia, murmura, ou assopra a tentativa de seu hálito afônico como no instante mortal de um hospitalizado. Penso quando me espanto com o transbordamento da ausência. Falo para ninguém. Falo por falar. Já não me afaga ter algo a dizer... Falo pela necessidade implausível de silenciar as palavras com as próprias palavras. Tomo posição: meço, com o eco do silêncio pronunciado, a distância que separa de mim o arredor que blasona. Quanta turbulência na milhagem intransponível entre ouvidos alheios e minha boca, entre a boca alheia e meus ouvidos, quanta incompatibilidade.

Nunca me reconheci em nenhuma frase, estive sempre perdido, e, hoje, só tenho essa perda sem qualquer esperança. Vivo a instabilidade das propensões, submetido aos ditames do provisório. Estar fora de tudo o que dizem, não ser alvo meritório de ninguém, é minha maneira de estar dentro. Não tenho escolha. Prefiro assim. Estou só.

POEMAS PARA CARREGAR NO BOLSO

POEMA PARA CARREGAR NO BOLSO

Entreguei o corpo aos abalos da cidade.
Mastigo seus vergalhões, o sabor perdido
do torrão ancestral. Independe de mim
a oscilação da Bolsa, a noite de carros,
as palavras derivadas em poemas, o exagero
luminoso por todos os bairros, o abalroamento
na esquina e na estrada. Estou à margem
do resultado de todas as coisas. Violino
desacompanhado, não tenho para a vida
uma pauta de Bach. Inventar-me-ei
nessas linhas. Ou não cumprirei arrojos
necessários. Sigo, com o nome de meu avô antes de seu
avô nascer, com a mesma sensação ubíqua do momento
em que fui concebido, com pensamentos de quelônio
submerso em mares distantes... Os pés descalços, a sola
engrossada por caminhos andarilhos, o dorso aderindo
ao jeito do asfalto e das calçadas, o corpo manuseado
pela rebelião sísmica e descontínua da cidade.

POEMA UNGULADO, N. 2

Nenhuma gordura empanturra o corpo
do rinoceronte, varando suas cercas.
Nenhum couro escorrega em torno
da carne. Nenhuma dúvida quanto
a seu peso, quanto à coragem
ou a sua tranqüilidade. A armadura
talhada nos músculos, os chifres,
o rabo espanando qualquer súplica.
Olhos para ver. Boca para comer.
Patas para pisar. Orelhas para ouvir.
O corpo... na medida exata do corpo.
E o meu, tão distante, perdido pela multidão, pelos can-
tos das palavras alojadas, angaria faltas e excessos por
onde anda: um guindaste se apropria de meu sexo, o
combustível escasso para mais alguns quilômetros, o
chifre crescendo pelo nariz. Quando o queixo começa a
se empinar, guincho o que nunca escutei: a voz anginosa
do rinoceronte.

A 1600 METROS

A paisagem deposita uma árvore no silêncio
de meu corpo, entre a pleura e o baço,
um gavião voa pelo intestino que se alarga
à sua passagem, uma cabra ruma meu coração
vibrante como capim ao vento, nuvens

se apropriam de meu cérebro, vagam
em minha cabeça, intrometem-se pelo tórax,
pela pélvis, pelos pés, pelo ar, um peixe
escorrega com a gástrula, aproveitando espaços. Que alívio me abrir! No limite intransponível em que me encontro, não há mais para onde ir. Não há caminho para voltar. Descanso, enfim, no exílio inexistente da caverna.

CARTA PARA UM RELICÁRIO DE ALEIJADINHO, NA BASÍLICA DO SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS

Não importa o que, compenetradamente,
em teu corpo guardas. Os ossos, o pano,
por mais que tenham sido de santo, encontro-os
à minha volta, no lápis em cima da mesa,
nos cascalhos de um oráculo antigo guardado na gaveta,
na fotografia de um parente que a gruta
fechada do tempo não me deixou encontrar.
Lápis, foto, cascalhos – apontado, rasgada,
esfacelados – tomarão a forma do que a barriga
de teu corpo abriga. Nobre fachada
de um cortiço imundo, o teu umbigo, umbigo
do mundo. Não importa que a mão que desbastou a
madeira até te encontrar tenha sido leprosa: nas pedras
expostas, nos poros da mão do profeta, de pedra, os dedos também carcomidos. A tua imagem, à minha frente... não importam os ossos que guardas, nem a ausência dos da mão que te encontrou. Importa, isso importa,

teus ossos de pé sem descanso, tua carne, vívida, tua face vincada de amor e de dor, teus olhos compreensivos falando-me o que, de tua boca, permanecerá para sempre e desde quando calado.

ÚLTIMO POEMA DE TONIO KRÖGER
(ESCRITO NO QUARTO DO HOTEL EM AALSGARD,
RECÉM-CHEGADO DO BAILE ONDE REVIU HANS E INGE)

Selvagens amigos de minha infância,
aqui estamos outra vez unidos...
Seus olhos azuis, ondas de amores jamais esquecidos,
arremessaram-me outrora contra as pedras. Sorte
que os rochedos ficaram na distância, onde se encontra,
inda hoje, o convívio. Do qual me alheio, ou quase isto.
Já não há cais no horizonte do olhar. Nem ao menos
podem me responder para onde vou,
pois acostar-se de mim também não podem. No repuxo
da memória, a maresia deposita em meu olhar
o cheiro de madeiras, o ranço da serragem,
o perfume dos cabelos dançando, provocante,
à espera do que poderia ter sido e não foi,
nem será. — Sol que desnor-teia minha vida, braçada de
cereais erguida no espaço como fios de ouro sustentados
pelo vento, iluminai estas pálpebras pesadas de nuvens,
fazei-me aceitar a maldição de pensar o que ninguém
pensa, de sentir o que não se sente, deixai a vela do ócio
conduzir este barco para o mistério que estala em cada
peito extraviado!

PEQUENO CONTO AMERICANO COM SOTAQUE BRASILEIRO

Havia sim um gosto na viagem por tudo o que vivia: australianos atravessando há anos fronteiras ininterruptas, homens largados com os quais dormira em estações de trem ou em subúrbios desconhecidos. Lembro-me das noites passadas na igreja de Veneza, acalentadas pelo veludo tinto do vinho, com pombos sujando minha mochila... e de conversas cotidianas em línguas, mais do que estrangeiras, inexistentes. Nestas horas, como sempre, quanto menos se entende mais se aprende. Lembro-me também do haxixe fumado num hotel em Barcelona (numa espelunca barata de Barcelona), antes da caminhada ladeira acima aos quadros de Miró. Estava com minha mulher, aquela mesma garota de preto de anos atrás, escorada na porta à minha espera, na leitura de John Cage em St. Marc's Church; depois da fala simples do poeta passamos a noite no apartamento dela, num sótão em frente ao Central Park. Por vizinhos, um casal de irmãos dinamarqueses trepando na madrugada silenciosa e fria. Tudo vivido com intimidade raras vezes conseguida.

NASCIDO NA SEGUNDA METADE DOS ANOS 60

Na melhor das hipóteses, ser salvo por uma certa
corrosão no fígado. Um gosto de ferrugem
na boca – conseguir saboreá-lo. Um travo de trabalho
entalado na garganta – conseguir engoli-lo,
depois defecá-lo. Não me importar com a vazante
do dinheiro pelo nervo cidadão, é o que dizem. Nem
com o destino de antigos amigos: um em Santa Catarina
numa clínica para drogados; outro cria canários
em seu quarto na casa dos pais; um terceiro
pede dinheiro emprestado: a mulher que tirou do puteiro
para se casar com ela tem de fazer um aborto
do que seria o quarto filho; aquele morreu afogado
em dia de ressaca, horas depois de demitido
e meses após a vasectomia. Escrevo o poema
de uma nova geração, dizendo que, se possível, faria como
querem. Iria mais longe: participaria dos escândalos
políticos, da violência econômica, esqueceria o preço do
aluguel e do condomínio, a inadaptação social... Mas
intimidade só consigo quando me esqueço de mim pela
cidade; quando subo ao cume e a visto – paisagem; quan-
do abraço as noites de lençóis e álcool com a mulher
amada; quando encontro, ao mijar nas pedras da baía,
a concha imensa e ensolarada de um molusco há muito
desaparecido.

Três horas. Madrugada chuvosa. Agosto de 1997. Bianca dorme sonhando com uma coroa de ouro com olhos incrustados por toda a circunferência a girar em velocidade infinita perdida pelo cosmos. Passeará por todas as galáxias antes do amanhecer, e acordará sorrindo e cantando para mais um dia. Passos perambulam pelo andar de cima. O vizinho insone prepara a dicção apropriada para a frase imprevista ou a resposta pedida pelo jornal que a publicará adulterada na semana seguinte. No apartamento do segundo andar do número 156 da silenciosa rua David Campista, bairro Humaitá, cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, sem nenhum motivo aparente, sem aviso prévio, sem qualquer vínculo com o que vinha acontecendo até então, vem-me o tranco exigente de musculaturas para suportá-lo: tudo é ridículo. Ridículo olhar nesta direção, mudo o foco, descobrindo serem este e todos ridículos; ridículo aqui neste momento, troco de lugar várias vezes e, sempre, o ridículo; tão ridículo o que me passa pela cabeça, que deixo mais resíduos chegarem e partirem, mas todos ridículos; ridículo até pensar que tudo é ridículo. No meio do desconforto de todas as possibilidades, a gargalhada eclode pelo rim, pelos hilos, pelos ligamentos, pelos pêlos, sentindo-me livre doravante para o que quer que esteja acontecendo.



Shūbun, 1448.

O MUNDO, A NANQUIM

Os traços já vão se apagando, mais de quinhentos anos passados. Quando a tinta ainda era fresca, os traços já iam se apagando. Os galhos retorcidos estão aqui, os mesmos galhos com o frescor de sempre atijando os troncos no ar. Posso vê-los recortando o espaço, prolongando a rocha, desenhando trilhas. Subir pelo caminho deserto provocaria em mim ora uma sensação de descanso, ora um cansaço da solidão excessiva. Um pouco abaixo do centro, à direita, uma moita de bambus curvados pelo tempo. Deve haver alguém por perto para aprender a lição. O solo branco, de neve. Não: não faz o frio que ela causaria. Talvez, sejam apenas os traços se apagando, o papel branco aparecendo com o gesto do pincel. No bosque de bambu, algumas manchas se assemelham, quem sabe, a uma casa camuflada com arbustos e relevos do solo. Por toda montanha, pelas rochas e pelos bambus, pelos troncos e pelos galhos, pela espessura da tinta no alto da página e pelo capim delgado na planície, pelas águas e pelos barcos pesqueiros, mesmo pela casa escondida por toda a paisagem e pelos ideogramas que por nada decifro, só não encontro aquilo para que o título, com humor, aponta: um homem lendo, numa cabana do ermo bosque de bambu.

ARRANJOS PARA A PRIMEIRA VOZ NO FUNDO DA GRUTA

I

Há um comer isolado das bocas, um digerir alheio a estômagos, uma força de sumiços e aparições separada de qualquer musculatura; mastigam, expelem, assimilam...
No cabresto, a morte danada da besta
me segue, domada. Até quando?
Ninguém sabe
(é sem aviso o corcovo da selvagem).

II

Os mamutes, como nós, se consomem
trazendo fixas na voz suas peles
calcárias como a gruta que os exige.

III

(tradução de rabiscos rupestres de + ou - 55000 a.C.,
até agora indecifrados)

[deixar os] cadáveres ao relento
[para serem] corroídos com maior rapidez

IV

(tradução do primeiro epitáfio de que se tem notícia)

aqui jaz ninguém

V

(variante possível da tradução do mesmo epitáfio anterior)

nesse pedaço
de terra
deitado
para todo
o sempre
o imenso
esquecimento
sem alguém
nem um resto
de alguém
para sentir

BREVE HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

I

Nem para todos destino de sedas,
ouros, nobres madeiras, lucros.

O do náufrago, pior que o dos outros:
de água intragável, pregos, fome (a pimenta do perigo ardendo em seus olhos). O sol o aflige sem sono. O lombo cansado esturrica no azul. Com o tombo do mastro por dentro da nau, zumbindo em sua envergadura, com o fazer água ou água abrir sem que nunca se saiba por onde, o destino do náufrago é afogar-se no mar... e, na terra, os sinos do além estalando mais lentos, as cortinas de urubus se abrindo ao último olhar.

II

HOMENAGEM A JORGE DE LIMA

Ainda que com as cargas
mal dispostas por porões
mais sombrios impossíveis,
tempestades impiedosas,
cobiça de navegantes
como de contratadores,
imperícia de piloto,
furo de prego deixado
aberto e oculto por breu, madeira de árvore podre... muitas naus não naufragaram nem voltaram a Lisboa: perderam-se e, então perdidas, vagaram na imensidão incontrolável do mar.

III

NAUFRÁGIO NA SALA CECÍLIA MEIRELLES

... mar com corpo, sala com mar, som
com sala, corpo com som. Sal, Sal,
e Sal. Boca de coral vermelho
numa língua de escamas cromáticas,
escalas de sargaço, notas desbotadas.
Naufrágio de cadeiras no resto
de ferros afundados. Ondas me arrastam
desta sala. Das correntezas do som,
a respiração deriva para a amplidão.
A dentada do pâncreas no rosto
de um tubarão. Onde as bocas
com a água dos corpos soletrada? Onde
as que querem com a naufraga se unir?
Nada escuto, neste mar agora amplo,
senão as ondas. Nas ondas do som, o silêncio de ondas.
Só onde soa o silêncio de ondas anda o som, o som do
silêncio. Entre silêncio e som, entre som e silêncio, a onda.
Entre o sol do silêncio e o som do sol, entre o sono so-
negado pelo sino do som, acorda o silêncio do sino
solerte do sol. O solêncio. O sinêncio. (Jamais escuta-
mos o silêncio sem o dizer. Jamais escutamos o silên-
cio sem o dizer.)

LAMENTO PARA SOLO DE CORDAS

A noite é dos que sonham, mas a madrugada
abriga apenas os insones. De qualquer canto da casa
repleta de ausências, escuto o sono latejando na cama.
Uma palavra desequilibrará a frequência do bairro inteiro;
talvez uma frase consiga mantê-la... talvez algumas.
Não há porque sair, com o cheiro da cafeteira
esbarrando por todas as paredes, concentrando-se sempre
no lugar em que estou. Era ela quem preparava o café,
voluntariamente, quando o sol refletia pela primeira vez
no prédio da frente, irradiando para dentro aqui de casa.
Gostava de me ver escrevendo assim tão cedo. Hoje, não
sentirá o amargo do líquido escuro provocando suas
papilas. Antes de ir para o hospital, de onde jamais sairia,
disse que olhava pela janela de sua casa uma última
vez. Comoveu-me escutar que esta casa também era sua.
Comoveu-me, ainda mais, lembrar que sempre estive à
vontade em qualquer lugar por que passou.

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA, nº 2

Aflige-me o contraste entre a velocidade do carro
e a do corpo meditativo caminhando à beira da baía.
Falésias maquinam o estômago com encontros.
No entre mar e terra, rastros de peixes em freadas
e arranques, esclerose de borracha desprezada

no asfalto oleoso das águas. O dióxido de carbono, fervendo areias nos canos de mariscos, mais parece um homem com ossos de britadeiras escavando em busca da rematerialização dos corpos. O caminho sem refugo da amplitude esquece qualquer vestígio, atirando-se para o templo impreciso das perdições. Com sal, constroem-se avenidas sustentadas por colunas de água, por onde trafega a criação, à deriva. Eu, que já fui bicho, turbina, folha de bananeira, encontro-me em tudo que, da neutralidade formigante, pulula e quer pulular para a metade palpável da cidade.

CODICILO

Emito gritos de socorro, acaricio cabeças pendidas, festejo a entrada da primavera e pereço na calçada mais próxima.

A balbúrdia nos ouvidos da cidade,
a paisagem nas pernas dos caminhos,
o acontecimento que, à minha revelia, me incrementa,
rearranjam os meandros de meu corpo. Despenco, a cada dia, de mim mesmo, renasço do outro lado das alturas: muito mais oceano do que braços, mais trânsito do que pele, mais ruídos do que cérebro. Não tenho por lugar turísticos belvederes, mas o emaranhado das ruas populosas e recantos por onde encontro o esquecimento. Sinto o cheiro espesso da gasolina escorregando por entre as veias, sinto seu gosto no copo do qual beberei, sin-

to o ritmo derrapante das inquietudes.
Como a leitora cobrindo com esparadrapo frases de um livro,
como um homem amontoado no meio da multidão,
sigo, *arrastado pela força que leva as aves a emigrarem*.
E não desiste, a sede: como o mar, imorredoura.

P.S. — Alguém que não foi nada na vida me disse que tudo valeu a pena.

À MÍNGUA

Caminho há quinze horas pela cidade do Rio de Janeiro e não sinto vontade de parar, apesar da fome solapando as pernas e o pensamento.
Sou despejado de mim feito inquilino com contrato expirado, sem dinheiro para renová-lo. Meu desespero é pelo agora.
Não, não voltarei para o trabalho. Não serei como os outros. Não serei como sou, eu que sou como qualquer um e como todos os outros. Continuarei a caminhar por quantas horas forem necessárias até expirar o derradeiro resquício de incômodo, até secar a última gota do medo,
até que o grito não venha do desajuste, mas do inumano explícito em cada paisagem.
Vou por onde não preciso de portas.

Quinze horas caminharei, e depois mais quinze,
e, ainda, depois... Esquecido de mim
e de todos os outros.

SEBASTIANÓPOLIS

Há um tanque de ferrugem afundado no esquecimento
azul das marés,
um avião riscando uma linha de espuma no mar tran-
qüilo do céu,
uma baleia encalhando seu prédio em fumaça nas prai-
as de ontem do centro da cidade,
o braço póstumo e amputado de S. Sebastião andando
cinza em nossa língua,
enfiaando sua mão sem peso no bolso veloz e moreno das
manhãs,
bebendo um trago elétrico nos bares assaltados por delírios,
precipitando carros do desespero para curvas com oitis
traíçoeiros,
talhando, com machado, cutelo, foice, um corpo de
madeira e carne, de galhos aflorando no lugar do pen-
samento, de joelhos pendurados no tronco, expostos para
a fome passageira,
desgrenhando a cidade,
plasmando ruas, distribuindo águas,
unindo e separando homens para guerream entre si
por espaços, comida, dinheiro, praias, carros, por qual-
quer supérfluo que lhes agradar,

há paredes da perturbação, astrolábio, buquetas, crisipo,
fomes de marisco,
um corpo estendido sobre o tapume,
morto,
a frase incomparável de um acusado na boca dos jornais,
há satélites que, parados, subitamente se deslocam velo-
zes, sem barulho, cruzando o céu de ponta a ponta como
aquele corpo desabando perdido pelo espaço e resgatado
por entre os astros, planando nas garras metálicas de
uma nave cravada na história e nos devaneios de qual-
quer solidão,
há buzinas expressando outras inquietudes das que con-
seguem as palavras,
há o capim cobrindo as sílabas dos paralelepípedos,
desvios, atalhos, parapeitos,
casais de namorados combinando todas possibilidades
sexuais,
travestis, telefones, tomates, tíquetes, tamborins, tacos de
sinuca espalhados pelos bairros,
há próteses involuntárias acoplando uma cabeça equina
ao gabinete de um computador, uma esquadria de alu-
mínio a chumaços de algodão, um caderno emperrado
à grade patinada de um berço,
há a suspensão da gravidade,
um cheiro de explosão e maresia por onde quer que passo,
um gosto de asfalto quente no suor de feira livre a cada
dia da semana exalado pelas guelras pálidas dos peixes,
há reticências por todos os lados

ADMIRÁRIO

Há o tempo do coração, há o tempo do cérebro. Mais uma vez, *a anatomia em mim ficou louca*. Quem pensa em mim é o tarso, autonomamente.

*

As placas de bronze não concitam estes escritos. Os arranjos os trouxeram. Quem sabe os levarão a acariciar o corpo alheio, encontrando novos, móveis destinos.

*

Apesar de solitária, aberta a múltiplas freqüentações; apesar de aberta a múltiplas freqüentações, solitária - a voz que me atravessa.

*

É sempre um outro que escreve por mim, inumano, ao qual me afinco. Pouco importam os leitores e eu mesmo — entregue ao desatino dos arranjos. Apenas por uma ambição cosmogônica as palavras necessitam de nós.

*

Impressionante força a da mandíbula com que o livro, de estalo,
abocanha o escritor e quem o lê.

*

Nenhuma intimidade que não seja com o estranhamento.
Serenos abrigo da própria impotência.

*

Uma tensão rítmica entre o andamento da linguagem falada, o do
que ela poderia dizer, o do que ela jamais poderia dizer, e o da escrita.

*

O movimento de uma letra após a outra, o deslizamento das reticên-
cias, a tensão dos intervalos que separam e conjugam, flagrados no
momento da efetuação.

*

Dogen Zenji, iluminando-se, disse: *O corpo e a mente desaparece-
ram, deixe o corpo e a mente desaparecer.*
Começar a escrever com o que sobrar deste corpo e desta mente
desaparecidos.

*

Ao to be or not to be shakespeariano, o *to be and not to be* de
Parmênides.

*

Não há matemático vangloriando-se de saber contar nos dedos ou de cabeça; sobretudo, em época de computador.

Será poeta, quem compuser um tratado de medicina em versos? Já perguntava – e respondia – Aristóteles.

*

Ao gravar o rinoceronte, Dürer criou uma nova carne, um novo animal. Que nos fez reaprender, mais uma vez, desde o começo.

*

Como em Pascal, aqui: as disposições e os arranjos.

*

Tudo já foi dito. Tudo, ainda, a dizer. Arde o segredo do indizível. E esta esperança irrevocável.

*

Ao que jamais se basta, sempre é necessário o desdobramento.

*

... admirários...

*

Pílulas do espanto, cápsulas da admiração, granadas do entusiasmo.

*

Como a rebelião das letras altera a paisagem do rosto de um homem!

*

]mais vale o livro do que o poema[

*

Havia elogiado um escritor, em uma mesa de bar. Alguém me disse:

Mas ele não é poeta, é prosador. De um destes gêneros inclassificáveis. Ao que retruquei: Acho esse papo de gêneros uma grande balela. Além do mais, se inclassificável, é poesia.

*

TRÊS POEMAS INESPERADOS

P.S. PARA UM POEMA INACABADO

em uma nota de pé de página do primeiro volume da *história do brasil* à página 290 pedro calmon diz que o pontífice no século xvi enviara a el-rei o braço de s. sebastião recebido em portugal com majestoso triunfo já usei o respectivo ultraje fundador mítico de nossa cidade em um poema sem mencionar todos os dados como as pessoas talvez duvidem da história dou a referência não fui ainda à biblioteca nacional ver o livro de d. francisco manuel de melo em que aparece o fato mencionado pela primeira e pelo que eu saiba única vez excluindo o próprio pedro calmon que o citou mas vocês menos preguiçosos a hora que quiserem e é claro que a repartição pública estiver aberta podem ir lá conferir antes de ontem ganhei um livro do meu cunhado que o comprou num sebo entendendo a obsessão que tenho pela cidade e pelo santo pude ler em *o meu flos sanctorum* de josé severiano de rezende *verdade é que não se festeja mais como outr'ora se festejava o predilecto martyr padroeiro*

*de sebastianópolis e a casaria difusa desse ruidoso
emporio já não se enfastona* tentei fazer um poema que
começava assim a língua mesmo muda há de falar os
olhos mesmo cegos não de enxergar as pernas mesmo
frágeis não de dançar são concordantes os arranjos das
palavras e os de sua época depois vinha toda uma
parte dramática que é melhor ficar de fora mas uma
frase de efeito lá pelo meio resolvi guardar mesmo
sem saber se um dia conseguiria aproveitá-la falava
dos atletas de luta livre que nunca venceram um combate
e que tremem ao pisarem no ringue sem ao menos o
consolo da possível toalha lançada a qualquer instante
tinha também um final triste melancólico eu
devo ter acordado meio mal aquele dia quem sabe um
sonho quem sabe com fome naquele final eu
duvidava ser possível uma intimidade com a cidade
tantos amigos se mataram ou tentaram se matar ou
mataram outros recentemente mas dizia que meu
corpo inscrito na cidade lutaria até o último soar do
gongo por uma intimidade não sei mais se possível
apesar do desejo grampeado na carne como isso soa
poético agora demasiadamente poético agora que
estou apenas no movimento mais cotidiano das palavras
acolhedoras do sempre rejeitado supérfluo e que
não faço a menor questão de ser o poeta oficial da
geração nem do município nem do estado nem
muito menos do país os compromissos são um pé
no saco não suporto politicagens acabou-se o tempo das
centralizações e como disse juan luis panero *allí
en el escenario no está la poesía no lo estará nunca*

R.S.V.P.

alguém se levanta da sombra girando o volume das ruas o volante das camisetas em movimento como se fosse um hipopótamo cruzando o hemisfério ou a líquida presença no colorido dos sinais a pensar se colocaria o traje de rigor exigido pelo convite sempre mais interessante escutar um homem que cometeu atrocidades contra a vida humana sem disto se ressentir a uma ou outra de suas vítimas que porventura sobreviveram e permaneceram infantilizadas para sempre pela dor que passaram a sofrer como se a tranqüilidade sendo possível a alguém marcado por uma obsessão mortífera dissimulada apenas para quem não faz parte do ofício especialmente para sua família que nunca soube de nada e que hoje apesar de todas as certezas ainda sonha com a ignorância de outrora coubesse também a qualquer um levado por uma vida mediana quem irá a esta reunião de amanhã meu deus alguém *convida para a Sessão Solene de homenagem à* etc etc etc *que terá por orador oficial o Ilmo. Sr.* a credibilidade não tem a escuta de mais ninguém imaginem só uma reunião com a presença de exponentes do mundo inteiro certamente não é para mim nem para você dentro deste quarto um gorila come pétalas de rosa perscrutando quem está à sua frente isto sim me diz respeito no momento *o amante da rosa vermelha* se fosse título de filme americano teria sido estrelado por Humphrey Bogart mas se trata apenas de um grisalho mudo e sedutor escorado em minha mesa de trabalho a realidade do

cartão-postal me encara transformando-se em assunto
para uma frase qualquer que poderia não ter existido
qualquer coisa em qualquer lugar a começar por nós
mesmos poderia não ter existido uma mala seca de mar
vermelho rasgada de etiópia poderia não ter existido
uns papéis adulterados cheirando a areia e mofo
e amanhã poderiam não ter existido o eco do pulso de
um tiro esquerdo atravessando os séculos poderia não ter
existido seu vilarejo fronteiro de todos os outros e de
todas as metrópoles poderia não ter existido nem ser
relembrado dia após dia ao menos uma vez em cada parte
do planeta a garrafa de um vinho barato tomada até a
última gota por um parente em lugar dos últimos
sacramentos do padre para poder morrer em paz poderia
não ter existido aqui não vai ser diferente
talvez por isso algumas pessoas preferam retornar
o mais rápido possível para suas tarefas reconhecidamente
seguras urinando pelos joelhos e felizes por terem
empregadas que logo lavarão suas calças a persistirem
na aventura do caminho obscuro apalpando e alargando
frinchas com a força do tutano que lhes cabe

POEMA PARA A MAIOR AUDIÊNCIA DO PAÍS

foi fiadora e caiu do cavalo prefeitura que não puder
ser prefeitura melhor entregar o jarro quero mandar um
abraço pro povo do paraguai se vocês quiserem eu
mostro eu pensei bem e não quero essa vida mais não
aquelas duas querem pôr teta aquela outra quer tirar
deixa eu falar a verdade deixa eu falar a verdade
as pessoas carentes do nosso município as outras
esposas dos prefeitos triste fim de um aposentado na
hora que pegar fogo você põe no ar pode deixar pegar
fogo porque essa kombi não é minha hoje está bom pra
cachorro seja homem já que você está em frente às
câmeras seja homem se as cadeiras não estivessem
cheias vai ver teve alguma decepção com a vida na rua
quem precisa é quem procura esse negócio é
mentira tem cada caso de arrepiar nada de assistir
novela porque novela é tudo mentira nenhuma para
subir eu já disse aqui e repito eu mando matar eu
mando eliminar eu mando e assumo mando conhecer o
capeta mais cedo mando acordar com a boca cheia de
formiga eu acho que essa moça tem todo o direito de
ser feliz ao lado dele eu acho que ela está
completamente errada eu acho que qualquer um no
lugar dela o cara fala que eu sou muito raivoso muito
raivoso é a tua bunda o mesmo próprio homem está
levantando falso montem uma associação sempre
houve desarmonia correu pra debaixo da cama três
horas dentro do quarto e não fizeram nada não queria
pagar mas se for obrigado eu pago parece que está

tendo um novo prazo para regularização de armas não
sei o motivo um complemento nutricional não tem
nada de remédio vamos aplaudir um talento fantástico
mulher comprometida casada pra mim é homem o
pessoal que vem em turminha avisa de onde é o amor
será eu não separo briga o povo tem que apoiar
candidato que pôr polícia na rua eu desejo que
meu pedido seja realizado esse exame poderia ter dado
porque tinha anemia vamos fazer o sorteio vamos ver
quem vai ganhar uma cabrita está dando o maior bode
mas com toda a exigência na maior moleza no mercado
clandestino a gente tá tomando pinga no boteco vem
alguém enfia a faca agora aproveitando essa
oportunidade mentira desse cara esse cara é louco a
cura dessa mulher é a cura da família inteira roda o
computador essas coisas com que os poderosos não se
preocupam mais um momento em que é passada
uma mãe está dando o maior problema dez carros de
quinhentos mil quinhentos e um automóveis dez
caminhões um helicóptero segura ele aí só tem um
caminho cadeia ou cemitério mostre que você está
revoltado pronto para amanhã

A VIDA É ASSIM
(2001)

TUDO ACONTECE AGORA PELA PRIMEIRA VEZ,

VALE DO SOCAVÃO

No plano da montanha ensolarada,
vario entre o livro e a paisagem.
Os gaviões retornam pelas manhãs há mais de 40 dias.
Não sei o que querem:
a companhia de quem há meses não pronuncia uma palavra?
a companhia de quem caminha pelas trilhas
como gavião voando pelos ares? Não.
Eles reparam em minha presença apenas para se recolherem,
esquivos, na altivez – alheios a nada.
Deixo restos de frango assado no tronco próximo à casa.
Comem-nos.
O vento bate em meu rosto,
em minhas costas nuas e friorentas apesar do sol.
Vejo a clareza límpida do dia,
sabendo que sou outro, além do olhar.
Algo se move em mim, impossível de ser visto.

Algo se move em mim, impossível de ser escutado,
cheirado, tocado, degustado... algo se move em mim,
para o qual as palavras não se dispõem
mas obrigam-me a dizê-lo, após meses de indiferença
e mutismo. Tudo em mim, agora, é combustível:
difícil ficar ileso aos verdes da manhã,
ao trabalho diário, aos acontecimentos que,
mesmo corriqueiros, me contaminam.
Não há mais ninguém por aqui,
e minha existência é viável.

DE PRÊMIOS, ARMADILHAS E OUTRAS COISAS

E não adianta pensar em mudar de vida, comprar uma casa no
campo, viajar por lugares exóticos,
morar numa cidade ainda mais cosmopolita,
ter filhos ou não tê-los,
aposentar-se logo que possível... não, não adianta: a vida,
a nossa espreita em cada esquina,
ungindo os cheiros das distâncias, os planos da economia, a subida
do dólar, o amparo da alegria, a visita dos amigos,
a vida tem, a nossa revelia, seus prêmios
e armadilhas para distribuir. Não,
não adianta pensar em mudar de vida (todo lugar é Rio),
mas viver a vida, vivê-la na cidade, no campo, no mijo,
no mosteiro do himalaia, em ivolândia... dar aulas na universidade,
publicar um livro sem leitores, vender imóveis alheios e depauperados.

Viver, viver a vida,
vivê-la a cada instante, subir seus picos, frios,
no sol ou na noite, o da pedra do sino, o da bandeira,
o kilimanjaro, e depois descê-los, aproveitar as madrugadas
de peitos e vagina, de pêlos e pênis, o amor encontrado
ou perdido, exercitando sempre, passo a passo,
o vigor possível: em longas caminhadas,
quem enxerga são as pernas.

**TUDO ACONTECE AGORA
PELA PRIMEIRA VEZ,**

mesmo o lixeiro varrendo a rua varrida ontem, antes de ontem, desde
dois anos atrás,
a vizinha tirando o carro da garagem, ou a outra
ensaaiando ao piano uma canção popular, tudo acontece agora
pela primeira vez,
este vento que tremula o toldo na varanda,
o tempo cinza, o toque do telefone, o gato atravessando a rua no
momento possível,
a chaminé da clínica médica em constante atividade...
Escrevendo estas palavras, não tenho o nome que tenho,
tenho o nome do tempo que passa, o nome ausente, a ausência de
qualquer nome. Não se pode caminhar
duas vezes pela mesma rua, ele disse, não se pode caminhar
nem uma vez pela mesma rua. Como escrever a terceira frase,
a necessária,
a que diria, enfim, quem e por onde...? A que diria, enfim,

o que não poderia dizer. A que diria, enfim, que eu
e ele somos a mesma pessoa, que somos ambos o inapreensível.
A casa em que moro. A cidade que me habita.
Nem ao menos a campainha tem soado, o carteiro não toca há
alguns dias
(os carros passam, para garagens residenciais
ou públicas), o entregador da lista telefônica
acaba de bater, desmentindo a frase mencionada (passa um homem
vendendo cocada
para os operários da obra ao lado. Eu,
operário da obra ao lado, compro uma cocada
para meu filho), mas não atendo ao chamado.
Para que ser importunado, para que tantos telefones,
se não ligo ao menos para os amigos?
Não lhes telefono por ter muito a fazer,
ficar sentado no sofá, olhar as sombras da rua desenhando figuras na
parede da sala, ora nebulosas, ora nítidas,
tomar um copo de água para matar a sede
que nem tenho ou por outro motivo qualquer que me escapa,
não lhes telefono por ter a cabeça da mulher amada
no colo, ao som de Cartola, João Gilberto e Pixinguinha,
por ter de escutar a respiração indo e voltando
feito o porteiro do prédio da esquina ao lavar os carros de moradores
de toda a rua, subindo e descendo pela calçada ininterruptamente.
As televisões ligadas na hora do jantar
medem o tempo passando, arrastando-se,
reprisam o velho acontecimento para descansar as pessoas
do fato de que tudo acontece agora
pela primeira vez, difícil suportar o fato
de que tudo acontece agora pela primeira vez, inclusive

essa reprise, o cheiro de feijão com lingüiça e toucinho
pelas janelas, o radinho de pilha do segurança da rua
narrando um jogo qualquer, os cantos diários do pavão por entre o
sono, o vento e os parques ruídos matinais... Nove de setembro,
não, quatro de abril, também não, três de dezembro,
pouco importa, talvez sejam dez mil duzentos e vinte e dois dias
desde a data em que nasci, talvez o triplo, talvez a metade,
tanto faz, há muito não sinto a secura no ar como a de hoje
(isso afeta a memória?), as plantas, antes verdes,
amarelecem,
necessário encharcar a terra do vaso duas vezes ao dia,
espargir água em suas folhas, a secura, ao menos,
é boa para os livros sempre úmidos neste apartamento colado na
mata, boa para as páginas que terão o excesso enxugado,
não mais colar-se-ão umas às outras, sim, eu agradeço
a aridez por me curar da hidropisia, não precisarei
me enterrar em um monte de bosta, quem quiser poderá folhear-me,
sentir a porosidade do papel em suas mãos,
ler as palavras que, seguindo o fluxo dos acontecimentos,
se desdobram em mais um entre eles, com eles, como eles,
acontecendo agora pela primeira vez, a sua frente, em torno
e dentro de você,
como continuará a cada encontro futuro.

MEDITAÇÃO À BEIRA DA MORTE

Misturo-me a uma despedida. Quase nenhuma imagem –
resíduo súplice do tempo – que ressuscite o mundo
do qual me despeço, nem qualquer outra, que se atreva à feroz
presença de uma ausência que me acata.
Não há mais litoral... Nenhum preparativo...
Nem medida para que se cobice a violência necessária.
Do lado de lá, em que sempre estive apenas pela metade, ao qual me
desencaminho sem saber com que percentual de minha vida, nada.
Nada. E quase nada do lado de cá, nas mais díspares ocorrências de
hoje. Apenas o sopro,
último reduto que ainda me resta, resiste
na tensão do que falo, no negativo de minha própria voz.
Só terei o esquecimento de mim, esperando esquecer
até o esquecimento... Só terei o esquecimento de mim,
dos outros, da claridade que por tantos anos me ofereceu as coisas.
Corrijo-me: não terei nem mesmo o esquecimento – quem sobrar para
esquecer, senão a carnadura do mundo, os que ficam, alguns pleiteando
talvez a possível fenda da memória? Eu poderei agora, enfim, alheio ao
esquecedor
de que por tantos anos me vangloriei, ser ao menos
o esquecido... não ser. E não há nada a temer.

**ALGUNS TEMAS ASSIM AO ACASO
PARA FALAR DE UM ÚNICO ACONTECIMENTO**

Às vezes, temos de recomeçar do princípio, repetir a invenção das manhãs, das horas, das noites... De qualquer modo, ora recolho o olhar da lonjura, ora arremesso para lá o que resta de mim. Aprendo a lição rinocerôntica:

toda a máquina de carne acionada para a mesma direção.

Tantas maneiras de fazer poesia como de amar

e viver: invente a sua, inventarei a minha. Quem sabe nos encontraremos perdidos pelo caminho, com a inebriante sensação de que poderia ter sido diferente. Ou de que não poderia, e continuaríamos perdidos e inebriados.

Ainda tenho dinheiro para algum tempo

e um tanto de provisões na cozinha. Me locomovo a pé, ultimamente, como sempre preferi.

Voltei sim ao trabalho aquele dia, ou melhor,

dois dias depois... por pouco tempo. Vi a eloqüência

do cansaço nos olhos de meus colegas, que se esforçavam, em vão, na alegria (os anos já os haviam derrotado).

Há muito, as palavras se abrem a minha frente, puxando-me. Sigo-as.

Me acostumei à intimidade com a estranheza. Mas nunca me acostumei à ausência de intimidade com a estranheza. Por isso, vivo em sobressaltos.

Não me interessa mais a quantidade de vida despendida

para comprar um carro, manter a cada mês uma garrafa de uísque na estante, mudar ininterruptamente os cinqüenta canais da televisão. Não me interessa mais o preço a ser pago pelos cds que aprecio na calma das noites, pelos ônibus que me levam a outros bairros e me trazem de volta (afinal, tenho pernas!), pelo frio programado que apazigua o calor

quando excessivo. Não me interessa mais o preço a ser pago,
com a intensidade de meu corpo, para enriquecer
os que me pagavam ou até, se com sorte, eu mesmo.
Compro, a preço baixo, a disponibilidade de meu tempo.
Cansei-me de *me encolher na cápsula da civilidade*,
com a solidez sufocante de seus tetos rente a minha cabeça.
Entro, com os pés descalços, na cidade aberta – o que disseram ser
minha humildade e ousadia, aumentando-as em muito, fantasiando-
as, talvez. Acabo de largar o emprego,
pelas palavras de um novo livro.
Ainda tenho dinheiro para algum tempo
e um tanto de provisões na cozinha.

AUTOBIOGRAFIA LITERÁRIA

Se das águas que correm do chamado Rio,
armazenam pedras, semáforos, blitz, informações estagnadas, coito
interrompido, por outro lado,
palavras líquidas
me encharcam de marés, correntezas,
rodovias desimpedidas, gozo de frases fluindo em direção às que trans-
bordam do submerso, com suas sirenes,
indetidas. Rio, lago, lagoa, baía... tantos nomes... tantos janeiros... na
língua que falo, tudo é um só movimento de águas e trânsitos,
o primeiro tempo inundando o último segundo,
o murmúrio do mundo no discurso,
a suja rasura da dúvida e da pergunta,
na língua que falo, fala o percurso do primeiro susto, o sussurro da

comunhão de tudo o que é raso com o fundo.
Trago a nudez de nervos na língua de mil sons agenciados. E o que a
língua não fala, falam os braços, pernas, buzinas, ondas, engrenagens...
Não tenho leis, dizem,
nem religião ou trabalho, dizem
que, por isso, sou estranho,
sim, sou estranho, abro palavras pelas ruas, ao lado de buracos, pelas
farmácias, ao lado de remédios, pelos bancos, ao lado de cofres, pela vida,
ao lado de vantagens, sim, sou estranho,
recolho do mundo uns tiros de espanto,
balas ferindo para fazer viver.
Uma certa inquietude me conforma com esta estranheza,
uma inquietude áspera, de instintos entrelaçados ao pensamento,
de começos coexistindo por todos os cantos,
de errância permissiva de gerações, de construir o que,
para ser habitado, tem de ser logo abandonado.

SE FOSSE ROMANCE

Se fosse romance,
começaria com dois rapazes brigando numa rua deserta,
largando socos e desvarios, esquivando-se
do peso alheio, comendo terra,
expelindo sangue, um deles chegando, enfim, aos braços da namorada, aos
braços dos curativos e do coração,
enquanto o outro permaneceria deitado para o capítulo seguinte. Se
fosse novela,
poderia começar numa loja, em que a cliente,

uma mulher solteira de 39 anos,
aprecia uma secretária eletrônica
imaginando a mensagem que deixará gravada para acolher seus
amigos, imaginando recados que poderá receber
(aquela voz rouca de Rodrigo gravada para sempre,
a entonação íntima de Valéria acenando para a última noitada),
e pensa estender o cartão de crédito imediatamente para o gerente da
loja, lembrando-se, entretanto,
dos gastos que já fizera este mês. Se fosse ensaio,
começaria provavelmente tematizando a oralidade do carioca, ou seja,
o modo de os habitantes da cidade do Rio de Janeiro acionarem suas
frases ao contar uma história qualquer a qualquer outra pessoa,
podendo, para dar um toque erudito ao estudo, remeter a
Wittgenstein, mas o principal
seria flagrar cortes e movimentos dessas falas, não as expressões
utilizadas. E se fosse poema?
Se fosse poema, então, não teria dúvidas,
acataria sua espontaneidade de querer ser o que não é (para só aí ser),
e, ao invés de terminá-lo, convocaria você, leitor, ainda que com a ajuda
de algum amigo, para continuá-lo.

NO MEIO DO CAMINHO DA MINHA VIDA

... e como eu entrava no trem, distraído, e como seria longa a viagem,
eu lia, e, como lia, eu estava distraído
de todos que sentavam ao meu redor;
estariam eles, meus vizinhos, também distraídos?,
ou, por estarem em seu país, não podiam se distrair?

Uma mulher, ao lado, disse: rodei o mundo inteiro, do japão à amazônia,
da terra do fogo ao alasca,
sabe para quê?
Para fugir de mim mesma... mas agora estou parada,
não tem mesmo jeito, não adianta fugir, e, se não adianta fugir, para
que viajar?, é melhor ficar parada,
agora, estou parada.
Eu escutava a conversa, distraído, e lia,
e já não sei se lia nem se estava distraído nem se escutava a conversa
nem se havia trem em que eu estivesse distraído nem, pior ainda, se
algun mim havia,
ou se, agora, é que, distraído,
invento essa estória de trem, mulher, passado, viagem, invento a conversa
no trem com uma mulher numa viagem do passado,
e se eu invento isso, distraído, e se não tiver tido passado,
se tudo for mesmo só vertigem, descubro-me
a personagem da estória que pensara inventar (a mulher),
o antídoto contra a fuga de mim mesmo
e contra qualquer mim mesmo,
descubro-me o semblante da paisagem no tempo, a invenção do
esquecido, *um ato de fé,*
como pôr uma bomba ou atear fogo a uma cidade,
a um país, a uma pessoa,
descubro-me este esbarro no arroubo do imprevisto, aqui, neste quarto,
neste trem de onde nunca saí – minha única viagem –, descubro-me,
assim, poesia.

Tudo que é do ar se movimenta: pombos, folhas, nuvens, pensamento...
mas não tanto
nem tão rápido assim. Tudo se movimenta
morosamente, sem distração,
com a cadência do que quer quase parar
mas não pára, com a tensão
do arrastar contínuo de um dia ensolarado
sem a possibilidade da chuva para quebrar a monotonia.
A vida, na parte rochosa de sua superfície,
torna-se real e porosa, uma frase
dita por ninguém, dita pelos vazios subterrâneos
que ofertam as águas das alturas, filtradas,
ao manuseio convergente da terra.
Não vejo pessoas passeando pelo campo:
os dias passam sem que alguém passeie pelo campo
e esqueço-me de passear por mim.
Não fosse a escrita, eu seria um tronco, um poste, um casaco, um par
de sandálias, uma coisa qualquer sem palavras deixada a um canto...
não fosse a escrita.

POEMA UNGULADO, Nº 3

Um rinoceronte galopou em teu coração, tremendo o tambor do desejo.
Ninguém sabe de onde ele vinha, de que ares o seu cheiro, de que áfricas
ousara partir.

Vinha sem passado ou viagem, contrariando regras,
como a vida, aparecera ali mesmo,
espontaneamente,

atuando desde sempre imperceptível,

tão habituado se mostrava em seu sísmico afazer.

Nós nos espantávamos: quantos mundos selvagens
em nossas cavidades, quantas distâncias, incrustadas nas vísceras,
teremos ainda de aguardar, temerosos!

Tudo o que era fixo se movia.

A dança do solo constringendo-me a novos passos,
e eu não sabia dançar o ritmo que tentavas aprender
(minhas pernas me obrigavam a te acompanhar).

O rinoceronte, um vírus em nossas quatro coronárias,
ainda nos unia. Desta vez, em mim,
era um estranho corpo impalpável,

contra o qual, carne a não-carne, eu lutava, mesmo sabendo que iria
perder. Digo: perder-me em mim mesmo,

pois o que eu havia esquecido

era que o rinoceronte pode aparecer galopando sem couraça nem chi-
fres, sem patas nem toneladas, invisível no espelho que nos reflete,
mas que,

no fim das contas, além de ser ele, é sempre,
sem nenhuma exceção, nós mesmos.

DE PRÊMIOS, ARMADILHAS
E OUTRAS COISAS, Nº 2

E não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida, largar o emprego medonho, realizar o antigo sonho de ser o que se acredita ser, achando resolvido todo e qualquer problema. Não, não adianta: não somos a solução embolsada, mas isso de que jamais escapamos na busca do impossível horizonte. Somos a vida estendida entre o chão e o abismo, as variações aleatórias que ela mesma, a vida, nos distribui em prêmios e armadilhas, a velocidade com a qual, aturdidos, nunca nos acostumamos. Não, não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida supondo baixo o preço a ser pago, mas de receber o que nos é a nossa revelia. Desconhecemos a salvação. Acabamos nos lançando, sim, a uma intensidade maior, e, desprotegidos, sob o risco constante de *você só tornará as coisas piores*, sob o risco constante do malogro, não vivemos da melhor maneira: mas da maneira possível.

POEMA DA CONSTATAÇÃO RETORNANTE

Uma máquina de carne caminha por entre carros.
O mar da cidade não protege essa máquina.
Ela vai por entre o trânsito de outras máquinas,
sem pensar que está sozinha,
que pode ser esmagada por um leve susto
de outra máquina. Essa máquina
não pensa em nada – não precisa pensar em nada –,
mistura-se a ferros, vidros, borrachas
e parece agüentar qualquer rojão.
Às vezes, penso que a máquina entre máquinas não precisa de proteção,
desde que o motor de carne pegue pelas manhãs e funcione ao longo de
todo o dia.
Se é verdade o que às vezes penso,
se é verdade que essa máquina não precisa de proteção,
se é verdade que, custe o que custar, essa máquina não pode parar, tanto
faz agora ser essa
a cidade ou outra qualquer ou aquela ainda mais longe, tanto faz, se
o mar não protege essa máquina,
se essa máquina vai por entre o trânsito de outras máquinas.
Essa máquina vai por entre o trânsito de outras máquinas
de qualquer cidade. Essa máquina,
que já não pode parar, que parece agüentar qualquer rojão,
que às vezes penso não precisar de proteção, essa máquina paga um
preço
sem lembrar-se que paga. Mesmo as máquinas que não querem pagá-
lo, as que fogem por novas ruas abertas na fuga,
as que sabem que habitam essa cidade com seus mares (e não outra),
acabam pagando, mais cedo ou mais tarde, um preço – lembram-se,

entretanto, que o pagam...

Inquietamente,

aceitam o adentrar de cada uma em seu quinhão.

A VIDA É ASSIM

ARRANJOS PARA MENSAGENS ELETRÔNICAS RECEBIDAS POR MIM

Escrevi isso num dia do qual nem me lembro mais. Já que estava tudo uma bagunça mesmo, resolvi mexer nuns mortos: ou talvez: enterrar cadáveres que estavam indigentes, por puro abandono meu, que não fui capaz de sepultá-los. Dizem que com a idade a gente fica mais forte. Como eu constato a toda hora, sou um bocado diferente da maioria dos mortais, o que acaba perdendo toda a graça, pela inconveniência da imposição. Minha natureza foi moldada certamente sobre um núcleo do qual o alcance me é negado. Devo aceitar essa natureza, mesmo não podendo deixar de me revoltar. Inevitável constatar também que é inútil qualquer tentativa de querer ser o que não sou. Caio na esbórnica com mais frequência do que deveria. Perdoe-me, no jogo de erros, a estranha sou eu mesma. Tenho tido tantas demandas sugadoras... e a gente ter que decidir a todo instante, a cada esquina que se dobra, dá um

cansaço enorme e a falsa impressão de que somos donos do destino. Estou peregrinando por todos aqueles lugares horrorosos onde se fazem muitos exames igualmente horrorosos. Acho que a vida é uma ressaca que não passa nunca. Tenho um medo enorme ao meu lado. Não quero falar demais, já farejo a derrota no ar. Perdoe-me a falta de generosidade em lhe mandar um e-mail down. Não consigo outro tom, não sei mentir sem voz. Tem um dado novo que me ajuda a lidar com a situação em que me encontro, mesmo não me livrando de crises esporádicas: eu simplesmente não tenho outra opção agora. Andei bastante por Portugal e pela Espanha. São Sebastião atravessou (feito uma flecha) o meu caminho. Eu o encontrei, mesmo sem esperar, quando olhei pelo buraco da fechadura de uma pequena capela de Coimbra, fechada e acesa. Me lembrei bastante de você. Dá para construir toda uma história com aquela imagem, você poderá acrescentar a contundência. Em vários momentos, pensei em lhe dizer como estava perdendo tempo com aquele emprego, mas essa era uma decisão que só você poderia tomar. Para se alcançar um objetivo na vida, é preciso abrir mão de muitas coisas e temos que tomar a decisão e você já escolheu seu caminho. Eu, que lido diariamente com doença, dificuldades afetivas e velhice, compreendo muito bem. A vida é assim, é muito curta, e tem que ser vivida. Encaminho uma forma de pensar e compreender as coisas. O que queria, de verdade, era ser um bom marceneiro junto à madeira ou qualquer perito junto a sua “coisa”, porque ouvia, no toca-fitas do carro, numa fita da Mísia, um fado em que a letra do José Saramago diz, num determinado momento: *Num recanto de silêncio/ Onde os gestos do pensar/ São as traves duma ponte/ Que não paro de lançar*. Fui às Paineiras

de manhã cedo, estava maravilhoso. Essa caminhada me faz bem em muitos aspectos. O traumatizado galo branco já não estava. Talvez não faça grande diferença, não tenho muitas certezas, acho que ninguém nunca as tem, mas pelo menos não estou lutando contra o ritmo natural. Estou me sentindo um pouco mais inteira e firme no chão onde piso. Acho que o vendaval já passou, as coisas vão indo na normalidade do cotidiano. Tudo é tão misterioso que já aprendi: devemos apenas aguardar. Assim, retorno aos poucos à serenidade. O bom mesmo é que a vida retoma seu lugar comum, que a gente reclama, mas é onde podemos tentar sem alvoroço, no tempo que pode ser.

ARRANJOS PARA CONVERSAS TRANSEUNTES

... aí a gente começa a conviver com o perigo, e aprende a cair fora dele. Uma vez ou outra até que apetece. Camarada tem que estudar muito a mente de sua pessoa, tem que ter jogo de cintura. Meu colega é caminhoneiro. Ele foi pra São Paulo, quebrou a cara. Aí foi pra Bahia. Foi prum forró. Chegou lá, aquelas mulheres bonitas, e ele só tinha dinheiro pra ficar no caminhão. Aí é que o bicho tem a cara de ruim mesmo. Não tenho pressa pra chegar e olhar a cara da patroa. Quarenta anos a mesma cara. Muita coragem, aturar um diabo daquele quarenta anos. Eu correndo atrás do ouro e ela vendo novela. É sempre assim, Deus tira de um lado e põe no outro. Às vezes, não põe em canto algum. É todo dia isso, na forma do costume. De segunda a segunda. Ele chega do serviço, vai direto pra

casa dela. Chega em casa uma e cinco da manhã, a rua deserta. De segunda a segunda. Um erro que acontece fluentemente. Eu vou falar com a mãe da menina: é melhor meu filho juntar seus podres com a sua filha. Aquele ali, coitado, vai morrer sem nunca ser o que queria ser. Pobre é teimoso, não morre não. Por favor, onde fica o hospital do coração? Era um preto de linha... aquela camisa alta, sapato bacana... Um preto de linha. Todo mundo olhando o negão, ele chegando de mão dada com a loura. Vê se pode? Era um preto de linha, de mão dada com aquele travesti. É tudo safado hoje em dia. Não se pode confiar. Quase enfiei a porrada lá em um, me chamou de maconheiro. Que maconheiro nada, era cigarro mesmo. Vê se eu vou fumar maconha em sala de aula! Enquanto ficarem em cima de mim, eu não tomo decisão nenhuma. Vocês vão ver, o tempo passa, aí é que começa a doer. Eles não tinham nem casa para onde ir. Nem projeto. Você sabe o que é isso? De repente apareceu aquela casa maravilhosa. Aí as pessoas ficam mais tranqüilas. Dinheiro... dinheiro é difícil de ganhar, mas é muito fácil de perder. Você não sabe o dia de amanhã. Talvez eles estejam bem preparados. A gente tem que rezar assim: Senhor, obrigada pelo enterro do meu pai. São as coisas simples assim que eu gosto de saber explicar. Bem que meu pai dizia: quando as águas rolarem, ai de quem não se agarrar nessas pedras. E o cara falou, Deus é justo pra caramba. Vamos descer no sinal. A mulher atravessou a Praça Saens Peña, eu fui obrigada a falar: Seu filho é lindo, ele trabalha em tevê?... aah, a senhora está perdendo dinheiro. Está chovendo por tudo o que é lugar, menos na minha horta. E lá vou eu nesse pega pra capar. Aí, acabei batendo na casa da outra dona. Era muito trabalho. Tinha que fazer tudo devagar, senão no fim do dia

ficava muito cansada. Cozinhas, lavava, passava, arrumava... era muito cansaço. Quando ela via que eu tinha acabado, que estava descansando, lá vinha ela: está fazendo o quê? Estou descansando. Aí ela vinha e inventava mais serviço. Só trabalha lá quem tem muita necessidade. Eu sei as músicas do Roberto Carlos todinhas... como é que eu sou maluca? Eu ia falar com ele, mas não adianta. Ele diz que não tem culpa no cartório, eu penso diferente. Quem tem essa visão não muda. Ele acha que tem que ter uma mulher em casa, uma mulher na rua. Eu gosto de resolver tudo quando venho para cá. Estou quase entrando num grupo de escoteiro, mas não sei, quando eu começar a trabalhar, não vou ter pique. Ainda tenho que cuidar da casa. Acordei às seis da manhã. Estava ouvindo meu pai lá no quarto com minha mãe... não sei o quê pra cá, não sei o quê pra lá... meu pai é fogo. Tem que abrir a casa para arejar. A casa é isolada, não tem vizinho não. Você vê, quando era pra tomar tiro, eu não tomei... fui tomar agora, de bala perdida. Senti só um figão, um figão e muito sangue. Pegou a artéria. Pra você ter uma idéia, eu recebi quatro litros e meio de sangue. Quatro e meio ou cinco. Ficou uma poça imensa onde eu estava deitado. Me inclui fora dessa, aí! É eu, você e o neguinho, todo mundo que se conhece. Eu já não lhe disse quem é o homem?! Mas ele te trocou por aquele saco furado... Como diz minha prima: não adianta um só gostar, os dois têm que gostar. Deixa puxar, deixa. Lá em casa sobe direto. Sem ser esse domingo o outro, você dá um pulo lá em casa. É aquele mesmo esquema em que vocês foram a outra vez. Aí apareceu um padre, pra dar a extrema-unção no homem à esquerda do cara. O cara, todo fodido, virou o olho pra esquerda. Aí o padre foi dar extrema-unção no que estava à direita dele. O cara virou o olho pra

direita. O padre foi lá: Meu filho, você acredita em Deus? O cara gemeu qualquer coisa que ninguém entendeu. O padre insistiu: Deus, meu filho... você acredita em Jesus Cristo? O cara ainda conseguiu falar: A essa altura, seu padre, eu acredito em qualquer porra. Não me interessa, você tem sempre razão, você acha que está sempre certo. Não adianta mais, você já perdeu a viagem. Você ainda não entendeu o problema. Vê como você pode administrar isso. Se você sabe, você devia ter feito isso. E o pior é que ela não tem nada. Eu já estava preocupado, aí ele chegou. Eu falei porra você trabalha aqui do lado e está atrasado! Quem caiu fora? Ela? Cruz credo... depois ela volta. É ruim dormir... é melhor dormir em casa. Tem dias que dá onze horas e ainda tenho que passar roupa. Vou dormir já é meia-noite. Era melhor ir pra casa. Dormir no trabalho não dá certo não. O que eu queria mesmo era ir sexta pra casa. Eu sou sozinha. Não tenho filhos não. Mas o que eu queria era ficar dois dias inteirinhos em casa. Trabalhar sábado é muito ruim. Mas é o dia que ela faz a feira, então, tem que guardar tudo na geladeira, arrumar. Trabalho com ela há vinte e dois anos. A gente deve se entender, né? Eu já estou aposentada, mas ficar parada é muito ruim. A gente tem um dinheirinho pra comprar as coisas da gente, pra sair... Isso aqui é tão longe que se a gente morrer por aqui não vão encontrar nem a alma. Olha, daqui a pouco tem uma cirurgia. É aconchegante, rapaz, é de primeira. Não é o mundo que é pequeno; a classe média é que está cada vez menor. Só de escutar a voz dela, eu fico nervoso. Eu estou mais magro mesmo. Essa preocupação com o vento, com as folhas... varro a rua todinha, quando acabo, já está toda suja de novo. Quando tenho que parar, é só darem o sinal que já estou saindo. A vida está difícil pra todo mundo.

Está muito cedo ainda pra gente chegar a uma conclusão. Já sei, preciso pedir a alguém com a mente aberta: não deixe que a cultura abafe a realidade.

ARRANJO PARA SALA DE CONVERSAS

Faz parte do aprendizado... só aqueles que são capazes de sentir com o coração, e não com o bolso, são os verdadeiros vencedores. É uma forma irônica de falar dos prejuízos. Até que enfim alguém diz algo que merece a conta do telefone. Você fica falando com um monte de gente ao mesmo tempo, aí perde o mais interessante. Além de viver, cinema, sorvete, leitura, música, algodão-doce... e você? Nossa família já é grande, fora ainda os agregados do mundo. Com esse papo de velas, ando superdistraída dos acontecimentos. De qualquer forma, a experiência foi boa. É um vício maldito, mas sou feliz assim. O nosso papo sobre a vida vai ter que ficar para depois. Eu me vejo, de fato, numa sala, sentada entre todos, e, portanto, falando com todos. Esse é o grande barato (uma opinião muito particular, é claro)! Se eu fosse você, ficava bem longe dela, é contagioso. É bom deixar o povo ver você entrar e sair do reservado bem composta. Essa gente é linguaruda, você sabe. O meu cérebro está numa piscina. Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que fez a tua rosa tão importante, ou, se queres um amigo, cativa-me. Como eu já disse antes, você é muito engraçado. É a primeira vez que eu entro, mas estou sentindo que assim é legal, assim mesmo como você está falando, dá um certo frisson conversar com várias pessoas ao mesmo tempo.

Já está mais do que resolvido. Muito cansativo, porém essencial. Não sei do que está falando. Fica alimentando as idéias dessa doida, fica... só porque ela está grávida, fica provocando. O importante é a gente fazer o que nos deixa felizes, mesmo se for um vício. Sim, um caminho que não seja inventado, um caminho que parta de um fato, de um acontecimento, de uma evidência real. Sim, um caminho bem direcionado, mas não revelado totalmente. Gosto de sair bastante, comprar roupa e muitas outras coisas. Fique à vontade para se expressar a respeito da minha pessoa. É preciso ter cuidado, nossas asas são de cera. Com um pouco de paciência, podemos tentar. No mesmo dia em que eu vim para cá. Sabemos a que estamos sujeitos nesse mundo onde a ignorância e o desespero imperam. Entra aí a massificação. Considero até mais importante. Um encontro de dois seres que não se conheciam, mas passaram a se conhecer. Na verdade, esperamos uma sugestão. Agora está meio sem saída, está faltando motivação. A prova é muitas vezes comprovada durante a vida, no âmbito pessoal. De vez em quando gosto de variar. A quem gosto, acabo sempre me identificando. Alguém imagina quanto tempo ela leva para escolher uma roupa? Rola de todos os assuntos. Eu sei, mas também penso em planejar um futuro lado a lado com ele, senão fica tudo muito teórico. Bem compreendo o teor de suas palavras. Costumo fazer o que tenho vontade. Não precisamos explicar. Houve aquele ritual característico da macarronada de domingo? Espero que não tenha deixado cair o copo. Com um pouco de paciência, podemos tentar. Eu não esquento pra essas coisas não, foi por pura curiosidade. Aqui não se pede desculpas, a gente vai falando com todos. O mais interessante seria ficar no meio do caminho. Viu só como eu tenho você em

boa conta! A gente brincou tanto da última vez, que não me lembro de ter te perguntado o que fazias. Meu irmão, estou trancado aqui no meu escritório e não sei não, mas com a mudança do tempo deve estar dando uns porradões. Não surfo mais, mas com o sudoeste sempre rola umas porradas. Já me disseram isso. Pronto. Eu já disse que não é questão de paciência, é questão de suportabilidade e sobrevivência. A gente deixa uma plaquinha pendurada nessa. Por favor, alguém começa por mim, eu já percebi que fico mais criativa quando sou estimulada. Eu estou tentando ser diferente do anormal. Não estamos falando de nada muito específico. O melhor mesmo é viver um dia por vez. Nossa, me desculpe se eu não prestei atenção na sua mensagem. Já perdi a conta. O que importa a idade? O que vale é o charme. Esse é um assunto em que muitas vezes tememos pensar. Difícil esperar. É difícil viver num mundo assim, mas é desafiante enfrentar tantas dificuldades. Aqui a regra é assim... você entra no meio dos assuntos... pode entrar nas conversas... ninguém se importa. Eu o conheço de chapéu, de cumprimentar, digamos assim. Ah, tá, vaso ruim não quebra. Eu estava pensando exatamente o contrário. Espero clarear mesmo. Tua resposta não diz muito. Com certeza, existe a possibilidade de dar sentido, de responder o que pensamos das coisas. Bonita, legal, inteligente! Vamos pular essa parte, eu não tenho muita paciência para essas perguntas. Por nada, é que eu estou lembrando das coisas aos poucos. Vou acabar com esse duplo sentido. Você prova que milagres acontecem! Valeu brother, mas não vou à praia hoje. Não se sabe realmente, nunca se vai saber. Matando o tempo. De vez em quando, dá só um pouquinho de medo para ser vivo. Já vai acontecer o entra e sai até conseguir a corzinha

dileta. Só quando ela ficar vermelha. Uma mudança de padrão, de estado físico, de sentidos. Ela se dá, geralmente, num âmbito pessoal. Realmente, isso dá pano pra manga. A propósito, não pense o senhor que eu sou submetido a modas... pelos padrões da sociedade, sou considerado diferente, a sociedade me rotula como grunge, avesso à moda. Não que eu tenha o intuito de querer dizer algo com isso. Admita que você é em demasia. Haja resignação. Não! Não aceito! Não tem mais volta. Vamos, então, mostrar pra essa gente como é que se faz.

APÊNDICE
TRADUÇÃO LIVRE DE UM POEMA
INEXISTENTE DE LYN HEJINIAN

Comece aqui, para aprender a gostar de uma perda.
O segundo programa que fiz com a mulher com quem casei foi ir ao circo.
No fundo, somos todos mais ou menos iguais.
O cheiro azul da praia invadiu os olhos da menina.
A campainha tocou antes das sete, não sabia se a havia escutado ou não.
A mudança mais difícil ocorre quando é necessário permanecer, apenas os frágeis fogem pelo caminho mais fácil.
Ao longo daqueles meses de viagem, os três abriam os olhos exatamente no mesmo momento.
Procure manter o coração bem quente, mesmo em situações glaciais.
O que está acontecendo na casa em frente não é obra, mas tem alguém martelando um prego.
O prato quebrado na festa fez um barulho imenso.
No fundo, somos todos inteiramente diferentes uns dos outros.
Ele ensinava a *Bíblia* a sua patroa. Muito poucos sabiam que *Bíblia* era a lição maior: o nome de seu porrete.
O escudo saiu da fundição cheio de defeitos, parecia um verdadeiro achado arqueológico.
A frase incomparável de um acusado na boca dos jornais: *Nunca matei*

um sapo sequer, o primeiro ser vivo que matei foi minha mãe.

Às vezes, caminho apenas por uma rua; outras, por duas ao mesmo tempo.

O azul da manhã desponta na buzina de um carro.

Cinqüenta reais, às vezes, fazem a diferença.

Está escrito em um outdoor que o gol é o orgasmo múltiplo do homem. Tem muito mais carros na cidade do que palavras; incrível como ninguém nunca pensou isso antes, pelo menos de maneira tão explícita. Incrível também como se pensa qualquer coisa quando não se focaliza apenas uma.

O livro de Clarice, comprado num sebo, tem esparadrapos cobrindo frases e colando umas páginas às outras.

No fundo, ninguém sabe se é mais ou menos igual ou inteiramente diferente dos outros.

Há tanta perdição em sua vida que lhe deram uma bússola de aniversário. Palavra dita e pancada dada não se tira.

Muitos helicópteros sobrevoam o Corcovado em dias de sol; isso irrita um morador da rua.

As lanchas da infância acabaram de cair por detrás do oceano.

A orquídea nunca mais floriu; em compensação, as flores de maio dão duas vezes por ano e as bromélias já estão na quarta geração.

O latido de um cachorro não é mais nem menos do que o latido de um cachorro. Até ter escrito isso.

O telefone disparou essa manhã.

As frases, como as pessoas na multidão, vão se esbarrando. Então, o latido de um cachorro é e não é o latido de um cachorro.

Hoje na feira o preço do tomate estava significativamente mais baixo.

Uma réstia de sol para amenizar o frio.

Sem que ninguém peça, eles vão aparecendo por tudo quanto é lugar.

Os velhos sonhos do centro...

No fundo, essa coisa de querer saber se somos todos iguais ou inteiramente diferente uns dos outros deve ser uma grande bobagem.

Uma cumplicidade não afetada.

Vou dizer agora: isso aqui é apenas pro grupo de risco da liberdade.

Contamine seu parceiro.

Faça o que quiser e não pentelhe ninguém.

Se aquela fumaça estivesse mais alta, bem que pareceria uma nuvem.

Lá longe, por detrás dos prédios, está passando uma ambulância.

Ele, que não se casou e não teve filho, está pensando em comprar um cachorro. Ela, que se casou duas vezes, tem filho e cachorro, garante que é a melhor solução.

As palavras me fogem... as palavras me fogem...

O mendigo dormindo ali na esquina reinventa seu corpo, trazendo uma espuma amarrada nas costas e uma garrafa de guaraná como antolhos.

Os deslocamentos às vezes coincidem.

Como quem dobrasse a São Clemente e entrasse pela Presidente Vargas.

Pensar, é a vida que fornece, sempre.

Reclamou que alguém era muito profundo; vai ver tinha até razão.

Isso concerne a qualquer um, danifica somente as coisas já defeituosas.

Dias depois, lhe escrevi uma mensagem dizendo que não fui à leitura pois havia um jogo importante. Ela ficou uma fera: *O que será da poesia se os próprios poetas se encontram no Maracanã?*

**JÁ QUE NÃO HÁ CABEÇA
NEM LUGAR PARA O QUE PASSA
(TUDO NA VIDA É PASSATEMPO)
(2002 - INÉDITO)**

JÁ QUE NÃO HÁ CABEÇA NEM LUGAR PARA O QUE PASSA

Ela concordou que os humanos não precisam se separar por questão de gosto. Amanhã eu levo o dinheiro. O telefone acabou de tocar. Vou deixar a secretária eletrônica atender e fazer esse negócio. Não sei, isso não pode ser algum tipo de teste. Isso dá até um pouco de medo... Aonde pode nos levar... ser assim conduzido pelo acaso. Esse garoto inventa cada coisa! Deve ter a ver com algum experimento poético. Experimento não é bem a palavra. Algo zen, contrário do que ele disse. Ao contrário do vazio, o cheio. Como uma espécie de vômito, para limpar o organismo. Como o motorista de táxi me disse outro dia, que vomitava para limpar o organismo. Ele me parecia meio louco, aquele cara, meio piradão. Do tipo que só faltou me oferecer a mulher. Como aqueles caras que fazem suingue, que eu vi no programa da Monique Evans. Sempre percebo nas minhas fotos que um olho é vivo e bem aberto, o outro é triste e meio caído. Está tudo estampado na cara, e eu querendo mudar de estampa. Não há escapatória para a vida. A vida é ávida. A vida tem que ser vivida. Tenho que fazer a montagem das fotos. Naquela outra foto, mesmo que meu coração estivesse mais apertado, havia ternura. Nunca pensei que eu fosse guardar a rosa de porcelana com tanto carinho. Com o passar dos anos, ela dobrou de volume. Mirian tem um sorriso largo, o meu é estreito. Acabo de ouvir a musiquinha do

gás, que chatice. Mas o dia está glorioso! Minha cabeça pensa em blocos de associações, mas a distância é muito grande entre o pensamento e a fala, e o hábito de escrever não permite que o pensamento se registre automaticamente. Em economia, isso se chama custo de oportunidade. Não descobriram ainda como ensinar gramática para o computador. Nada de novo sobre a face da terra, mas este é o filme em que eu entro. Fui convidado pro coquetel da Julia Mãe, devia ir e não vou. Minha irmã mais velha me garantia por telefone que a mente não envelhece. Ah, essas mulherzinhas... Tem uma hora em que esbarro em todas, quando elas vão de manhã pra faculdade com cheiro de sabonete no corpo. Não dá pra pensar em nada mais elevado? Ontem, ou foi anteontem, o mestre estava duro para pegar o ônibus e me pediu pra completar a passagem dele, o que eu pude fazer cheio de orgulho. Continuo cheio de confiança na vida e agora já acho difícil mudar de opinião quanto a isso. A reunião foi em grego, como aliás eu já tinha dito. Confiar na vida porque ela é original, como disse o Svevo, e porque “Deus é a vida”, como disse minha amiga que é freira. Por falar nisso, acabo de ler no jornal a história da freira que engravidou e abandonou o bebê na porta da igreja, depois de ficar meses sumida dizendo que tinha sido seqüestrada. Por hoje chega! A má vontade é o pior dos defeitos. Bebi demais ontem, preciso voltar a me policiar, vou ver se consigo. Bebi tanto que sei que convidei todo mundo para uma fogueira no sítio, mas não me lembro se ficou combinado se é para amanhã. Não sei porquê todo mundo fica me olhando. Eu faço tudo para não parecer esquisita. A maturação da personalidade leva a pessoa a encontrar seu próprio lugar. Hoje não estou legal, velhas tiranias de mim para comigo me visitam. Não canso de sonhar, ter esperanças e buscar o melhor. Amar é negócio muito perigoso! Fiz um poema sobre um carro em chamas que vi numa esquina sombria, aquilo me impressionou muito, principalmente quando passei perto e senti o calor do fogo vivo. Ainda não sei o

que dizer, pois ainda não consegui organizar minhas impressões. O caso é que não tenho pensado mais nisso. Então, tenho sempre que descobrir novo caminho para andarmos juntos. As amizades são tudo na vida, mas, sob o império da paixão, nos esquecemos disso. A humildade é a rainha das virtudes. Não tenho tempo para nada, tenho muita coisa para fazer e nem comecei. Gostaria de ter tempo para tocar violão mais calmamente. Tenho saudades do ócio da criação. Estou interessado nas várias camadas inconcebíveis da realidade. A violência natural do homem e as várias formas repressivas da barbárie rodam no espírito das cidades sem cessar, insano carrossel desgovernado. A alegria do sim não é tão grande quanto a tristeza do não. Há muitas coisas que podem ser pensadas, mas não devem ser ditas. Não paro de ler livros de sabedoria, quem sabe, dia desses... Estou eu aqui capturando pensamento como quem tenta pegar mosca no ar. O sol acima das nuvens, aqui. Aquele Buda de pedra é o meu preferido. A rainha da Birmânia mandou cinco dos melhores escultores. Depois de algum outro número, algum vazio deve aparecer. Não adianta fugir. A vida é a única verdade. A vida é uma mentira. A vida é uma espécie de delírio. Objeção na ponta da língua. Pisei em cima de uma arraia, fiquei com o pé inchado, como um ferro quente entrando no pé e subindo até acima da coxa. É como se uma agulha quente estivesse entrando do pé até acima da coxa. A moça do hotel pegou uma bacia de água “caliente” e depois falou que eu precisava tirar o líquido venenoso que o rabo da arraia havia depositado na sola do pé. Depois de espremer o pé, ficou tudo OK. A poesia está presente em qualquer insignificância. Um momento ou vários do desejo introduz uma dispersão. Acordei com a dor de cabeça de ontem. O sexo também passa pela cabeça... falta o sexo no sexo. Quero uma galinha. De grão em grão o galo canta melhor. Eta poeta punheta, eta poesia vazia, eta rima careta. Finjo que faço e faço, faço que finjo e faço. Quem tem cu tem medo. O que foi que você fez, menino? Não fui eu. De manhã

cedo não tem mosquito. Choveu muito meteoro na minha horta. Educação pela pedra no sapato. Sapato furado, panela velha, sexo murcho... vendo tudo. Um real um real um real um real um real um real... cinco mariola um real. Quinze frases de outros para meu amigo. Quinze menos cinco dez... ou seja, nove, para ser exato. Aquele que agradece que na terra haja música. Ontem, no dia dos pais, minha filha não me ligou e eu me esqueci de ligar para ela. A morte é certa, mas não vou viver com essa sentença ao meu redor, dentro, sempre, porque isso não é viver. O fantasma sabe a quem aparece. Não estou com fome. Quando tomo café não penso no gosto do café. Tenho tanta coisa para fazer hoje. Ah! Pegar o extrato do Banerj, mas onde está? Ligar para a advogada. Falar com a Jurema. O que fazer com a escola dos meninos? É mais difícil do que pensava. Acabaram de ligar nosso carro. Fico pensando sobre o que pensar. Na verdade, procuro o que pensar. É difícil escrever. Não pensei exatamente assim. O que eu estaria pensando agora? Descubro o que querem através de mim. Os enunciados são um perigo. Por que os amigos sempre pedem coisas esquisitas? Ouvir música sempre me faz pensar melhor. Tem momentos em que eu percebo meu envelhecimento. Me vejo em movimento, um movimento que por enquanto é linear, mas gostaria que fosse cíclico. Judson e Kris vão se casar, já que, por enquanto, não têm outra festa para fazer. Descobri que os alimentos naturais fazem muito bem para a saúde. Agora tenho que me acostumar a comê-los. Na verdade, tudo ou quase tudo que eu escrever aqui, um dia, alguém já disse. Talvez não numa situação como essa. Dizem que no final tudo dá certo. Se ainda não deu certo é porque não chegou no final. Quando a gente não se preocupa com as coisas, elas acabam se saindo bem sem nossa ajuda. Falando, tudo se sai muito bem: mas na hora de escrever parece que surge um mundo paralelo que antes estava oculto, um mundo de regras e normas para nos deixar encabulado, mas também para clarear o caminho. Perceber as coisas é

não se cansar de olhar. Tenho até medo de deixar que as idéias fluam, posso perder o controle... O desamparo do desconhecido, do irreconhecível. A vida é a morte. A vida é despedida. A vida é simplesmente o fato de que alguém vai morrer. Acho que vou ao banheiro. Esse menino me pede cada coisa! Quando eu morrer, eu vou pro céu com tripa e tudo. Até que com boa vontade se pode dizer que estava bom. O moleque apareceu na jogada — que pentelho! Sinuca e totó, bem legal! Muito crowd, o lugar. Até que enfim deu pra fazer manobras com pressão. Eu fui conferir aquelas linhas perfeitas. Insisti um pouco e nada. Tudo OK. Morena e internet bar. Foi divertido. Eles não entram e depois criticam. O vento entrou depois. Show! Muito engraçado, Sunrise deu um show de manobras desengonçadas! Direitas e esquerdas com excelentes formações. Potencial muito bom. Fundo de pedras. Em alguns trechos, as quilhas chegavam a arrastar nelas. Sol na lata, de frente. A vida é uma coisa que não existe, mas que existe mesmo assim. A vida é incompreensível. Bom, já cheguei à décima quarta frase e não houve nenhuma epifania... Ou houve? Tem dias em que quero fazer loucuras, mas em compensação tem também dias em que nada me pega. Eu já não sei mais o que dizer da vida. A vida me calou. Vou pra debaixo das cobertas, porque minha caminha já está preparada. Ainda bem que vou sem homem. Amor despedaça. Sexo seguro só sem camisinha. Pela alegria do amor. O médico ontem deu uma bronca na mulher dele, pelo telefone, na minha frente. Depois me disse que a sogra dele tinha morrido. Pior foi outro dia, que liguei para o seguro pedindo a lista de psicanalistas. O cara me disse que a mandaria pelo correio. Eu perguntei: vocês não poderiam mandar por e-mail? Ele respondeu: nós somos pessoas sérias! Terá um momento em que essas questões deixarão de fazer sentido. O lixeiro voltou para a rua hoje. Alguém perguntou por que ele estava sumido. Ele disse que estava de férias. Nós já tínhamos reparado também. Mas veja só como são as coisas: admitimos até a

possibilidade dele ter morrido. Parece até que lixeiro não tem direito a férias! Nada é mesmo muito fácil nesta vida. A mulher do meu médico perdeu a mãe e ainda tomou uma bronca do marido por causa disso. Ou quase por causa disso, ou por outro motivo qualquer que ele quis que parecesse que fosse esse. Não, acho que ela tomou a bronca justamente porque perdeu a mãe ou o pai. Arroz demais mata. Às vezes tenho pena da minha empregada. A vida é insuportável. Nenhuma mulher vive o suficiente. Mãe cansa. A vida fica em silêncio. Após a outra, o deslizamento. Quanto menos seria o que cada um poderia fazer. Freud fez miséria. Você acha que eu sou uma fábrica de frases? Observe e anote. Nada disso é necessário. Ficar escrevendo assim ajuda a passar o tempo. Bianca acha que eu devo publicar aquele escrito que fiz jogando o livro para o programa de tradução do computador, que foi traduzindo do português para o inglês, para o italiano, para o inglês, para o francês, para o inglês, para o espanhol, para o inglês, para o alemão, para o inglês, acho que até para o japonês, para o inglês e de volta para o português. O título é: *Vocês nem imaginam como eu dei a volta por diversos países para chegar até aqui*. Quero que o CNPq vá tomar no cu. A maior confusão e ele dizendo que não poderia fazer nada por nós. Os outros brasileiros só observando e nós batendo boca com todos os setores do aeroporto. Depois de muita confusão, pegamos a bagagem, com prancha e tudo mais. Vendemos as pranchas mais usadas e fomos ao super. Não valeu a pena, porque o preço de uma refeição é o mesmo que no super. Não pode tributar nem deduzir o investimento realizado. Não informam qual a origem da aplicação, portanto não sabe o real resultado dos seus rendimentos. Pensa excessivamente diverso. A idéia era irmos embora, tomar um suco ou algo parecido. A verdade de hoje é o absurdo de amanhã. Geralmente, o conceito de certeza absoluta é relativo. Ser menor não é ser menor. Ah, meu Deus! Mas que tarefa difícil, essa de escrever 15 frases! Sinto como se meu pensamento tivesse

se esvaziado... Aposto que tem sacanagem nessa história. Vou arriscar assim mesmo, afinal a curiosidade normalmente só mata gatos. Ainda acho que vai ter sacanagem nessa história. Quantas frases poderiam descrever minhas ânsias? O infinito é o começo de seu fim. Eu não entendo nada de cães: cães me dão fobia, uma companheira antiga. Só posso dizer o seguinte: há cães, e não tenho versos para descrevê-los. Um cão me disse, certa vez, uma coisa: “eu existo, não está vendo?” E me disse isso sem um latido. O silêncio de um cão que encara não dá um verso! Velho, eu sei que ainda não sou, mas vejo que percorri um longo caminho até aqui. Pode ser que eu esteja com algum sentimento de maturidade crônica. Não vejo a hora de me sentir uma criança outra vez. Isso é muito difícil... ou porque eu só penso coisa que não quero mostrar pra ninguém ou porque só sai bobagem. É... eu até poderia fazer, mas não vou. Sabe por que eu não vou? É arrumar encrenca para mim. Não sei porque a vida vem me irritando. Eu perdi alguma coisa pelo meio do caminho. Tudo é falso, tudo é ilusão, mas você tem de ser o criador. Não quero mais saber de arte. Olhando o corpo dela... você acha que é forçado, essa coisa da mulher mais velha mantendo o corpo com ginástica? Você acha que é forçado ou que é assim mesmo, a melhor maneira para a mulher? Neguinho não vai nem escutar, mas tem um barulho danado aqui. Tudo o que eu procuro é uma saída. Será que um dia conseguirei atravessar? Prestaram? Podem falar o que quiser, mas eu sou a melhor ex-mulher do mundo. Os deuses parecem estar a meu favor, me fizeram recuperar um tesouro do coração que eu imaginava perdido para sempre. Reencontrei o grande amor de minha juventude. Nossos destinos voltaram a se cruzar e a nos oferecer agora os frutos que plantamos naquela época. Estamos apaixonadíssimos de novo. Estamos fazendo uma homepage com nossa história. Até que me diverti. Não falamos sobre a fome. Tudo na vida é passatempo, já me disse alguém. Na época, achei estranho, mas é isso mesmo, tudo na

vida é passatempo. Várias coisas que me falam, acho muito estranho na hora, depois vejo que é isso mesmo o que se dá. Talvez por isso é que sejam mesmo tão estranhas.

SÓ PARA DIZER QUE ESTÁ TUDO BEM POR AQUI

E aí... fugindo da contagem e procurando vencer a vida por pontos? Não se assuste, não vou te pedir uns cobres. Chega de múmias! São as boas surpresas que a vida nos reserva. Colocamo-nos à sua total disposição para maiores esclarecimentos ou demais informações. Certamente, há nisso alguma ajuda. Você não imagina a quantidade de coisas que estão envolvidas nessa questão – quero dizer, em como essa questão se insere no contexto da minha trajetória. Criamos castelos de cinzas com palavras. Às vezes, mais do que bons, eles são especiais. É uma conversa viva, de verdade: uma aventura. Com essa parada, talvez eu compre o motor do carro. No fim do ano, terei o carro inteiro. Gosto das coisas batalhadas. Como as mulheres difíceis, são mais saborosas. Também gostei muito do nosso encontro. Muito resumidamente, venho fazendo nos últimos dois anos um esforço imenso para sanar limitações que me tolhiam, mas esse esforço corre o sério risco de me tolher ao avesso, isto é, por excesso, lá onde andar muito a cavalo faz esquecer como se anda a pé. Acabo de jogar o lixo do terceiro andar. É meu lazer. Cesta de três pontos. Faz um barulhão e me escondo na janela. Já teve dia em que errei a pontaria: um escândalo. Vejo os lixeiros correndo. Com seus roupões laranjas e suas luvas. O cinturão da miséria. O triturar de uma máquina que ronca e rosna como cães latindo na garganta. Eles ficam escorados na gare, como nas cordas. Ele me falou que não

acreditava em você como boxeador, que só passaria a acreditar quando você desse um murro no meio da cara de alguém (nem que fosse na dele)... Olha aí o desafio! Reforçou em mim a sensação de que um poeta está sempre trabalhando, embora não esteja sempre escrevendo. O próprio dia-a-dia, a própria experiência vivida será o material sobre o qual ele produzirá sua obra. Será isso mesmo? Dia desses, também fui reconhecido por um mendigo. Ele me chamou. Aproximou-se com o bafo de Velho Barreiro. Só para dizer que está tudo bem por aqui. Há muitos e muitos anos, entreguei meu destino a Deus, acho que fiz bem. Tenho um sentimento maluco de que Deus ou os Deuses (ou a Vida) me protegem com absoluto carinho. Talvez seja uma ilusão, mas que tem me ajudado muito. Assim, as coisas vão se ajeitando. O cara da casa que a gente estava vendo, aquela na vila, mudou de idéia e agora quer 120 pratas, ou melhor, 120 mil pratas... é foda... Fiquei um pouco triste, porque acho que vocês iriam aproveitar de muitas formas. Mas às vezes não dá mesmo. Não há certezas... Pode ser que não pinte mesmo. Isso vai mudar todos os nossos planos... Vou tentar encontrar outro por lá. A distância é enorme, mas eu acho que vai valer à pena! Em 98, na Mostra Rio, assisti uns oito filmes do Satyajit. Do primeiro filme dele, *Patber Panchali* (Canção da Pequena Estrada), gostei tanto, que o assisti duas vezes, dentro da própria mostra. Fiquei muito impressionado. O quintal da casa do Apu me lembrou o quintal da casa da minha avó em Saracuruna. Tudo me pareceu tão familiar... De repente, a Índia parecia Magé. Lá é assim, tudo vai a passo de lesma até que, de repente, é um corre-corre medonho, que eu nunca consigo compreender. Às vezes, acho que todos são loucos e aquilo é um hospício, mas tento sobreviver. Percebi que há uma rede maléfica de antipatias e inimizades por detrás dos cumprimentos polidos. As pessoas não conseguem senão se desentender, há sempre um corre-corre sem causa, ordens e contra-ordens malucas. No fim, tudo sai atrasado, com erros ou supremamente

imperfeito, refletindo a falta de harmonia entre os seres. É claro, não podia ser de outro modo. Desenvolvi uma técnica de sobrevivência. Não há, como você disse, porque estender o tormento além do previsto. Ah, como é fácil se afogar em um copo de água, você não acha? Mas a vida é assim, não é? Aí vai um projeto de instalação. Serão 60 garrafas verdes de tons e formas diferentes. O nome da instalação será *Festa de Despedida*, em alusão aos 60 anos que estarei completando no próximo ano. O mais incrível é mesmo a volta do caminho, quando retornamos e não reconhecemos mais os lugares de partida. Apesar de tudo, a cidade parece voltar ao normal. Metrô e ônibus estão funcionando. Entupi a casa de comida, só para me prevenir. Passei oito meses cevando um cliente e, finalmente, quando ele se decide, temos bombardios! Enfim, marquei para amanhã ou quinta. Que bom receber notícias de vocês. Você acorda às três e vê que tem uma mensagem minha; eu vou dormir às três e, antes, vejo que tem uma mensagem sua. Acho que estamos de plantão no mundo. Como testemunhas de que, apesar de tudo, vale a pena estar acordado. Obrigada pelos parabéns, realmente vai ser difícil celebrar no meio dessa maluquice... O dia hoje começou mais cedo, ainda debaixo de muita fumaça. Ela podia ser vista daqui do alto. O dia amanheceu, assim como ontem, absolutamente deslumbrante de bonito. Eu moro bem distante de lá, em um segundo andar de fundos. Acordei primeiro satisfeito porque ainda estava vivo, já decidido a ligar para o tal cliente que fiquei cevando por oito meses e, quando ele ia fechar negócio, me bombardearam a cidade! Enfim, a alegria de estar vivo e saudável. Mas o cliente postergou tudo para a semana que vem. A cidade está funcionando normalmente. O tráfego está fechado na maioria dos lugares perto do World Trade Center, mas os trens estão funcionando e os ônibus também. Muitos lugares estavam abertos. Mesmo debaixo da fumaceira, havia muita gente almoçando nos cafés, nas mesas da calçada, em um perfeito clima de

holocausto nuclear no dia seguinte. A polícia estava por toda parte. A toda hora, éramos interrompidos em nossa caminhada por bombeiros, ônibus que iam buscar pessoas que estavam trabalhando no resgate etc. A cidade está abalada, mas em perfeita ordem. Fomos andando até onde pudéssemos ver o vazio ou a nuvem altíssima de fumaça que era possível distinguir. Fomos em direção ao rio porque a visão seria melhor e estava mais liberado, embora fosse a principal via de acesso para bombeiros e caminhões de entulho. A visão do rio no sentido dos prédios era um tanto assustadora. Apenas um buraco, de onde saía uma altíssima nuvem de fumaça. A galera presente era, como tudo em downtown, adorável. Cabelos roxos, abóboras e vermelhos, algumas pessoas de patins. Bibas musculosas (claro que sem camisa), lésbicas, donas de casa, senhores aposentados... A cidade fervia. Como tudo aqui, a reação era ainda melhor. A vida de carioca vai se apoeirando pelos cantos das horas. Saiba que eu e Carla estamos juntos de novo. Que doideira que foi nossa aventura. Mas valeu a pena. O amor, no final, vence sempre! Isso sem falar no fato de nos sentirmos mais perto das pessoas queridas. Depois daquele nosso último encontro, fiquei com a sensação curiosa de ter falado um bocado – mais até do que devia – espero não ter sido inconveniente. Fico confortado de poder falar sobre qualquer assunto. Mas gostei realmente de te ouvir - as coisas que você disse, sobretudo sobre a vida, me ajudaram a entender melhor a minha situação. Creio que vou mesmo me separar, tudo tende a isso. E nem sei se vou esperar que o Vidal saia daqui. Não posso permanecer nessa indecisão, tenho de arriscar e o Vidal não toma decisão nenhuma, incrível essa característica masculina. Ele deixa rolar, e conversar que é bom, nada. Acho que seu alerta não poderia ser mais oportuno. É tão espantoso, nós, que já nos conhecemos há tanto tempo, que já conversamos tanto, de repente nos depararmos com mais uma conversa nova, cheia de muitos motivos antigos, mas que reaparecem por entre caminhos

inesperados, insuspeitos, uma conversa se transformando, sem que nos apercebamos, numa aventura. Você é uma dessas pessoas raras na vida, de quem só vêm alegrias. Merece mesmo a praia e o céu de Miró. E escavar o vento. Acho engraçado que, nessas horas, eu tenha às vezes um tom triste e você, sempre empolgado, na concórdia ou na discórdia, você apareça de repente diante de mim como um José do Patrocínio, com idéias abolicionistas, futuristas, revolucionárias... e eu, machadiano (no espírito, não na escrita, não na escrita!), sempre um pouco reacionário, sempre um pouco pessimista, ficasse com meu ar de Conselheiro Aires, esperando o que mais vai dizer o meu interlocutor, que fascínio me provocará a nova volta do seu pensamento. Realmente, sem sorte não se vive... Mas vai ser cagão assim na puta que o pariu! Sabe onde o cara achou a carteira? Depois da casa do prefeito, no meio da rua, quase na metade do caminho da volta. A carteira ficou todo esse tempo no teto do carro com três cartões de crédito, talão de cheques novo, cartão do banco, carteira de motorista (que é a única identidade que tenho), documentos do carro, do barco, cartão de plano de saúde, enfim... No mesmo dia, recebi uma cobrança judicial do Conselho Regional de Psicologia dizendo que vão me acionar se eu não pagar. Estou morrendo de vergonha do furo que dei com você. Passei duas semanas só lembrando da promessa nas horas erradas, até que finalmente constatei que não tenho o que você estava procurando. Não sou fominha, não! É que ontem me meti numa roubada. Tem uma menina que estuda literatura em Harvard, e a gente vem trocando uns e-mails, mas eu nunca a tinha visto. Essa semana ela está no Brasil e ontem fui encontrá-la. Rapaz, o jeito dela escrever os e-mails, a voz na secretária, tudo isso dizia inequivocamente: essa mulher só pode ser linda! Comprei presente, passei perfume etc. Você não imagina minha cara quando ela abriu a porta de casa — a menina é feia de dar dó!... e a tese dela é sobre concretismo! Pois é, mas eu não te contei um detalhe — só não vale

falar pra Bianca, senão ela vai achar, ou melhor, descobrir, que eu sou um cafajeste – você acredita que eu não dei o presente pra menina?! Fiquei com um pacote em cima da mesa do restaurante, e não dei! Foi ele quem me provocou, pois me escreveu coisas muito bonitas sobre o movimento constante que anima nossa amizade, sobre as possibilidades que fomos conquistando com o tempo, como a de falar coisas muito íntimas um com o outro e, certamente, no cerne de tudo, sobre ser e mostrar aquilo que somos. Às vezes, creio que meu tom é mesmo o do memorial: testemunha dos vivos. Digo isso porque tem uma hora em que fica tudo confuso nesse vai e vem. O que é extraordinário e apavorante. É o que ocorre comigo. Não envolve, porém, risco de vida ou falência iminente. Não se preocupe, trata-se apenas de transtornos e o desconhecido em seguida. Vou me mudar pra rua aqui do lado. Praticamente não haverá mudança, até a vista será muito parecida. Da minha janela daqui vejo o apartamento de lá. Da janela de lá verei o apartamento daqui. Só troquei de janela (definitivamente a parte mais importante de uma casa!). Agora, estou de volta aos jornais não lidos e à dissertação, com ânimo, mas ainda desorganizado. Mesmo assim, o sol está brilhando e eu não estou ligando para os operários que estão perfurando a rua com um barulho de doer. Às vezes, viver parece ser apenas um estado de espírito. As coisas estão tranqüilas, a não ser por: 1) calor infernal; 2) probleminhas & contas que me ocuparam a semana inteira; 3) reengenharia mental para cortar despesas e ganhar mais dinheiro, sem terra à vista. Ou seja: mais ou menos uma colônia de férias em que eu não estou me divertindo. Chegamos ontem em Guilin, nosso primeiro lugar na China comunista. Antes, estávamos em Hong Kong, um lugar aceleradíssimo, cheio de gente, negócios, prédios altos, torres, gente, filas para atravessar rua. Imagine só! Filas para atravessar rua. Domingo de tarde é muito, muito mais movimentado que sexta-feira na hora do rush no centro da cidade. De noite, luzes de néon to-

mam conta da cidade. Samsung, Sharp, Philips e todas as marcas de eletrônicos possíveis piscando. É o máximo do capitalismo que já vi. Lojas e mais lojas vendendo eletrônicos, falsificados ou não. Indianos em cada esquina, milhares deles, chamando para compras de relógios falsificados de marcas caríssimas. Uma das cidades mais caras do planeta. Mas vi coisas bonitas. Um buda de bronze sentado numa montanha numa ilha tranqüila e no meio da mata, tendo embaixo um mosteiro que conhecemos e onde comemos uma deliciosa comida vegetariana. A chegada em Guilin foi um contraste. Simplicidade, silêncio. Aqui, vemos que estamos num país comunista. Não há contrastes, ninguém fala inglês. Aqui, é muito difícil de se comunicar. Para pegar um táxi e dizer para onde ir, temos que ter o lugar escrito em chinês num papel. Ninguém entende nada. Até o gestual é diferente. Querendo manteiga para passar em minha torrada, peguei uma faca e fiz o gesto usando a torrada. A garçonete fez que entendeu. Trouxe leite condensado. E por aí vai. Tem algumas muito gozadas que contaremos ao chegar aí. Há um clima de tradição em tudo, até nos hotéis, em suas decorações. Algo velho, não no mal sentido, mas velho, tradicional. Uma cidade de que vocês gostariam. Cheia de montanhas baixas, grutas, lagos e rios cristalinos, que inspiram poetas e artistas plásticos chineses. Fomos passear de barco pela paisagem com neblina, cartão-postal deste lugar. Aqui está chovendo, o que torna a cidade mais introspectiva. E você lembrou do belo Knut Hamsun: foi o primeiro escritor de verdade que eu li — amo-o até hoje, tenho tudo dele que saiu no Brasil. Foi assim, te conto: tinha uns 14 anos, saía do cinema com o dinheiro contado para o ônibus da volta, era no tempo da mesada paterna: em frente, ponto de ônibus com engraxate: numa caixa ao lado dele, livros velhos: me cheguei, ávido, curioso: HAMSUN: *Vitória & O Sonhador* num só volume bem conservado — que guardo como relíquia até hoje. Li um trecho ali mesmo, e fiquei doído, furioso, apaixonado, em transe, flutuando: bar-

ganhei com o engraxate, que me vendeu o livro pelo preço da passagem (o brilho fatal dos meus olhos deve ter tido um irresistível poder hipnótico). Voltei lendo pelo caminho pra casa: cheguei tarde; minha mãe: que horas, mas o que é isso? — Um livro. E fui direto pro meu quarto, onde atravessei a noite e as páginas do Knut em transe. Foi assim. Gastei minhas solas indo a pé pra casa e lendo, deslumbrado. Continuo, agora, nos antípodas da meia-tristeza, que já passou: como aquele engraxate passou, como os anos passaram, como passaram aqueles sapatos que fui gastando indo pra casa lendo o meu primeiro Hamsun. Em resumo: eu sou só um tagarela.

POSFÁCIO

A CRÍTICA DOS ARRANJOS COMO ARRANJO DA CRÍTICA

Bom, como gosto muito do seu *Estou só*, talvez o tenha tomado como parâmetro para pensar — um antes e um depois dele. Mesmo que isso seja verdade, quer dizer, mesmo que seja um texto singular dentro da sua produção, o fato é que a orquestração já aparece em textos anteriores, e talvez já esteja presente desde o início na idéia dos *arranjos* — então, talvez seja mais apropriado dizer que seu texto está acentuando o que, ocasionalmente, já vinha realizando antes. Aliás, você não acha interessante pensar que depois de ter escrito o *Estou só*, do *Ecometria*, você tenha encontrado uma forma de composição coletiva, a muitas mãos? Do solo para a orquestração? Interessante. A idéia dos arranjos é uma evolução musical de sua poética: recolher o aleatório, o improvisado, o luxo da distração. Provocar infiltração de vida e lirismo nas paredes da prosa. A melhor poesia é aquela que nem chega a ser palavra, mas sugere a palavra sendo assobio. Você quer escrever a vida, ou melhor, deixar a vida se escrever; é no Maracanã mesmo que os poetas se encontram, a poesia se encontra nas ruas, nos computadores, nas salas — mesmo que ninguém perceba; o poeta é antes de tudo o ouvinte, pois? E, para isso, é preciso, antes de tudo, o despojamento do eu para ouvir essas vozes que não são dele, mas o perpassam? Parece que essa experiência de compilar frases ouvidas e montá-las num texto poético é tam-

bém uma maneira de estar mais presente no mundo, já que os intelectuais têm uma certa tendência ao distanciamento ou, no máximo, a conviverem em pequenos grupos. Há um tal desejo de alteridade e de convivência com o mundo, que o modo de estar mais dentro é uma espécie de sacerdócio não autorizado dos movimentos, dos detalhes, do inaudível, não para apreender uma totalidade, mas para falar do infinito com a humildade de quem o pode encontrar numa rajada de vento provisório. Pela primeira vez na vida, gostei de ter sido lesado. Vi minhas frases entrarem em choque, se descaracterizarem, ganharem grandeza, uma vez que passaram a fazer parte de uma orquestra de ruídos e sonoplastias inesperadas, saírem para a praça eletrônica da vida contemporânea, serem fluxo possível, contrafluxo, multidão. O livro tem várias faces, cada poema é uma sugestão de apreensão do mundo e de leitura possível. Quanto àquela (pseudo) resenha do final, pela primeira vez, não achei careta a metalinguagem inserida no poema, o metapoema. Aquilo é uma devoração da movimentação “natural” do livro em sociedade. Já é o depois sem sair de dentro. E tudo isso feito sem simulacro, sem afetação. É vida ainda, é poesia, mesmo sendo prosa, mesmo sendo surdina, mesmo não sendo. O poema sobre o boxe tem a força de um jab. Seco e na veia, bem posicionado no arranjo estrutural do livro. Que frases você colheu, meu amigo. Que frases valiosas, impregnadas de vivência e sabedoria de quem é apenas aquilo mesmo. Fico impressionado com a coragem dos arranjos. Vi, com tanta desconfiança, você se meter nisso. Vi e não sabia o que dizer. Não imaginava onde poderia dar. Apesar de algumas idéias que eu julgava interessantes e importantes dentro do seu percurso (o arranjo, a perda de referência das palavras: perda dos sujeitos e dos objetos – afinal, de quem e do que essas palavras estão falando?), não via ainda direito como se poderia construir algo que tivesse o vigor, por exemplo, dos três poemas inesperados. Pois digo agora: são ainda mais fortes, de um es-

tranho jeito, que não sei qual é. Li no dia seguinte ao nosso encontro, de manhã mesmo, a entrevista do Bressane e, em seguida, os poemas. Li de novo os poemas, no dia seguinte, e estou lendo-os, agora, de novo. Gostei muito, demais, do primeiro *o que passa pela cabeça das pessoas*; fiquei me perguntando se as pessoas não tinham que sair do título, deixar só a cabeça e o que passa por ela. As pessoas, no poema, quase desaparecem, ou se tornam uma outra coisa muito estranha e intrigante: um resíduo de pessoa, reduzido ao que passa pela cabeça. Fiquei pensando muitas coisas sobre esses poemas: como a sua poesia reencontra o tal do fluxo de consciência, do Joyce, mas também a tal da associação livre, do Freud; mas fiquei pensando também que o seu fluxo e a sua associação, diferentemente da deles, não é sua, mas dos outros, não é de alguém, mas de muitos. Por que será? Fiquei pensando também se, de repente, você tentasse reescrever esses poemas, na primeira pessoa, um eu que dissesse o que passa pela cabeça das pessoas como se fosse o que se passa pela sua própria cabeça. Aqui, aparece de novo a questão da fronteira: entre mim e os outros. Mas fiquei pensando por que a descontinuidade pra você surge do outro. Pensei também a questão, que sempre retorna, pra você, do *auditeur*, do filme do Kieslowski, e desses poemas como sagração disso. Pensei também como seria se você fizesse análise, e tivesse que associar. Na análise, na associação da análise, a gente associa, mas os outros estão nessa associação, nossa, mas passando pela nossa boca, ou pela nossa cabeça. O que é mais importante, nesses casos todos, e o que é comum, é a descontinuidade, seja no fluxo do Joyce, na associação de Freud ou nos arranjos. Nos fluxos do Joyce, mesmo sendo um fluxo do que passa pela cabeça do Stephen, do Leopold ou da Molly, é um fluxo totalmente descontínuo, em que o que se sucede não é mais de ninguém, só a cabeça em que passa é que é. Acho que por isso, de vez em quando, as pessoas perdem a cabeça. Até a cabeça! Aí não sobra mais nada mesmo.

Sumiu. Gostei mais do primeiro porque achei mais descontínuo, em que você pode mostrar mais sua arte de montador. Achei sublime, por exemplo, colocar, logo após *A vida é simplesmente o fato de que alguém vai morrer*, *Acho que vou ao banheiro*. Aqui aparece, propriamente, toda a arte da montagem. Mas no segundo, com depoimentos mais longos, menos descontínuos, a arte é mais do câmara do que do montador, entende? Gostei também, bastante, dos fragmentos que vêm em seguida, sobretudo o fato deles virem em seguida. Dá um sentido forte ao que veio antes. Potencializa. Também fiquei sentindo falta de títulos para os dois arranjos, além do título geral *o que passa....* Pensei que talvez a questão das 15 frases, que retorna, dentro do arranjo, muitas vezes, e de forma muito divertida, poderia de algum modo estar no título desse primeiro arranjo. Algum título que tivesse as tais das 15 frases no meio. Você é o mestre dos títulos, então não seria nenhuma dificuldade... Ainda no primeiro arranjo, e contradizendo o que acabei de dizer, não gosto do título do poema feito pelo programa de tradução, mesmo que goste muito da história do poema feito pelo programa de tradução estar ali, do jeito como está. Será que haveria um título melhor? Como vê, foram muitas coisas que pensei, e pensei muitas coisas mais, mas não dá pra escrever tudo o que passa pela cabeça! Minha primeira leitura de O Tagarela (*The Tattler*, famoso periódico no qual Swift escreveu, vide *Panfletos Satíricos*) foi prejudicada pelo desejo de localizar frases minhas, uma vez que eu já sabia da origem do texto. Depois, deixei passar um bom tempo para me livrar dessa curiosidade e encará-lo tal qual, apenas texto. Reli diversas vezes e posso te garantir que está muito interessante, que se criou de fato uma coisa nova e seu trabalho de orquestrador foi perfeito. Confirmando a impressão inicial de que as partes mais longas sobre NY e China ajudam a segurar a leitura, justamente quando o excesso de abstração anterior já poderia cansar. Acho que seria bom você mostrá-lo a um leitor desprevenido, que não

saiba desse processo, para ver a reação; alguém que o tome por um texto todo escrito por você. Falei da técnica do Burroughs, mas ele, se não me engano, só recortava e montava frases dele mesmo, não de terceiros. No surrealismo anglo-americano há algo em linha parecida, os *chain poems*, onde cada poeta escrevia um verso, conhecendo porém os anteriores. Seu trabalho é diferente, pois você, pelo que sei, só usou a cabeça das pessoas, e a sua apenas para fazer a colagem, mas de qualquer jeito é bom saber desses precedentes, para estar prevenido contra eventuais espíritos de porco (porcos). Além do mais, mais um ponto a seu favor, você não usou versos nem pedaços de poemas, você usou frases, quaisquer frases, de qualquer um. Seu trabalho está muito provocante. Gostei da incorporação das minhas falas lá... Mas continuo a ter dúvidas acerca da exaustividade, da extensão do texto... Ainda penso que chega uma hora em que a coisa pode ficar mecânica, e que tudo passa a ser um balbucio indistinto... Creio que a dificuldade, a meu ver, seria como devolver cada pronunciamento à sua singularidade. Mas talvez você esteja indo para a direção oposta: fazer de tudo um rumor da língua. É isso? Já do seu risco, de fato creio que o seu pulo do gato está muito mais na coragem, na intensidade do achado, no vigor e na honestidade do percurso do que no texto em si. Vou fazer uma comparação favorável: é a mesma coisa que quando um grande pintor, o Miró, por exemplo, faz apenas uns rabiscos na tela, ou quando um Pollock joga uma lata de tinta no quadro, ou quando Duchamp... Enfim, importa menos o que está ali do que como se chegou ali. Talvez o seu próximo livro não venha a existir para ser lido (não no sentido comum do verbo), mas para “desler” outros livros, outros poetas, outras poéticas... Sobre a questão do mecânico, penso que talvez possa haver um desequilíbrio a ser encontrado. Para mim, o que pega é o seguinte: se o que você busca é o rumor indistinto, o balbucio, por que não deixá-lo onde ele está, na rua, na boca das pessoas? Qual a vantagem de trazê-lo

à página? Pois tenho a impressão de que, na página, eles são muito mais bem-comportados do que na rua. O que você faz não seria, na página, retirar os gumes do que se produz com arestas? Quando as falas se acumulam e se interpenetram, elas não são menos rumor, principalmente depois da primeira página? Os arranjos são uma incisão aberta com faca de açougueiro, mas são chatos (no sentido francês da palavra *plat*, isto é, sem espessura). Não vejo como conviver com eles, escutar mistérios etc. Eles são o que eles são. Toda essa baboseira que estou dizendo é para tentar entender, dentro de minha enorme dúvida, se não haveria uma maneira de restituir o desequilíbrio natural que o rumor da língua tem, a dimensão selvagem que talvez venha a ser perdida a partir da segunda página de cada arranjo... O que mais respeito nessa via por onde você está indo é o lado imperativo com que ela se apresenta, dentro daquele lado *moribundo* de que falei na resenha. Por isso, entendo que você diga que não está querendo ser bem ou mal-comportado, que não quer fazer vanguarda. Creio que a nossa vantagem é que a gente descobriu que é meio cego, que temos de tatear, de esbarrar, de ir procedendo por arranjos e rearranjos... O vanguardista sempre enxerga longe demais, vê tudo muito nítido demais, tem certezas demais. Nós, tudo o que temos é o incerto, o duvidoso, o arriscado, beiramos o extremo, aquilo que está na fronteira tênue entre o máximo e o mínimo. Quanto ao arranjo das frases, a dúvida maior que me bate é o ajuntamento delas, o amontoamento: é nesse sentido que me refiro às arestas. O que eu tentaria fazer (ou tatear) não é cortar, diminuir, mas dividir em blocos menores para restituir um pouco de sua fragmentação. Continuar juntando, arranjando, mas em núcleos menores, para que as frases continuem entreouvadas. A desvantagem que vejo nos textos muito longos (ainda que possam, de fato, favorecer o lado do rumor, do balbucio) é que eles achatam um pouco o que cada fala tem de interrupção. O desequilíbrio a que me referi é algo entre o deslizar e o parar:

grande demais, desliza demais. Mas a fala pescada numa escuta não é uma interrupção, um recorte? Não que você vá colocar cada frase numa página independente (aí não haveria arranjo), mas diminuir um pouco o deslizamento automático que começa a ocorrer depois de muitas linhas juntas... Agora, desdizendo tudo o que disse, porque sou poeta e posso fazer isso, não é mesmo?, talvez a vantagem do seu arranjo é justamente não ficar no meio-termo (que talvez seja o que estou propondo) e radicalizar no sentido do rumor mesmo, do balbucio mais puro. Talvez, cortar como falei seja ter ainda alguma saudade do sentido, da significação. A questão é, como você mesmo disse, fuderosa! Vá viver com um barulho desses! Enfim, isso aqui que estou escrevendo já se tornou o meu balbucio.

ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE
(2003)

ESCRITOS DA ADMIRAÇÃO

... o que, agora, tento. A partir de uma abertura, descobrir relações de mestiçagens entre poesia e filosofia, manusear uma matéria disforme que supere a abordagem dos pólos estanques, dar-lhe voz.

*

Se filosofia e poesia possuem particularidades que, através das alteridades, mantêm suas respectivas diferenças, há também entre elas encontros que provocam a mistura de uma com a outra, permitindo a formação de corpos múltiplos.

*

Aristóteles: Através da admiração, pois, tanto agora como desde a primeira vez, os homens começaram a filosofar (...). Mas aquele que admira e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filômito é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do admirável, e com ele concorda e nele repousa. Tó thaumázein, o espanto, a admiração, é a palavra de uma possível

miscigenação entre o filosófico e o poético: o *filômito*, amigo dos mitos, é, também, *filósofo*, amigo do saber, no sentido de que ambos se espantam com o admirável, descobrindo-se sem caminho, sem saída, perplexos diante da constante aporia que a vida nos impõe. O amigo dos mitos e o amigo do saber se encontram suspensos, na ausência de conhecimento que ambos reconhecem possuir: eles - amigos de -; mas de tal forma que o que será pensado e falado virá do próprio admirável, do próprio espantoso, e com ele concordará e nele repousará.

*

Poesia e filosofia não principiam pela indagação; nem pela dúvida. Mas pela exclamação das palavras que insistem em transbordar com o admirável, a ponto de não se distinguirem dele. Os escritos não são instrumentos de comunicação do que lhes é exterior. Eles mesmos, já espantosos, realizam seu limite, chegando ao que, desde sempre, são: palavras, criações de novos destinos.

*

A miscigenação conduz da apatia ao páthos do admirável, do aético ao éthos do espanto.

*

Possibilitada pela vivência de quem tem o verbo como aquilo que o transpassa, o fundamenta e o envolve, a admiração deixa a realidade se expor em toda sua potencialidade, em todo seu vigor, fazendo com que a pessoa, quando alheia a ela, fique anestesiada para o real que passa a se projetar menos do que poderia.

*

A escrita fragmentária se torna símbolo do poético-filosófico. Ela se constitui como tentativa de fazer com que a linguagem, ainda que se apresente aos estilhaços, permaneça fiel ao seu princípio; o que for alheio a esta possibilidade, como, por exemplo, a explicação lógica e a maquiagem discursiva, deve ser apagado. Neste sentido, a escrita é sempre fragmentária (ainda que o texto seja extenso): é um fragmento do espanto. A palavra do pensamento poético ou da poesia pensante se caracteriza por uma sensibilidade materializante do admirável. Poesia: pensamento: filosofia: dar matéria (palavras) às exclamações, e exclamações à matéria.

*

Se a pergunta aceita ser material do poético e do filosófico, decorre do fato de a própria exclamação já ter se dado antes mesmo de algum questionamento. O ponto de interrogação camufla o de exclamação. Este último, corporal, visceroso, tem a presença do afeto imediato e da dor imposta pelo enigma da vida. Nem perguntas, nem respostas: no vácuo de suas suspensões principia o pensamento.

*

A realização poética traz em si a liberdade para ocorrer a partir de qualquer momento, por mais cotidiana que seja a situação em que nos encontramos: ela acontece sempre que o impossível é disparado na-e-ou-pela linguagem e, ainda, quando o cotidiano consegue se desagrilhoar, deixando-se ser percebido enquanto o imprevisível que, efetivamente, é.

*

Para além dos que tramam a contraposição entre o cotidiano entediante e o escape pela aventura, os escritos nos quais o próprio cotidiano se descobre extraordinário.

*

O tiro do impossível no provável do cotidiano é o destino do qual não se pode escapar. Ele leva o poeta a buscar uma linguagem correspondente.

*

A exclamação do poeta (do pensador, do filósofo) é feita de dentro do enigma. Ele não é aquele que decifra a esfinge, sob pena de morte caso fracasse. Ele não é aquele que consulta o oráculo para descobrir o futuro vindouro. Ele é a própria esfinge, produtora de enigmas. Ele é o próprio oráculo, criador de palavras ambíguas. No princípio, era o enigma, que se bastava por si mesmo, e o oracular era uma ambiência a ser freqüentada, uma morada a ser habitada. Nenhuma resposta o precedia, nem era requisitada nenhuma explicação. A necessidade de sua decifração se constitui como tarefa tardia do pensamento. Antes de ser a revelação de um sentido oculto, a palavra poética, pensante, dedica-se a nos envolver com o oculto que há em todo sentido: ao invés da dúvida, a exclamação; ao invés da pergunta e da resposta, o enigma.

*

Ainda que soe de maneira esdrúxula, poesia e filosofia se unem sob os desígnios de uma filoracularlogia.

*

Dizer o que não pode ser dito, nomear o inominável, eis o enigma do poético ao qual o escritor dedica seu voto. No momento em que o inescritível ganha corpo na palavra ou, se quisermos, no momento em que por ela é dado percebê-lo, dá-se a realização do poético.

*

A medida da palavra é sua desmedida: do não-dizível, ela se põe à escuta; nele, ela se plenifica. Escrever se torna um lançar-se para dentro da impossibilidade da própria escrita. Impossibilidade que, de seu desamparo, cede, e, cedendo, faz-se possível. Para o que vai aparecendo na linguagem, só há uma pertinência: o inesperado. Quando nada mais há a dizer... quando, em seu exercício cotidiano, o poeta esgota qualquer possibilidade de referência a alguma coisa específica em sua manifestação aparente... quando tudo aquilo que existe e que poderia ser dito através do discurso não desperta mais interesse... inicia-se, então, a escrita do nada, obscura, do poeta-pensador que se entrega com máxima devoção a deixar, naquilo que é escrito, repousar a impossibilidade de todo escrever. A força desta escrita é sua fraqueza. Não há lugar para contradições nem dialéticas. Pensar poeticamente é se atrever ao pré-dito do pensamento (ao inefável de todas as coisas, ao imponderável, ao extraordinário, ao total desamparo), permitindo-lhe se apresentar nas palavras. No fundo de toda escrita pensante, quando o leitor consegue atingi-lo, é nada, o encontrado. Este nada é a própria linguagem, morada privilegiada do silêncio.

*

O encantamento provocado pela palavra é tal que, tão logo começamos a falar, ou a escrever, ela entra num devir, metamorfoseando-se, supostamente, no que foi, no que é, no que será. Como a liberdade da letra é experimentar limites, ela, além de exercitar suas ventosas para tentar se agregar ao manifesto do real, cria o que nunca foi, nem é, nem poderá existir em sua ausência. Mesmo quando quer falar aquilo que já está dado no mundo (ou o que, outrora, já o fora, ou o que ainda o será), tudo que encontra é a ausência do que queria dizer, falando, portanto, esta própria ausência, e mais nada; ausência feita da combinação de letras, da matéria robusta da palavra. Por isso, a linguagem, por fundamento e definição, é poética, mesmo nos momentos em que não a imaginávamos sendo.

*

As palavras perseguem o pensador. Submetendo-o, elas o obrigam ao que lhe é completamente desconhecido: onde o poeta (o filósofo) se perde e se encontra, e em sua freqüentação trabalhará incansavelmente.

*

Partícipe do movimento de criação do mundo, a palavra é criadora contígua do real. Com ele, de dentro de sua eclosão, ela, constitutiva e originária. A arte imita os arranjos cosmológicos em seu movimento de criação; se ela é imitação, é apenas neste sentido: criando, mostra a realidade enquanto criação ininterrupta.

*

A experiência poética constrói caminhos pelos quais podemos nos movimentar; concernindo-nos mais que a todos os outros, delineiam um viver.

*

Erguer do solo uma habitação que não se dissocie da linguagem e do cosmos, de uma cosmologia, para que o espanto se perpetue dispondo-se de nós e para nós.

*

Se alguém compuser um tratado de medicina em versos, será poeta? À pergunta, Aristóteles responde negativamente, dizendo que apenas os vulgares consentiriam em denominá-lo assim. Não é o verso a medida da poesia: as diversas possibilidades literárias, seja um soneto, um poema em prosa, uma seqüência de versos irregulares ou qualquer outra, podem trazer o que se estabelece como fundamental; ou não.

*

O interesse convergindo para o poético-filosófico, pode-se entender a palavra *métron*, medida, a partir do fragmento 30 de Heráclito, em que aparece diretamente comprometida com o cosmos no qual o homem (e tudo que o circunda) se encontra desde sempre lançado: *O mundo, o mesmo em todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez mas sempre foi, é e será, fogo sempre vivo, acendendo segundo a medida e segundo a medida apagando*. Neste caminho, medida é a encruzilhada necessária em que acontece a contínua eclosão do real. O aparecimento (e desaparecimento) de homens e deuses, como o de tudo

mais, passa a ficar submetido aos desígnios imprevistos da medida. *Métron* se aproxima de *Moirá*, Destino, e de sua força nem mesmo Zeus pode escapar.

*

A miscigenação entre filosofia e poesia parte da ambiência de um pensamento que poderíamos chamar de *filogenético*, atentando para os três substantivos que compõem a palavra: *philía*, *gênesis* e *éthos*. Ser amante do saber, ser amante dos mitos, ser filósofo e poeta, é estar à disposição das palavras, de tal forma que se possa viver em intimidade e no acordo com a admiração comum a quem se deixa atravessar pelo enigma do cosmos em seu constante movimento de criação.

Escritos da Íntima Estranheza

*

... arrisco-me a uma aproximação daquilo que quer escapar. O que quer escapar é o que tenho, agora, de mais próximo de minhas mãos: poesia.

*

Descubro o que as palavras querem e podem revelar através de mim apenas quando focalizo o próprio pensamento situado no amparo das páginas.

*

Escrever implica comprometer-me, assumir a responsabilidade de um caminho que não é nenhum outro senão este que percorro, afirmando a convocação do desconhecido que me cabe.

*

Nunca podendo se mostrar em uma pretensa totalidade, aparecendo sempre com o auxílio de escombros, o pensamento tem de se manifestar no movimento possível. Que este movimento não se queira estancar!

*

O espanto me persegue pela verticalidade de sua imposição à minha intimidade, não pela cronologia dispensada à tentativa de sua compreensão.

*

Deixo aparecer a voz que quer fazer sua diferença falar por mim. Favoreço-a. À minha revelia, ela me impõe suas próprias surpresas, minhas próprias perplexidades.

*

Antes mesmo de procurar, aceito o acontecimento de já ter encontrado o que, com seu impacto, me faz sobressaltar. Assim, desde sempre, a autenticidade já nos foi ofertada, restando-nos acolhê-la.

*

A experiência da escrita me deixa exposto pelo real que me transpõe; desconhecendo a separação entre linguagem, pessoa, vazio e todas as coisas, ela se dá justamente na respectiva encruzilhada: morada de todo espanto.

*

Ao invés de autônomo e auto-suficiente, recebo a dinâmica de uma nova emergência querendo se manifestar. Desvendado por ela, passo a intervalo permissivo, deixando existir o que quer aparecer e que, de outra maneira, não poderia.

*

A cada instante, fico admirado com isto que me é estranho e que nasce através de mim, tornando-se, de mim, o mais íntimo, à medida que meu esforço trabalha em seu favor.

*

Na intimidade ofertada, como consegue o estranho se manter íntimo e estranho a um só tempo!

*

O aniquilamento dadivoso, que me intima.

*

Esqueço-me de mim não como quem se vinga: mas como quem, em vigília, se afirma.

*

Líquido em líquido misturado — o indecantável por divisa.

*

Intermediários do pensamento, e a mesma pessoa, escritor e leitor compartilham a entrega que alguns arranjos se destinam a lhes exigir.

*

Pensar começa com liberdade, mas, quando com coragem e persistência, a própria liberdade também é provocada pelo pensamento.

*

Consinto que caia sobre mim a intensidade única do pensamento. Acredito ser essa a necessidade imposta a qualquer pessoa que se disponha à lida com a escrita: perscrutar as palavras, para que nos revelem suas intimidades mais profundas e enigmáticas.

*

Algumas palavras cotidianas, sem uma carga prévia conceitual ou poética, às quais nenhuma atenção era dada, querem estabelecer conexões inesperadas; o poema começa quando estou apto a deixá-las adquirir seu novo vigor — arranjos até então deslembados.

*

Miscigenar as individualidades das palavras, mostrando, sobretudo, a força bruta da coesão que as harmoniza.

*

Escrever, pensar: criar zonas de instabilidades. (...) dinamizar posturas...

*

Atingir a autenticidade do pensamento, sobretudo nos dias atuais, mas também em qualquer época, está diretamente ligado a se deixar acolher por uma zona de esvaziamento, por uma zona de esquecimento, para poder ser surpreendido pelo impensado que habita silenciosamente o mundo e quer nos ocupar.

*

... pensamento da poética ou poética do pensamento? (...) pensar a poesia: poetizando o pensamento...

*

Habitualmente, compreende-se o prosaico como o contrário do poético. O contrário do poético, entretanto, é o próprio poético, quando, previamente estabelecido, mesmo cansado, quer se reproduzir.

*

Os escritos se movimentam compactuando com os arranjos de criação, sustentação e desaparecimento de toda multiplicidade.

*

Pensadores fortalecem neles e em nós a autenticidade do pensamento. A maneira que têm de realizar isso é pensando, à nossa frente, para que, com eles, possamos aprender não o objeto de suas reflexões, mas a realização de nossas próprias manobras.

*

Os arranjos das palavras trazem em seu bojo uma dose de indeterminação prévia, uma abertura para o imprevisível, para o casual; tanto inesgotáveis quanto incansáveis, acionam a fixidez que gostaria de descansar satisfeita de si.

*

Para uns, o silêncio: limite intransponível. E qualquer discurso acerca dele haveria de ser traidor. Falar seria romper com o que não pode ser dito: qualquer palavra, medida; o silêncio, desmedida que se omitiria do atrevimento de quem fala. O vocábulo silêncio expressar-se-ia melhor quando não-dito, quando oculto ou calado, a modo de indicação de uma realidade inatingível. O silêncio, entretanto, acena para isso que a linguagem deve manifestar, não apenas à maneira de indicação de algo que permanece exterior a ela, mas trazendo-o em seu próprio dizer. Generosa, a palavra presenteia o silêncio a quem dispuser sua atenção voltada para ela.

*

Uma das grandes determinações da poesia: a de promover o silêncio à condição de linguagem.

*

Poético, o caminho do pensamento dando o que pensar: na escrita, aparece o impossível a todo poder de escrever, o próprio silêncio; na escrita, aparece o impossível a todo poder de ser, o próprio não-ser.

*

No encontro com a poesia, não se trata de descaracterizar a obscuridade de seu ser, através da tentativa de torná-la clara, mas de atravessá-la, para que, neste caminho, ela possa ser percebida tal qual é. Poesia não é uma conquista sobre a obscuridade, mas um percurso através de seu cerne dirigido pela aventura da palavra.

*

Cada linha escrita: um fenômeno que quer ser. Pois um poema e uma poética teimam em transcender a toda e qualquer leitura! Sendo lugares de fluxos de sentidos, eles trazem consigo uma possibilidade ainda mais audaz do que aquela exercida por qualquer interpretação passível de se realizar. Efetivando uma leitura necessariamente limitada, todo leitor é co-criador de um livro que nunca se esgota; livro babélico, que se desdobra, a cada leitura, em mais um.

*

O texto poético, sempre bi-somático: um corpo lascivo, ofertado a quem quer que se aventure amorosamente, e um corpo virgem, recatado, que permanece para sempre recluso. Esta virgindade provoca em nós o ímpeto irresistível de um encontro amoroso, impossível, mas ao qual nos lançamos, felizes pela possibilidade de algumas intimidades surgidas no convívio.

*

... edificar esbarros acolhedores de equivocidades... encontros... como uma assinatura polifônica em que os contrários tensivamente se harmonizem...

*

A realidade se caracteriza enquanto ambiência disposta na impossibilidade de escolha entre ser e não-ser: insolucionavelmente, concomitantemente, a tensão conjunta dessas forças se impõe. Dessa ambiência, lugar de desnudamento, a linguagem é o espaço da mudez que se inventa e que, desdobrando-se, se torna exprimível. Esta região calca a pertinência da palavra na invenção.

*

A vida me dedica às palavras. A cada passo, a cada linha, livro após livro, sei apenas que, de qualquer maneira, estou sempre com as mãos vazias.

*

Escritos da Sintaxe do Trânsito

*

Não penso palavras, versos ou frases: penso somente articulações, aca-
sos, arranjos...

*

... como quem se deixa levar pela sintaxe do trânsito...

*

A vida, uma indiscernibilidade experimentada.

*

O ímpeto do que não tem antes nem depois. Simultaneidades.

*

Acato as improvisações do ordinário. Na desordem da aceleração, tudo
começa, com o que se passa. Não procuro uma ordem, mas uma possi-
bilidade em que soe o volume dos novos encontros.

*

Escutar as conversas tão de perto, mais de perto ainda, ainda mais, se puder, a ponto de, no suposto estático, descobrir apenas o movimento.

*

Escutar as conversas nos ônibus, trens, bares, entrecortadas pelo maior ou menor burburinho, escutar o burburinho, as conversas nas filas, feiras, farmácias, escutar os pedaços, descontextualizados.

*

Que esta voz surja de dentro do burburinho, misturada a ele, e, aos poucos, por algum motivo imprevisto, comece a ganhar a atenção de quatro ou seis ouvidos, enquanto os outros prosseguem os alaridos que impulsionam esta voz, eclodida – mais um dos sons – do meio da confusão.

*

O ritmo do falado, do dito, da mensagem cotidiana com velocidade eletrônica. A escrita: arranjos. Cortes. Ligaduras. Pensamento. Na tensão limite entre a forma e o informe.

*

Um excesso transbordante. Atropelando as pessoas e as coisas, a linguagem.

*

Logo abaixo da pele, pulsante, e fora dela, um balbuciar indistinto.

*

Grudada, alguma víscera sempre às vezes acompanha a pele da palavra apanhada no momento de seu vôo.

*

... esbarros de momentos desconexos. Com que tensão eles operam!

*

A forma: uma energia de sustentação indiscernível do próprio conteúdo.

*

Hoje, desconfio de tudo que se quer exato, necessário. No que não há desvio, no que não há casualidade, é o passado que se repete, ou a ânsia de ser repetido pelo futuro.

*

Assim como o desejo de passado, esquecer o de futuro. Dinamismo do tempo presente.

*

... o que passa pelo meio do ser, o que passa pelo meio do dito... o interesse, o interdito... o que passa...

*

A interação do múltiplo que, na fração privilegiada — um todo do todo —, alcança o ouvido da página sem nunca se repetir.

*

Antes e depois são palavras dotadas de pretensão. Tudo é mesmo durante... *durant, toujours durant.*

*

Descentrado, o que se quer importante, quem sabe, desprivilegiado por completo. Lá, onde supostamente nada acontece, tudo está em ebulição.

*

Que falem, se quiserem, de engarrafamentos... por aqui, eles nunca param completamente. Que falem, se quiserem, de entroncamentos... por aqui, eles nunca são predeterminados...

*

... que falem, pois, dos bate-bates dos parques de diversões, onde, pelo caótico do trânsito, pelos entroncamentos inventados a cada instante e pelas animadas batidas redirecionantes...

*

Aproveitar indiscriminadamente o passageiro, ou melhor, quase que indiscriminadamente, imitando-o e, sobretudo, imitando a sintaxe do que passa.

*

A explosão sutil de um detalhe no meio da confusão irrefreável.

*

... a confusão como método de trabalho... Método? De trabalho? A confusão como poética.

*

Desde há muito, com a cidade aberta por todos os lados ao bulício do que se esbarra, é na praça que se pensa o que é da praça.

*

Matéria pública se tornará de direito privado, se você não se demorar aí pela arena vulgar, aberta a toda gente, como Horácio ali se demorava, e muitos antes e depois dele.

*

Por entre os cortes, eventualmente, um e outro assunto correm... correm... até morrerem; costurá-los, às vezes, de tal maneira que nem se perceba os resquícios de suas próprias cicatrizes.

*

Não falar me corta. Pelas lâminas das frases alheias, o íntimo que eu desconhecia... a aparência valorizada de todos nós.

*

Falo sem falar. Falo falando.

*

Membros que me ampliam para o mundo, que me fazem, outrando-me, deslizar, as frases, soltas e conjuntadas...

*

... entre muitos quaisquer... entre... um qualquer, também ninguém...

*

Quem passa por ela e permanece o mesmo... não passa por ela. Quem passa por ela e se transforma em alguém... não se transforma nela. Quem diz conhecê-la... não a conhece.

*

O que me importa é o nevrálgico entrelaçado ao pensamento, o que tem de utilizar o “literário” para poder descobrir-se e ultrapassá-lo... mas não acaba sendo o ultrapassamento do “literário” justamente seu ápice? – um dos inúmeros paradoxos que a escrita nos coloca...

*

Bressane: O visionário em Machado é fazer com que várias emoções compactadas sejam apresentadas ao mesmo tempo. Isso é que é próprio do cinema, a compactação de várias passagens num instante.

*

Uma poesia cinematográfica, ou melhor, romanesca, ou melhor, machadiana?... Jamais imaginei que pudesse ser assim...

*

*... por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos. Sim, Brás, curioso ou não, interessante saber o que passa pela cabeça delirante das pessoas; suas *transições*, *junturas*, *saltos*, *ebriedades*, *guinadas* e *solavancos* buzinam em minha carne.*

*

Não um fim em si, fechado e excluído do resto, mas um começo aberto, um caminho em constante nascimento.

*

Não laçar o que passa (a uma certa maneira campestre) para a página – o selvagem no pasto domesticado, no curral, higienizado, na branca cocheira, enfim, totalmente humanizado. A um certo modo urbano, pegar o papel já sujo do caminho, pisado por quem não se sabe, que segue seu rumo, anônimo, incontrolado.

*

Como as ruas, estas páginas precisam de bueiros; não – como se poderia imaginar – para sustentar a sujeira (aqui, acatada), mas para vencer, isso sim, o que quer impedir a fluidez.

*

Enquanto outros fazem uma linha de impedimento para o espanto, isolando-o – o perigo adversário? –, eu o quero por todo o campo, jogando pelos dois times, desregrado, e trazendo a torcida para o meio da peleja.

*

Desalgemar o poético do poema, do que se convencionou chamar de poema; deixá-lo fugidio pela cidade, perigoso, arrastando o que lhe aparece pela frente. Desalmá-lo, desindividualizá-lo; pantificá-lo, como convém.

*

Com um arranjo penetrador, um arranjo perturbador, uma inserção interessada na matéria e através de sua própria pele, tudo se descobre produção, artifício.

*

Mesmo nos mais arraigados estereótipos, no falatório disperso pela fumaça, sobretudo neles, cuja força com o tempo se impôs, a engrenagem propulsora. Arte: uma prótese que faz reviver o movimento, a criação, a desidentificação.

*

Tudo despregado, a superfície me cega; dela, vou emergindo.

*

Escritos da Vida

*

Com a escrita, volto ao quando, mesmo antes de nascerem, alguns arranjos se querem audíveis. E o empenho me incita a apreendê-los.

*

Repetindo-me, recomeço sempre de um ponto pelo qual nunca passei.

*

Por necessitar apenas de momentos em que passo por uma ou outra posição, por menosprezar, portanto, as exposições, por privilegiar as implicações às explicações, a instabilidade à estabilidade, escrevo aos trancos e espantos.

*

No papel, ao invés de parada, a frase se movimenta. A memória não a pode decorar, nem o esquecimento deixar de ser escrito.

*

Se falo de mim, não é por engano: já me perdi.

*

No secreto recinto do monólogo, há algo de ascético ou decadente, algo de asséptico que quer, a todo custo, ser preservado, alcançado ou ferido. No diálogo, revelador da saudável proximidade da filosofia com a praça, há algo de eminentemente filosófico – a necessidade da questão concentrada para, passo a passo, levar-nos adiante. Mas uma época que desconhece qualquer paralisia, que se esqueceu da unidade e desse esquecimento, não tendo aonde chegar, presentifica a alegre dispersão do burburinho das ruas de uma sexta-feira em fim de expediente, festejando suas plurilogias.

*

Lanço-me a uma manobra que estabeleça uma convivência mais íntima entre as palavras e a vida, flagrando-as numa mesma dinâmica de arranjos multiformes.

*

Não exatamente a linguagem, o poeta habita, mas percorre o movimento indizível de seus interstícios, como quem, por inindividualmente precedê-la, precisa recriá-la, inventando constantemente novos deslocamentos. – Ou será esse movimento indizível de seus interstícios o que chamamos de linguagem? Ou precedê-la será propriamente habitá-la?

*

No lugar de uma indagação, uma exclamação; no de uma tristeza apática, uma simpática alegria; no de um esteticismo, uma valorização das confusões características da atualidade; no de uma reprodução conceitual erudita, uma poética que ouse nos aderir à vida, fazendo com que desejemos esta experiência, de antemão necessária, com nossas melhores forças.

*

Para que, na complexa trama da superficialidade, um pensamento poético, incondicionalmente a favor da vida e de seu perigo oscilante, aposte no presente irretratável.

*

E a poesia como vínculo, como liame, como meio de aproximação, de preservação, de resguardo da própria vida, como celebração de quem se descobre atravessado por ela.

*

As melhores forças poéticas vão da mediação à imediação, sem precisarem sair do lugar em que estão.

*

Gostaria de lançar para a poesia, para a arte, o conceito de ínfima mediação, ou, como o prefiro, abreviado, o conceito de: i.mediação.

*

Irrompendo na vida, a poesia a risca, com sua linha de antecipação.

*

... uma diagonal de legibilidade atuante inventando um futuro jamais antevisto...

*

Demasiadamente soltas, há coisas que, para se manterem erguidas, pedem um fio mínimo que as traspasse; há outras que, de tão amarradas, rígidas, pedem o corte do que as prende, até que sobre apenas o mínimo necessário para mantê-las erguidas.

*

Partindo-se, um fio tênue ecoa o tenso momento de sua explosão.

*

Os livros: uma ponte estendida pela vida entre ela e a pessoa, a ser transposta por essa última para que possa, enfim, juntar as duas margens, tornando-as indiscerníveis.

*

... a empatia como única disposição duradoura... impacto... compatibilidade...

*

Vida: um nome para o que não há de fora. Todos os nomes estão na vida, mesmo os de fora e os ainda não engendrados.

*

Sem querer, entramos, lutamos por ela, e, se queremos sair, sem mais agüentar, estamos tão presos que só conhecemos os caminhos dela — nos quais sempre estamos, sem poder fugir.

*

O que separa a morte de um homem de um homem forte, o que o separa de sua sorte, ou o une a ela, o que determina o porte de quem anda de cabeça erguida ou cabisbaixo, é o corte incisivo de uma ou outra letra.

*

E me escreveram, dizendo: *Ele estava lendo um livro, pela manhã, como sempre. A certa altura, fechou o livro, depois os olhos. E então morreu. Morrer fechando um livro, literalmente. Jabès fez da morte uma escrita (uma interrupção da escrita), uma leitura (o encerramento de uma leitura). Poucos meses depois, parece que o mesmo ocorreu à sua mulher..*

*

Para quem sabe ouvi-lo, em toda palavra está presente um grito anônimo, inumano, um grunhido inanimal, um ruído não-coisal... Para

quem sabe ouvi-la, toda palavra é uma nervosidade da vida, uma rugosidade da vida. Um grito da vida. De dor? De regozijo? Para quem sabe ouvi-la, toda frase é um murmurinho da vida.

*

Vida, uma musculatura na tensão constante entre contração e relaxamento, uma peristalse, um puro movimento.

*

... ginástica: perseverantes, as individualidades fazem um alongamento da vida.

*

Dando voz a eles que, com apenas uma frase, demarcaram a única maneira para se avaliar a poesia (a arte), sirvo-me de próteses. De um, extraio uma fórmula:

moralidade poética = ousadia = revelação de uma exuberante abundância de força vital

De outro: *foi o ódio à vida ou o excesso de vida que aí se fez criativo?*
E foi uma poeta, quem escreveu: *I find Ecstasy in living – the mere sense of living is joy enough.* Ou: *To live is startling, it leaves no other room to other occupations.*

*

Talvez haja ainda uma outra maneira para se avaliar a poesia: ela quer se fixar ou movimentar-se, ela quer prender a si quem recebe seu esbarro ou impulsioná-lo a caminhos não trilhados?

*

Se busco um pensamento poético, se me aproximo poeticamente da filosofia, é apenas porque busco uma poesia poética.

*

Quando um filósofo se aproxima filosoficamente da poesia, pode ser apenas porque busca uma filosofia filosófica.

*

Para ser mais claro: desinteresso-me logo por toda filosofia que, de alguma maneira, não se deixa afetar pela poesia e por toda poesia que, implícita ou explicitamente, não oferece uma densa malha do pensamento. Em ambas, é a vida, a prejudicada.

*

Há poetas que até sabem escrever, mas como pensam mal! E filósofos que até sabem pensar, mas como lhes falta o ímpeto da criação! A esses dois casos, prefiro a conversa fiada das ruas, onde descubro mais poesia, mais pensamento, do que em muitos poemas e textos que leio por aí.

*

Assim, na bucha, eu não falo não, mas deixa eu me esquecer que, de repente, eu falo... Que poetas contemporâneos, que filósofos, teriam a força para uma frase como essa? Para uma prática como essa? Não muitos. E eu a ouvi saindo da boca de um transeunte qualquer nas ruas da Glória...

*

Falar apenas quando à revelia. Quando estamos prontos para o acaso daquela frase bordada num manto com os fios da própria roupa: *eu preciso destas palavras*.

*

Ou então: falar apenas quando à revelia. Quando estamos prontos para o acaso de qualquer frase do meio da rua.

*

— Não há, então, para você, distinções entre poesia e filosofia? — Sim, claro, as mesmas que há entre o corredor de velocidade e o corredor de fundo.

*

... poesia (e) filosofia... leitos de indelimitação, para que novos fluxos, imprevisíveis, de múltiplos volumes e velocidades, possam correr.

*

Uma escrita da fruição das instabilidades.

*

Talvez sejam mesmo essas as maiores importâncias da miscigenação entre poesia e filosofia: a encenação de um pensamento no teatro da imanência, uma tensa adesão às suas latências e exalações, a busca de um sim irrestrito ao movimento de manifestação da vida, a realização de uma escrita viva, acolhedora do contingente, do acaso, do qualquer, do simultâneo...

*

Já em Schlegel, o contato entre poesia e filosofia quer *tornar viva e sociável a poesia, e poéticas a vida e a sociedade*.

*

... substituir a força rígida, estrutural, do construtivismo por um fluidismo inerente à linguagem...

*

Um dos conceitos do cinema se apropria de mim: *tempo morto*: segundo Sganzerla, ele se manifesta naqueles *instantes restantes após gestos importantes, aqueles em que aparentemente não acontece nada*. Deixar os tempos mortos aparecerem na poesia, para vivificarem os quaisquer que vivem no tempo.

*

Partindo da exigência de ser em minha individualidade, cuido de uma ambiência de perdição na vida, a ponto de me dissolver nela, de me tornar, com ela, uma única experiência, de maneira que ela atue e se manifeste em mim, por meu intermédio.

*

Poesia, sim... com ela, eu, tudo e todos que existimos em nossas diferenças específicas, através de nossas particularidades, num jogo de contradição libertador, experimentamos o indiscernível da vida, fazendo com que toda e qualquer individualidade, aberta à sua superação, torne-se, assim: uma vida:...

*

...: uma vida que se quer um fenômeno da própria vida, determinando um lance de confusão entre a coesão explícita de toda individualidade e a disjunção de uma imaterialidade virtual, eficaz, para onde escapa tudo o que é perceptível.

*

Esse lance de confusão, de onde e para que nasce a obra cuja tarefa é servi-lo, ou instaurá-lo criativamente, faz com que a obra, artística, mergulhe sua distinção na suposta alteridade, criando, na indiscernibilidade experimentada, um caminho tenso do espanto e da admiração.

*

A qualquer momento, tudo se desmancha. Da latência, essa espreita do revés se revela inesperadamente em qualquer detalhe.

*

, o veloz impacto de uma subitaneidade desestruturante das fixidades, vazador das linhas de exclusão,

*

Afirmar a diferença; de dentro dela, sem apagá-la, intensificando-a, por sua zona de permeabilidade, cair, no buraco sem fundo da indiferenciação.

*

... desguarnecendo fronteiras, a emersão incontrolável do inindividual até a pele do indivíduo...

*

Na capa de um livro, meu nome é uma assinatura da vida, um substantivo próprio de sua intensidade, algumas vezes reunidas ou em debandada, umas palavras da invenção do que vive, indiferenciado, pelo turbilhão tranqüilizado e pela tranqüilidade excitada de meu corpo – corpo-cidade, cidade-vida.

*

Escrevo... como o asfalto escreve o seu diário, como o cão de guarda, sua nítida atenção, como o rinoceronte, como o poste, como o carro, escrevo como a areia, seu grão, como o revólver, nossa aniquilação, escrevo como escrevem as coisas, os bichos ou minha desproteção.

*

ESCRITOS PARA O LADO DE DENTRO
DAS LENTES DOS ÓCULOS

BECKETT

Ao fim de *Esperando Godot*, uma senhora virou-se, dizendo: “Você gostou disso? É horrível! A gente sai de casa para se divertir e tem de ver uma coisa dessas... Me diga, você gostou disso?” Imediatamente, ao meu lado, um casal nos 20 anos confrontou-a: “É demais! A senhora é que não entendeu nada!” Aliviado da necessidade de dar qualquer resposta, achando que o filme havia sido tão terrível para a senhora justamente porque, de alguma maneira, ela o entendera, e que os jovens o adoraram justamente por não o terem compreendido tanto quanto imaginavam, ou seja, por não o terem tão cravado na carne, pensei apenas – como é bom não ter mais 20 nem ainda 75 anos... E poder permanecer em silêncio.

EMILY DICKINSON

Colocar a pergunta certa – o mais difícil. Os poetas, por exemplo, perguntando as *opiniões* de outros – *são bons, os meus poemas?*... Custa-se muito a colocar a pergunta certa. Porque nunca a escutamos antes de sua criação. Às vezes, entretanto, ela é colocada, deixando-nos percebê-la: Emily Dickinson indaga: *Are you too deeply occupied to say if my Verse is alive?* Na exclamação que a antecede, a grandeza da pergunta – de quem está muito mais próxima da resposta do que a pessoa a quem a pergunta se endereça: o *estar vivo* como régua, desmesurada, para medir o verso. Na pergunta, Emily manifesta a experiência que conduz o fazer de sua poesia: vida – o único parâmetro para avaliar o poético.

EMILY DICKINSON, II

Se, para alguns, quando dita, uma palavra morre, para Emily, só então, ela começa a viver, no traço de uma diferença: vida e as formas de vida que estão por toda parte – campina, flor, abelha, vespa... e o licor, no licoreiro, contido em sua forma – excelente para ser guardado. Um outro licor, aquele, este, desta vez, desenvolvido, que entra – entra? – sem funil nem dificuldade na garrafa, mas, de dentro – dentro? –, incontível, atravessa vidro e rolha, esparramando-se

por todas as formas, a elas, irredutível – licor para a necessidade extática, entre os lábios, de vida – poesia admirável. Viver – nos dois licores, no contido, beber o esparramado – nascer. Como – ainda – outras ocupações?

STILL LIFE, STILL EMILY

Certamente, uma metafísica do antes e do depois – do anterior à vida e posterior à morte – inicial da criação e expoente do sopro – até se insinua, chamada: Amor, o céu nunca visitado –, Deus, o com nunca conversado. Mas, – da corrida dos segundos – do tropel dos cascos do relógio – de uns poucos dias prosaicos –, sua poética. Do durante. Desinteressado dos pedigrees, qualquer momento – aristocrático: experimento constante da natureza. Por isto, ela chama – Brasil –, – este intensivo – diante do qual tudo empalidece, e nada mais ela pede. Como quem aprende água pela sede. Sede de água encontrada, – Vida –, que vibra – cuidado! – por debaixo das incisões, a todo instante, – pronta – para saltar.

CLARICE LISPECTOR

Num livro, uma frase – uma ferida. Contaminada. Um vírus, à espreita, para se espalhar. Sem uma ferida, que se propaga, não há frase, não há livro. Sem uma ferida, não há leitor. Num leitor, em algum lugar impalpável, uma ferida, mas não a frase contaminada. A diferença do livro: espalhar, não a ferida – que esta, sem ela, não há leitor –, mas, além de cutucar, de dentro, a ferida, espalhar o vírus, na outra ferida, até então imunizada. A frase, o livro – uma contaminação. O leitor, ferida viva, tenta – esparadrapá-la. Consegue: esparadrapa a frase. Não o vírus. Que o invade. Um outro leitor, desse livro, página contra o sol, descobre a frase: *Pedir? Como é que se pede? E o que se pede? Pede-se vida.* E vejo, então, o que já me contaminara.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Às vezes: o precipício convulsivo de um arranha-céu – um homem. Com um rolo compressor, uma força o obriga a arrastar o abismo à superfície. No emaranhado, de tão profundo, comprime-se, e o mundo, em garrafas, garfos, botas, fazendo-os, ao invés de quebrar, reluzir – de escuridão. Um dia, por profundidade, um plano... as entranhas do mundo em cada pele. Entre derrocada e tonificação. As palavras de que

se precisa. Escrita. O fio, que, ao fiar, desfia, e desafia: a articulação: o precipício e a superfície na mesma linha. Isto, as *obrigações*. Um risco. A sutileza, tanta, que, talvez, despercebida. Por quem? Pelo homem, não pelo acreditado além.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

O charme – dorido – dos solitários. Dos periféricos. Dos desenraizados. Dos que têm três países na mesma língua. Dos que não têm – uma – a mesma – língua: os políglotas em suas línguas – impróprias. O charme – dorido – dos que, a cada conversa, são freqüentados – menos pelas palavras do que – por sua fuga. *As palavras me fogem... As palavras me fogem...* Força abrupta e – progressivamente interruptiva – da bruteza isquêmica de um corpo autônomo que, dorido, na imediatidade dos nervos, gagueja sua impossibilidade retornante – num quase puro ruído de um último sentido ainda audível, o de uma firme lataria rasgando – impactante – uma carne: *As palavras me fogem... As palavras me fogem...*

EMMANUEL CARNEIRO LEÃO

A qualquer momento. Em qualquer lugar. O pensamento. Desde que – improvisado –, saltando, aberto. Pelo esbarro do instante, impulsionado. Imerso na criação – seu único de antemão. A fala. Palavras que se encontram do lado de dentro das lentes dos óculos. Para, por elas, palavras, mais do que fazer ver o mundo, fazer – transvê-lo. No rápido cotidiano, em qualquer diálogo, alheia a perguntas e respostas, a plena suspensão, admirária. Como quando presenteado: Eu não gosto de vinho, obrigado. Disseram-lhe: Mas este é um Romané Conty! E ele: Quanto melhor o vinho, mais – essencialmente – vinho ele é, assim, para quem não gosta de vinho, quanto melhor, pior ele é.

ZEN

No meio da névoa,
uma só luz, amarela;
agora, nem ela.

Sem capacete. Nem barra de proteção. Nem air bag. A velocidade do mundo deslizando. Vazio. Confundido com todas as coisas. Delas, um quanto – audível – de nomes. Instável. Mas menos que o outro. Este, mais veloz ainda, ainda mais instável. Um quanto – inominável. Deixar a palavra acelerar-se. Juntando

um quanto a outro. Flagrá-la – quase inaudível – na aceleração máxima, por um triz imperceptível. Flagrá-la, ainda mais: palavra – num único quanto. No quadro de porcelana, a monja rabiscava a palavra – “zen” –, num puro movimento sem vestígios (ah, a falha do pilot!). Nervosos, a monja e a nova caneta, que, agora, escrevia. A gargalhada me explodia – até parecia que o monge era eu.

MANOEL DE BARROS

Recém-chegado ao jantar, de fraque branco encardido, dizia-se: Deus. Indubitáveis, os sinais – a roupa, o ígneo cabelo em desalinho, a barba por fazer, a Bíblia de cor e salteada, o sebastianismo com seus mistérios... E não parava por aí... Que cada um fizesse uma pergunta. E fizeram – as maiores: *Por que o sofrimento humano?; O que é a verdade?; E a felicidade?; Como recebê-Lo no coração?...* A todas, eloquentemente, respondia. Sem dar-me chance, obrigava-me à pergunta. Apropriei-me, por fim, do poeta: *Por que a quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso?* Eis que Deus mediu distância, umidade, calor... Emputeceu-se: *Essa não vale, isso é sacanagem comigo!* Pois é, meu caro, poesia que é poesia desbanca até Deus.

GILLES DELEUZE
(O QUE SUBJAZ)

... um quase nada, um nadar, atravessa um rio, carregando em seu dorso o que nele sobrejaz: um peixe, uma anta, uma capivara, um hipopótamo, um homem, tanto faz, se tudo o que é visto da margem, passando-a, é uma força que com a da água se confunde, deslocando-se, uma mesma escuridão de toda água noturna que com a noite se mistura, só um brilho qualquer – um quase nada, um nadar – vagamente se ilumina, mal se distinguindo da noite, suficiente apenas para o pasmo da margem, que não vê se é um peixe, uma anta, uma capivara, um hipopótamo, um homem, não vê, nem precisa ver, o que sobrejaz, mas apenas, num pasmo, um quanto, um quase nada, um nadar, que atravessa um rio, uma noite...

AUTOBIOGRÁFICO

Em família, sempre fui tido por poeta difícil, ilegível. Como ninguém é profeta em sua terra, uma cunhada perguntou a um escritor que morava fora: É sério mesmo – ou pura embromação? Ria-me da fama. No último lançamento, carinhosamente, um tio me disse: Antes, não entendia nada de seus livros, agora, não entendo nem o título! Em seguida, sua neta de oito anos, sentada no chão do corredor do shopping,

encostada no vidro da loja de balas toda colorida, lia, compenetradamente, os *Escritos da Indiscernibilidade*. Meu tio lhe perguntou: Você está entendendo alguma coisa? De soslaio para não desviar o olhar do livro, na bucha, Juju respondeu: Tudo! Nada como leitores com o pensamento ainda não viciado.

**PERFORMANCE PARA UM CORPO
CONCENTRADO EM SUA VOZ**

PERFORMANCE PARA UM CORPO CONCENTRADO EM SUA VOZ

*

a performance de um corpo
concentrado em sua voz

até pertencer apenas
não a si, mas à impertinência
de uma voz
que não é mais sua

até se descentrar em uma voz

*

o que a visão não vê
o que a audição não ouve
o que o olfato não cheira
o que o tato não toca

o que o paladar não saboreia
o que a inteligência não intelectualiza

o que só uma voz

*

o que só uma voz
quietamente vozeia

*

o que só uma voz

alienígena
inumanizadora

*

o que só uma voz

com sua oblíqua
audibilidade pressionante

*

o que só uma voz

*

não uma voz aniquiladora do corpo
nem tampouco
um duplo copiador

mas uma outra voz
força fugidia
que inventa
a partir do corpo
do corpo
seus implícitos intensivos
e diferenciais

*

assim o corpo
túnel móvel
entre
os subterrâneos
e uma voz

*

sempre numa voz
a primeira vez de uma
palavra
plástica musical
nevrálgica

sempre a um só tempo
numa voz
o gatilho o tiro
e a bala

sempre numa voz
uma maneira
de a carroça passar
à frente dos bois

sempre numa voz
a primeira vez
de um corpo

*

toda voz se voz
inaugura um corpo

*

anterior a mim
uma voz

e mesmo no combate
o nome de meu corpo
aquiescência

*

não apenas
a message
in the bottle
que recebo
mas
uma voz
uma mensagem
virótica
chegada
de algum lugar
antes remoto
do mundo
que consentidamente
abro
inalando-a
plenamente

*

ajudar a força a trabalhar o corpo
até que este se desdobre
em novos arranjos de palavras

colocar-se portanto a favor
da força
como o corpo que também a quer
favorecer

*

todo um contorcionismo
necessário
a uma tal operação

para virado pelo avesso
o corpo
se arrancar
a fórceps
através de sua própria boca

*

a evidência da voz
nas torções
involuntárias
do rosto
da cantora
ou do cantor

por cuja carne
por cujos ossos
por cujos nervos
por cujos músculos
a broca invisível
da voz
perfurando-os
busca
uma saída

obrigando o rosto

a se tornar
o impalpável
dorido
mas extático
de uma voz

*

o rosto do escritor
ou do professor
é tão afeito
às deformações
quanto o de quem
canta
talvez por
no escritor
no professor
ou no cantor
as deformações
partirem
das entranhas
do corpo
até
se atualizarem
em máscaras
com as quais
elas teimam
se mostrar

*

quanta compressão
para um corpo se afunilar
passando
em direção
à intensidade de uma voz

*

No corpo
a ferida
transfiguradora
por onde vaza
o fluido
que culmina
na urgência
de uma voz

*

líquida
gasosa
nunca sólida
uma voz

*

exilando-se
o corpo
nos estrangeiros de uma voz

*

esse istmo só se o pode atravessar
na mais completa solidão

nem de carro nem de roupa nem de barco
nem de avião nem de camelo
se atravessa esse istmo

um istmo
a dura transmutação do corpo
num misto

um istmo
a dura transmutação do íntimo
no *extimo*

*

um misto
de corpo e voz

o íntimo do corpo
na *extimidade* de uma voz

o íntimo do corpo
estimulado
por uma voz
que o estima

mas o estranha
mas o expele

*

uma voz

o estar em suspensão
do corpo

o que o suspende
do chão

o que o torna
inanimal

o que o torna
inumano

o que o torna
um outro
por onde ele passa
para onde ele passa

*

o próprio do corpo
não se recupera numa voz

*

se a boca é própria
uma voz é imprópria

se pelo próprio da boca
sai o impróprio de uma voz
também a boca
imprópria
e o corpo

*

nascido de uma voz
desapropriadora
um corpo impróprio
um corpo
inapropriado desapropriado

*

quem manuseia a carne
senão uma voz
quem manuseia o corpo
senão uma voz

novos arranjos
imprevisíveis manipulando
a carne

*

que importa se foi
da carne
que uma voz

que importa se
nessa voz

*

experimentar o movimento do corpo
perdendo-se numa voz

experimentar uma voz
agora corpo
corpo de palavras
corpo de voz
voz incorpórea do corpo de carne
em som
um outro corpo corpo
de voz voz
acatando os fastígios
do corpo voz
apagando os vestígios
do corpo
voz sem corpo
VOZ

*

uma voz
incerta

e sem direção
sem princípios
nem fim
fluído
débil e aguda
sem nenhum significado
humano
voz sem idade
sem nexo
semelhante a um cano
a uma borracha
enferrujada

*

VOZ

os barulhos
de uma perdição

os ruídos
de um desencontro

os bulícios
de uma fenda

VOZ

os burburinhos
de um irrecuperável

*

muitos são os corpos do corpo
muitas são as vozes de uma voz
muitos são os corpos de uma voz
muitas são as vozes de um corpo

*

quebrando-se e se refazendo
as frases acabam por acatar
uma matéria nervosa
inantecipável
uma inantecipável matéria nervosa
frasal

*

ninguém foi feito para a materialidade
dessa máquina
dessa máquina com outras sutilezas que as da carne
dessa máquina com outras levezas
e densidades que as da carne
dessa máquina fabricante de espantos em série
seus produtos
ninguém foi feito para essa materialidade
imaterial
ninguém foi feito para esse corpo
incorporal
ninguém foi feito para essa voz

o que existe não foi feito para essa voz
nada foi feito para essa voz
somente essa voz foi feita
para essa voz
e nada

*

nela numa voz se atinge
um inatingível
para acabar de vez com qualquer fim
para fazer do inatingível um corpo
para trazer ao corpo o inatingível
de uma audibilidade pressionante
para conceber uma performance
para um corpo concentrado em sua voz
uma performance para um corpo que
também anti-carne
se desarticula ao vivo em uma voz

*

acatando-os
o corpo
incorpora
os movimentos
descarnados
de uma voz

*

uma voz
transfigura
o corpo
até que ele
se torne
a incorporação
imprópria
de uma voz

a incorporação
imprópria
de uma voz
encorpada

*

A NOBRE ARTE

MINHAS AMIZADES DE HOJE SÃO FEITAS COMO ANTIGAMENTE

Estudantes engravatados tomam chope num botequim do centro da cidade, ao lado do qual se abre, imperceptível, uma porta. As pernas que, por ela, sobem as escadas de madeira pela primeira vez não sabem ao certo o que irão encontrar; algo as move, entretanto, naquela direção: em certos casos, um excesso, em outros, uma ausência. Seus freqüentadores se acostumaram ao fato de que poucos visitantes permanecem entre eles, e não têm expectativas de que seja diferente. De tão velho, o corrimão se afasta de quem quer que se apóie nele. O neófito se recompõe rapidamente. A primeira lição: para entrar ali, conte apenas com sua própria força, mais nada. Pois músculos suados se esquentam, se esbarram, se agriDEM e se separam em busca do equilíbrio perfeito entre velocidade, potência e inteligência dos reflexos. O menor vacilo custa alguns dentes, um filete de sangue no nariz, uma dor no fígado, no baço, uma falta de ar... e de siso.

Pouco falam do que pensam ou sentem.
O conhecimento que um tem do outro é passado
pelos poros, pelos suores que se misturam
a cada esquivada mútua em que a lateral de um corpo
se esfrega na mesma lateral malcheirosa do corpo alheio,
pela velocidade dos jabs e dos tapas defensivos
tirando o punho do caminho da face, pela porrada
do explodir da luva nos músculos compactos e protetores.
É dessa maneira que hoje faço meus amigos.

A LUTA ANTES DA LUTA

Você sabe, de nada adianta rezar no canto do ringue.
Aquele que nele sobe, sobe sozinho.
As bravatas lançadas na hora da pesagem
e o peso da multidão colado em sua carne,
você sabe, lá em cima, só aumentarão seu abandono.
Você sabe também o preço que terá de pagar
se deixar que qualquer vagabundo desfigure
sua fisionomia. Mas é isso que você quer?
Não é isso que você quer. Aconteça
o que acontecer, não jogarei a toalha, não é para isso
que chegamos até aqui... Você ainda é muito novo
para perder, e sua família, muito necessitada. Você sabe,
você tem de deixar seu passado para trás, eu sei que você
não quer voltar para as ruas, para o crime, para a cadeia...
Portanto, quando subir lá em cima, eu lhe digo,
não deixe que o adversário veja medo em sua face:

se, ainda antes do primeiro soar do gongo, ele
vislumbrar uma mínima expressão de temor em seu rosto,
conhecerá o caminho mais rápido
para encontrá-lo durante o combate. Mas você
não terá nenhum instante de fraqueza nesse combate,
você está preparado, eu sei que você está preparado,
e você também sabe disso. Ninguém quer acordar amanhã
num quarto de hospital... você quer acordar
num quarto de hospital balbuciando palavras desconexas?
Ein? Você quer acordar num quarto de hospital,
com sua mulher chorando preocupada ao lado da cama?
Não, você não quer isso pra você nem pra sua família,
nem eu quero isso para o meu garoto de ouro. Por isso,
treinamos duro, por isso, treinamos tanto. Então, vá lá
em cima, já estão anunciando seu nome, suba
para o quadrado, suba, já começaram a tocar a música,
vá para o ringue e, no meio do entrevero,
por entre as saraivadas de golpes,
faça seu adversário sentir o peso do esquecimento
carregando-o para longe do estádio, carregando-o
para longe de todo e qualquer lugar.

A VOZ DO SANGUE, O SANGUE DA VOZ

Tanto silêncio no ringue, no ringue
e na fome, tanto burburinho zoando simultaneamente,
que não posso distingui-los. E mesmo antes dos golpes
na cabeça, e mesmo antes de qualquer golpe

revolvendo as entranhas pelo avesso
(antes dos 4.500 quilos por impacto), e, mesmo antes,
tanto silêncio no ringue, no ringue
e na fome, tanto burburinho zoando
simultaneamente, que não posso distingui-los.
O ringue é o ringue, a fome é a fome, mas no ringue
(como na fome, como na fome do ringue, como no ringue
da fome), o silêncio é silêncio e burburinho,
e o burburinho, burburinho e silêncio. Quando,
no canto do amparo – sentado, curativos imediatos,
os segundos trabalhando a meu favor, a respiração em busca
de um ponto pacífico –, ouço a voz nítida do treinador
se erguendo do alarido da multidão e de ninguém,
não a escuto como um mandamento: infiel
e pecador, poderia traí-la. Escuto essa voz
desenrolar as últimas ataduras que envolvem o punho
do meu coração, espremê-lo ao sumo,
ao ponto de o gosto do sangue (de o gosto da fome) brotar compri-
mindo as gengivas por entre os dentes e o protetor,
me dando a certeza de que o próximo soar do gongo
será o último badalo com o qual meu adversário sonhará
antes de beijar a encardida lápide da lona.

SEM MIM, NADA DISSO SERIA POSSÍVEL

Desde o confuso princípio dos ringues,
quando não havia mãos para tocar a delicada espessura
e a cor do mundo era a mesma de um hematoma,

minha própria pele preta, ainda impalpável,
mas querendo extravasar-se como o sangue da vida,
já promovia o poderoso espetáculo: o combate
pela carne do tempo. Quem era eu, então? Um poeta?
Um deus? Uma ausência incansável de limites?
Um capitalista inventando o primeiro dinheiro,
o primeiro estádio (com ingressos pagos)
para o entretenimento de deuses vorazes? Ou apenas
uma força entre outras em busca de aventuras
cada vez maiores! Sim, era isto o que eu era
e o que jamais deixei de ser. Amo a coragem,
a miséria e a precariedade destes homens, com as quais
desenhei alturas para mim, para eles e muitos outros.
Amo até mesmo a inteligência superior que alguns
demonstraram ter... e o instinto de preservação de outros
que, pelo menos, não tentaram me desafiar. E amo
igualmente aqueles que, hoje mortos, se rebelaram
contra o meu poder: também eles fizeram minha fama
e minha fortuna. Trago feridas como todo o mundo,
mas deixo os lutadores se machucarem em meu lugar.

ARRANJO PARA ESSES CAMPEÕES DA PALAVRA

Não posso ser poeta, não sei contar histórias... Se eu fosse um toureiro,
faria o público acreditar que eu estava a poucos centímetros da morte,
mas manteria minha margem de segurança. Foi o que fiz no ringue.
Nós, lutadores, compreendemos as mentiras. O que é uma simulação?
O que é pensar uma coisa e fazer outra? Os melhores garotos são aque-

les que até podem tomar um murro na cara, mas são inteligentes o bastante para não o querer. Quando soa o gongo, somos apenas duas solidões. Não temos medo de apanhar, mas temos medo de perder. Uma derrota no ringue não se compara a nenhuma outra. Eu combatia com qualquer um. Não me interessava quem eram. Era simplesmente indiferente para mim. Eles me batiam, eu não me importava. Quando estou no ringue, luto pela minha vida. A luta pela sobrevivência é a única luta. Por cinco dólares, eles podiam me golpear no queixo com uma marreta. Quem já ficou dois dias sem comer poderá entender. E comer é um vício difícil de largar. Quando se luta, se luta por uma coisa: dinheiro. Acho que o campeão que eu sou hoje é pela dificuldade que eu passei. Nunca fui nocauteado. Já estive inconsciente, mas sempre de pé. Detesto afirmar isso, mas é verdade: quando começa a doer, é quando eu mais gosto deste negócio. Quando vejo sangue, fico como um touro. Sou um animal selvagem, inimigo declarado de toda a raça humana. Uns dizem que sou arrogante, outros, que preciso de uma boa surra, e outros, que falo muito. Mas eu garanto o que digo. Eu não quero nocautear meu adversário... quero golpear-lo, me afastar e vê-lo ferido. Quero o seu coração. Ele pode fugir, mas não pode se esconder. Tento acertar na ponta do nariz do meu adversário porque tento lhe enfiar o osso no cérebro. Se abrirem minha careca, vão encontrar uma grande luva de boxe. É tudo o que sou. É disso que vivo. Celebridade? Eu? O pessoal lá de onde venho diz que eu sou um vagabundo sortudo que sabe dar umas porradas. Quando você não é mais o campeão, está sozinho. Alguns ficam insanos, outros começam a beber, pois o boxe é muito intenso, e muita gente se perde. Você agüenta até certo ponto, depois quebra. Tenho tudo de que preciso: o médico mora aí em frente, o farmacêutico trabalha na esquina; daqui, posso ver a câmara-ardeente, e o cemitério é logo ali embaixo na rua.

CONVERSAS COM AS MÃOS

Fontes:

CAOX, <http://www.pobox.com/~seomario>, em abril de 2000.

Diário Comercial, 17 de novembro de 2000 e no livro *Entrevistas em Destaque*, de Maria Lucia Gomes de Mattos, Editor e-papers, 2002.

Sobresites, <http://www.sobresites.com/poesia/pucheu/index.htm>, em 2001.

Trip, em 15 de março de 2002.

Nonato Gurgel, www.nonatogurgel.cjb.net.

Storm-Magazine, edição 19, setembro/outubro 2004 – <http://www.storm-magazine.com/>

Poesia Viva em Revista, vol.2, 2005

CONVERSAS COM AS MÃOS

ENTREVISTA A RODRIGO DE SOUZA LEÃO

Seu último livro se chama ECOMETRIA DO SILÊNCIO. O que o título esconde? É possível encontrar ecos no silêncio?

É saudável que, em poesia, alguns dos esconderijos se mantenham esconderijos, lugares em que podemos nos refugiar. Acho mesmo necessário que isso aconteça. Tenho esperanças de que o título seja um lugar de refúgio. Lembro-me que, entre os mais antigos gregos, lançava-se um enigma antes mesmo de se saber a resposta para ele. Isso é verdadeiramente poesia: habitação de enigmas, de mistérios, de esconderijos, refúgio em uma ambiência enigmática da própria vida, que se mistura com a clareza de tudo o que vivemos. Poesia não é a resposta para nossas perguntas, mas as perplexidades que nos obrigam, dentre outras coisas, a formular, inclusive, as perguntas. Toda interrogação é resultado de uma exclamação anterior.

Em relação aos “ecos do silêncio”, escuto-os tanto quanto os motores dos ônibus. Costuma-se achar que o silêncio é o oposto da linguagem, dos barulhos e, portanto, sem “ecos”. Para mim, as próprias palavras e seus arranjos já manifestam o silêncio. Serão as palavras ecos do silêncio ou o silêncio é que é eco das palavras? As duas possibilidades moram na mesma encruzilhada, na qual repouso meus despachos. Impossível escaparmos do silêncio que é imanente à linguagem, seres dela que somos. Antonio Cicero, em “Travessia da morada do silêncio, travessia da linguagem”, texto incluído em ECOMETRIA DO SILÊNCIO, percebeu o que está em jogo na articulação entre o título e o livro com uma precisão inventiva

imensa, como só um pensador de seu calibre sabe fazer, acolhendo as latências de uma poética para manifestar ainda mais as intensidades que a atravessam. Sugiro a leitura de seu texto para quem quiser entrar com mais cuidado em tais recintos.

“Já não há cais no horizonte do olhar. Nem ao menos/ podem responder para onde vou.” Os olhos são mapas precisos?

Nem mapas, nem precisos. Tudo é impreciso nessa vida, tudo é indefinível. Acontece que, às vezes, acredita-se mapear o imapeável, ancorar no cais apenas para, logo adiante, descobrir-se mais uma vez sem rumo. Navegar, sim, é necessário... necessário e impreciso. Estamos todo o tempo em mar aberto. O cais? Mero instante de descanso, que, em algum momento, sai do horizonte de nossas possibilidades, a nossa revelia. E, na tormenta, para onde vamos, para onde nos levará o vento, para onde as correntezas nos arrastarão? As pálpebras, pesadas de nuvens e maresia. Estar na linguagem é estar sempre em alto mar, à deriva, pensando o que ninguém pensa, sentindo o que não se sente, e, para o bem e para o mal, sendo conduzido para o mistério que estala em cada peito extraviado.

“Aqui jaz ninguém” é mesmo o primeiro epitáfio que se tem notícia?

Essas coisas de datação, de cronologia, trazem dificuldades científicas. Às vezes, as descobertas arqueológicas se fazem controversas. Li, entretanto, um livro, *ECOMETRIA DO SILÊNCIO*, de um escritor chamado Alberto Pucheu, que dizia ser esse o primeiro epitáfio de que se tem notícia. Não vejo motivo para duvidar. Pareceu-me ser não só o primeiro mas o único epitáfio que se escreve até hoje. Penso que todos os outros são sempre secundários em relação a ele. Sendo assim, resolvi me apropriar do escritor mencionado.

Em ECOMETRIA DO SILÊNCIO há epígrafes de Fernando Pessoa e poemas homenagens a outros escritores. Como lida com as influências poéticas? É antropofágico?

Há em meus escritos *uma forte base intertextual*, como uma vez escreveu Marco Lucchesi. Algumas palavras de muitos escritores atravessam as minhas. Thomas Mann, Fernando Ferreira de Loanda, Maiakóvski, Juan Luis Panero, Dogen

Zengi, José Severiano de Rezende, Parmênides, Machado de Assis e Aristóteles quiseram caminhar pelas páginas desse último livro. Sou levado também a exercer diálogos com outros poemas ou livros ou quadros. Necessito de frases alheias, de obras alheias, como de comida... e elas vão deixando de ser alheias... vão sendo minhas... e eu vou deixando de me ser... vou sendo elas... as frases ganham o cheiro de minha carne, o percurso de meus intestinos e o pensamento que me quer escrever... eu apreendo cheiros alheios, não experimentados até então. São membros que me ampliam para o mundo, as frases. Utilizo os outros apenas quando não podem deixar de ser um terceiro entre eles e eu. Criamos juntos um terceiro corpo, em cuja invenção me descubro, mais do que sozinho. Assim, como em Rimbaud, e para sempre: *Eu é um outro*.

Percebe-se uma grande inquietação em seus poemas. Parece haver uma incessante busca estética. Qual a importância da fôrma e da forma poéticas?

Fôrma parece-me ser para bolos, tortas, coisas de cozinha. Quando faço, por exemplo, torta de sardinha ou musse de aspargos ou de cupuaçu, uso uma fôrma, que é necessária para realizar o que quero. Consigo até bons resultados, com elas. Já a forma, nos escritos, na arte, é uma energia de sustentação indiscernível do próprio conteúdo. Seria melhor, inclusive, abandonar esses termos dicotômicos (forma e conteúdo), inventar outros que os ultrapassassem, pois não consigo pensar neles separadamente. A inquietação é da intensidade da vida me atravessando e do esforço de descoberta de uma fala própria, que me é necessária, pois sem ela não sei viver.

A sua poesia em ECOMETRIA DO SILÊNCIO invade o mar da prosa, o resultado é harmonioso, diferente, intenso. Onde acaba a poesia e começa a prosa?

Normalmente, nos manuais de literatura. Não em 'O livro do desassossego'. Não em 'Monsieur Teste'. Não em 'Notas do subterrâneo'. Não em 'Fome'. Não em 'Grande sertão'. Não em 'Kuala Lumpur', de Fernando Ferreira de Loanda, nem em 'Argumentos invisíveis', de Leonardo Fróes, para citar uns poucos. Mas, ao invés de querer saber "onde acaba a poesia e começa a prosa", prefiro colocar sua

pergunta de uma outra maneira: onde poesia e prosa são indiscerníveis? Onde aqueles que procuram classificações têm de gaguejar? Acho que assim podemos avançar melhor, buscar fluências no lugar estagnações. Não sou uma pessoa de fronteiras, mas do desguarnecimento delas. Entretanto, ainda que meu trabalho tenha uma posição muito clara e uma reflexão sobre o assunto, penso que o que importa não é exatamente (ou pelo menos em primeiro plano) a mescla entre gêneros: seria uma questão demasiadamente “literária”. Pergunto-me, agora, então: que necessidade é essa que para se manifestar tem de desguarnecer fronteiras? O que me importa é o nevrálgico entrelaçado ao pensamento, o que tem de utilizar o “literário” para poder descobrir-se e ultrapassá-lo. Mas não acaba sendo o ultrapassamento do “literário” justamente seu ápice? – um dos inúmeros paradoxos que a escrita nos coloca. Fico contente com os seus adjetivos “harmonioso”, “diferente”, “intenso”; algumas das exigências de uma escrita como a minha já estão presentes em seus adjetivos, em sua observação.

“Alguém que não foi nada na vida disse que tudo valeu a pena.” Tudo vale a pena quando a alma não é pequena?

Li, em Vicente Guedes, a frase que demarcarva a *indiferença demasiado experiente do imperador Severo*: “omnia fui, nihil expedit”, ou “fui tudo, nada vale a pena”. É uma dessas frases definitivas, de um tipo de pensamento que atravessa o mundo em todas as suas épocas. Sileno, entre os gregos, o citado entre os latinos, Cioran, entre os romenos, e entre os portugueses... bem, entre os portugueses então nem se conta. Lembro-me de uma escritora portuguesa dizendo que literatura é “consolação”... achei sofrido... e belo, apesar de não assinar embaixo dessa definição, no que diz respeito ao que faço.

Guedes, na frase acima, traduzia do latim a alma portuguesa. Lembrei-me de vários brasileiros que conheci no interior e nas grandes cidades, brasileiros desconhecidos com os quais sempre aprendemos inúmeras coisas. É impressionante o tanto que temos a aprender quando entramos em contato com o popular que ainda resiste nesse mundo de massificação. Assim, resolvi traduzir a frase latina, àquela altura, portuguesa, em brasileiro. Penso haver em “alguém que

não foi nada na vida me disse que tudo valeu a pena” algo do ser brasileiro, algo do popular brasileiro. Algo com que eu mesmo, apesar de brasileiro, ainda tenho muito a aprender.

Sem dúvida alguma, para pegar sua deixa via o próprio Fernando Pessoa, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. E a poesia é essa luta contra a pequenez de nossas almas.

“É sempre um outro que escreve por mim...” Você concebe o fazer poético como algo mediúnico? O poeta é apenas um transmissor? Agora em outro livro, ESCRITOS DA FREQUÊNCIAÇÃO, há um verso: “Começando sempre por onde nunca/se sabe” Aonde nasce o poema? Como é o seu processo criativo?

Intimamente, não tenho a menor dúvida de que o escritor é um meio, um intermediário. Mas gostaria de tirar qualquer carga religiosa que essa palavra possa ter. Corremos o risco de, mantendo a dimensão espírita da palavra, subjugarmos a poesia ao religioso, o que eu, particularmente, não gostaria de fazer. Não por não ser possível, mas por subjugá-la a algo que lhe seria exterior em nossos dias. Aliás, entenda isso como observação e não como provocação, toda religião tem por fundamento um grande livro de poesia. *Deus*, os *deuses*, ou o quer que seja, são uma manifestação poética para indicar uma experiência só possível aos seres determinados pela linguagem. A poesia, tal qual a penso, tal qual a vivo, não é o caminho para algo além dela mesma: ela é o próprio caminho... e nós, aqueles que o percorrem, transformando-se, abrindo-se para a dimensão poética da realidade.

Agora, se o escritor é um meio, se é um *médium*, o que ele está intermediando? Tenho uma percepção muito forte de que somos nós que pertencemos à linguagem, de que ela existe quase que externamente a nós, inumanamente, obrigando-nos a movimentos involuntários, que passamos a ter de acatar. É apenas por uma ambição cosmogônica que as palavras necessitam de nós. A palavra, quando comprometida com a criação, com a sua essência, e não com a mera comunicação, leva-nos a caminhos inteiramente inesperados, obrigando o escritor a um espanto constante e, conseqüentemente, a um encontro com o desconhecido, o

que fascina e angustia a um só tempo. O escritor é alguém que tem por maior intimidade a estranheza. Somos íntimos daquilo que nos é estranho; o que nos é estranho, torna-se, de nós, o mais íntimo. A palavra “poesia” vem de um verbo que significa: fazer aparecer o que não havia antes, de modo que, no aparecer, ainda resguarde o campo de forças do não aparecimento; pois é isso que o poeta está intermediando, esse processo de articulação entre ser, não-ser, linguagem, e pessoa. Mas essa própria articulação já é uma criação de linguagem, já é fazer aparecer, já é poesia. Daí, a poética ser, antes de tudo, uma instauração cosmogônica.

“Na Cidade Aberta, Escritos” é a primeira parte de seu livro ESCRITOS DA FREQUÊNCIAÇÃO. *Trata-se de uma genealogia poética de uma cidade e suas palavras. As palavras são cidades? As cidades são palavras? Tudo é palavra? Tudo é cidade?*

A cidade atravessa os escritos. Do primeiro ao último. “Na cidade aberta” é o título do primeiro livro, de uma das partes de ESCRITOS DA FREQUÊNCIAÇÃO e de outra de A FRONTEIRA DESGUARNECIDA. Mesmo em ECOMETRIA DO SILÊNCIO, se não há diretamente esse título, há poemas trabalhando a cidade, por ela sendo trabalhados, como “Sebastianópolis” e “P.S. para um poema inacabado”, para citar poucos exemplos. Vivencio constantemente a luta entre a conquista de intimidade com a cidade e sua impossibilidade. A cidade, nos livros, se apresenta com elementos do Rio de Janeiro, cidade que habito e que me habita. Cidade que obriga uma desordem no corpo e nas coisas, que berimbola toda e qualquer fronteira, que implanta uns membros errantes em outros membros errantes. Cidade de convívios, de esbarros, de adesões. Cidade que é, sobretudo, a própria conjuntura de articulação poética da realidade. A cidade, para mim, é a possibilidade de superação das dicotomias, caducas, através de uma “genealogia poética”, como você bem viu, ou de uma instauração cosmogônica, como havia dito. A cidade é a tentativa de confluência de todos os elementos da realidade (inclusive a irrealidade), acionada pela aventura da linguagem. Suas perguntas indicam o que os escritos pensam, e poderia transformá-las em afirmações: “as palavras são cidades”; “as cidades são palavras”; “tudo é palavra”; “tudo é cidade”... E há reticências por todos os lados.

“Escrever para inventar uma/vida que se apaga” A eternidade é a busca maior do poeta?

Não, não me parece ser a busca maior. Parece-me ser a tentação maior, o perigo maior de deslocar o escritor da força de desubjetivação que uma obra implica para a força narcísica que também faz parte de nós. É possível ver atitudes caricaturais tendo por fundo essa busca de eternidade, que de nada adianta depois que morremos. E enquanto estamos vivos, parece-me muito presunçoso buscar a eternidade, pelo menos nessa acepção de uma imortalidade literária, de um querer que a obra perdure para sempre, já que isso independe totalmente do escritor e, mesmo, de seu tempo.

A busca maior do poeta parece-me ser aquela que é a mais simples, a mais óbvia, à qual todo o cotidiano de quem escreve está submetido; nas palavras da frase que você citou, aparece simplesmente como: “escrever”. “Escrever”. “Escrever” é a busca maior do poeta. “Escrever”... não para representar uma vida em busca de imortalidade, mas “escrever” acolhendo uma vida que se apaga, acolhendo a extinção, sendo inventado por uma intensidade única, poética, que nos quer atravessar... que nos quer - inventar. Para o poeta, inventar e ser inventado é a mesma experiência. Assim, escrever é ser inventado, no mesmo movimento do que está sendo extinguido.

“Um fim nasce abortado. Nenhum ponto/é final.” O poeta vive escrevendo e reescrevendo o mesmo poema?

Assim como a cidade é sem começo (todo começo já está na cidade), uma cidade é sem fim, todo fim já estando, também, na cidade. Uma cidade é puro movimento simultâneo e tensivo de nascimento e morte, de geração e aniquilamento, de caos e ordenamento das multiplicidades, das individualidades. Não consigo pensar em um ponto final desse movimento-cidade, mas apenas em um possível término (e geração) de individualidades que compõem a cidade. Mas a cidade é... desde sempre... e para sempre... essa articulação entre o mesmo e a diferença. Nela, acontece cidade, acontece criação, acontece obra. Como se manter na medida dessa tensão, no mínimo ponto de equilíbrio (beirando perigosamente o desequilíbrio) dessa junção?

Vários poemas, então, são reescritos ao longo dos livros que escrevo; não com o intuito de substituição do anterior e sim como descoberta de uma nova possibilidade, de uma nova singularidade, inteiramente autônoma em relação à anterior, mas com ela também se articulando com grande intimidade, tratando-se, sempre, da cidade. O que estou querendo dizer, sucintamente, é: o poeta reescreve o mesmo pela diferença. Mas é apenas pela diferença que ele pode recriar o mesmo e recriar-se pelo encontro da diferença com o mesmo.

Qual o papel do escritor na sociedade?

O papel do caderno. O papel da máquina de escrever. O papel do guardanapo ou do pão ou do cigarro. O papel da nota fiscal pode servir ao escritor. Às vezes, chega a ser um papelote. Outras, até um papelão. Pode ser um papelejo, um pape-lucho, um papelório. O branco papel da tela do computador saindo pela impressora. Para mim, vai ser sempre o papel do esquecimento ganhando ares de memória, de invenção, de descoberta. Como disse um transeunte a outro, no momento em que eu, comovido, passava por eles, na Glória: “assim, na bucha, eu não falo não, mas deixa eu me esquecer que, de repente, eu falo”. O papel do escritor é, em todos os acima mencionados e ainda em todos os outros possíveis, escrever, escrever, escrever, recolhendo do inaudito uns tiros de espanto... balas ferindo para fazer viver.

ENTREVISTA A MARIA LÚCIA GOMES DE MATTOS

Como e quando aconteceram seus primeiros escritos poéticos?

Nunca é fácil falar do começo, porque, tão importante quanto o fato de termos começado um dia a escrever, é o de o começo estar sempre presente em tudo o que escrevemos. Cada linha é um começo, cada poema é um começo, cada livro é um começo. Estamos sempre começando e, apesar disso, estamos sempre com as mãos vazias. Clarice dizia que não sabia escrever, senão no momento em que estava escrevendo. Digamos que, para o poeta, o esquecimento é mais importante do que a memória, porque só através dele podemos criar o que ainda não foi criado. E isso significa a presença do começo em cada ponto da caminhada.

Você se considera “livre” sem nenhuma ligação a escolas pós-modernas ou vanguardistas?

A poesia é cheia de esbarros, cheia de conexões com tudo o que nos ajuda a entrar intensamente no movimento necessário à criação. A liberdade, portanto, não me parece estar na ausência de ligações, mas no fato de, com todas as conexões que possamos ter (e podem ser muitas), realizarmos algo que não aceita ser rebocado pelas coisas ou por alguma poética precedente, algo que quer acontecer aqui e agora pela primeira vez, à frente de todas as coisas, implantando uma nova poética, um novo situar-se no mundo.

Um poema é para ser entendido ou sentido?

Há nessa pergunta uma colocação de que o entendimento já é algo separado dos sentidos, resultante de uma compreensão dicotômica de nossa maneira de estar no mundo. A singularidade humana me parece ser justamente o fato de termos a linguagem por fundamento. Dessa maneira, nossos sentidos jamais são “puros”, desconectados de algum tipo de compreensão. Há uma mistura imanente entre sensação e entendimento, quer nos damos conta disso no momento em que estamos sentindo alguma coisa ou não. A poesia, para mim, também é essa possibilidade de superação de todas as dicotomias, como entendimento/sentido, palavra/silêncio, transcendência/imanência, vida/morte etc.

A poesia é criada para o leitor ou simplesmente para satisfação pessoal do poeta?

Não acho que a poesia seja criada “para” o leitor nem “para” a satisfação pessoal do poeta, ainda que tanto o leitor quanto a satisfação pessoal do poeta, como inúmeros outros acontecimentos, possam fazer parte do caminho da poesia. O que quero dizer é que, se no habitual da vida moderna, há sempre um “para”, um “porque”, um “objetivo” tentando justificar a própria vida, a poesia é uma das raras experiências que mostram que a vida não precisa de justificativa, sendo, portanto, um exercício e uma manifestação da própria liberdade. Assim, a poesia não é criada “para” nada, mesmo que tenha a força para que tudo possa ocorrer a partir de sua instauração.

A musicalidade das palavras de um poema justifica sua falta de significado de conteúdo?

O poema acata, ou, pelo menos, pode acatar, diversos planos simultâneos. O da musicalidade, o do sentido, o dos arranjos de palavras, o das imagens... Um poeta português, Alberto Pimenta, fez, uma vez, uma performance em que realizou um soneto com figos, dos quais comia alguns, servindo outros à platéia — nesse caso, até o cheiro e o paladar entravam no poema. O privilégio que um poeta quer dar a cada um desses planos depende da ambiência poética na qual ele está se movendo. Costumo achar que o não-significado é tão fundamental para o significado quanto o silêncio para a palavra. Eles fazem parte de uma mesma encruzilhada, não podendo haver um sem que o outro já lhe seja imanente. Ao invés de pensar a partir de *to be or not to be*, teríamos de pensar a partir de *to be and not to be*, na tensão simultânea dessas realizações.

Um poema pode ser mais lido através da internet ou perde o seu encanto?

A internet facilita a velocidade do trânsito, dos encontros. Outro dia, estava lendo um ensaio sobre poesia americana e tinha nele uma referência a uma poeta que achei muito interessante. Descobri um site dela, do qual gravei vários poemas. Depois, ainda pela internet, comprei dois livros dela. Isso acontece muito, com poetas contemporâneos ou quando nos encontramos com os chamados clássicos. Essa facilidade em conseguir o que queremos nos poupa um tempo imenso, apenas isso. Por outro lado, não consigo ler poesia on-line. A lida com a poesia exige um recolhimento que não consigo ter quando conectado. Gravo ou imprimo o que me interessa e leio depois. Mas a poesia, ao invés de perder o seu encanto, está sempre encantando, e, inclusive, subvertendo, o que lhe é aparentemente adverso.

ENTREVISTA A SEBASTIÃO EDSON MACEDO

Em sua obra, especialmente em ECOMETRIA DO SILÊNCIO, poesia e prosa alcançam limites indiscerníveis. Poesia e filosofia também podem atingir essa indiscernibilidade sem perder suas características efetivas, qual sejam: discurso da impressão

(poesia) e discurso da reflexão (filosofia), respectivamente? Nesse sentido, como se dá a relação entre poesia e filosofia em seu texto? Que experiências podem ser trocadas entre filosofia e poesia para a enriquecer o percurso de cada uma?

As dificuldades de se pensar a indiscernibilidade entre poesia e filosofia são muitas. Veja bem... em sua própria pergunta, já existe a preocupação de fazer com que poesia e filosofia não percam as “características efetivas” de cada uma, já existe uma predeterminação de que poesia é “discurso da impressão” e filosofia, “discurso da reflexão”. Se não há perda daquilo que historicamente foi privilegiado como “características efetivas”, não há indiscernibilidade, que só acontece com transformações e novas conquistas. Assim, quem está interessado na possibilidade de desguarnecer tais fronteiras, deve estar atento a pelo menos três perigos. O primeiro é o de uma das experiências subjugar a outra, controlando diversidades que poderiam estabelecer novas modalidades de pensamento, de vida. O segundo acontece quando, sob a pretensa máscara do respeito, se é excessivamente cordial e diplomático, fazendo com que cada uma das áreas não seja transformada ao se encontrar com sua companheira. Por último, há o risco de se privilegiar aspectos históricos que nos deixariam mais eruditos, porém à margem do empreendimento. Nunca querendo se solidificar em uma postura blindada, a indiscernibilidade está sempre em aberto, estimulando diferenças, edificando esbarros acolhedores de equivocidades... Ela é a voluntária da equivocidade — antes de ser um lugar, se constitui enquanto um não-lugar. Quem sabe as palavras conseguirão, assim, acariciar o corpo alheio, estimulando novos, móveis destinos!

Em Nietzsche e Heidegger temos uma passagem da filosofia para poesia, e vice-versa, exatamente quando uma das duas atinge supostos extremos de expressão. A linguagem é uma barreira ou uma ponte? Ela é transponível? Pensando em Drummond: ‘José, para onde?’.

O que é o ‘Assim Falou Zarathustra’, do Nietzsche? O que é o ‘Caminho do Campo’, do Heidegger? Poesia? Filosofia? Quando se atinge os “extremos de expressão”, não há mais lugar para classificações, dicotomias, preguiças... O encantamento provocado pela palavra é tal que, tão logo começamos a falar, ou a escrever,

ela entra num devir, metamorfoseando-se, supostamente, no que foi, no que é, no que será. Como a liberdade da letra é experimentar limites, ela, além de exercitar suas ventosas para tentar se agregar ao manifesto do real, cria o que nunca foi, nem é, nem poderá existir em sua ausência. Mesmo quando quer falar aquilo que já está dado no mundo (ou o que, outrora, já o fora, ou o que ainda o será), tudo que encontra é a ausência do que queria dizer, falando, portanto, essa própria ausência, e mais nada; ausência feita da combinação de letras, da matéria robusta da palavra. Por isso, a linguagem, por fundamento e definição, é poética, mesmo nos momentos em que não a imaginávamos sendo. Não penso que a linguagem seja apenas uma barreira ou uma ponte. Penso que a linguagem seja o caminho, e, como caminho, barreiras e pontes também lhe são imanentes. Podemos fazer inúmeras coisas: só não podemos pular fora do caminho. Tudo, na vida, é um caminho. E, na morte, já não há caminhante. Para mim, não se trata de transpor a linguagem, mas de adentrá-la efetivamente, de aprender a caminhar na perdição. Nós é que devemos nos deixar transpor para onde já estamos: para a linguagem. E só nela, por ela, é que há silêncio: se Drummond, por exemplo, não tivesse escrito “José, para onde?”, o silêncio ficaria reduzido.

Considerando-se a filosofia como uma disciplina em busca de verdades, quais são as buscas da poesia?

Não considero a filosofia nem como uma “disciplina” nem como algo “em busca de verdades”, pelo menos como habitualmente se entende “disciplina” e “verdades”. Entendo a filosofia e a poesia como o encontro com espantos, o esbarro com admirações. Já dizia Aristóteles: “Através da admiração, pois, tanto agora como desde a primeira vez, os homens começaram a filosofar (...). Mas aquele que admira e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filômito é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do admirável, e com ele concorda e nele repousa”. Assim, *tó thaumázeim*, o espanto, a admiração, é a palavra de uma possível miscigenação entre o filosófico e o poético. O incrível é que essa frase tem a força de mudar toda uma tradição que, privilegiando a verdade, fez da dúvida e da pergunta a matéria do pensar.

Réplica: Então podemos pensar que a poesia não tem metafísica, que o exercício poético é um fim em si?

Eu me perguntaria se a própria *metafísica* não é mais uma das possibilidades poéticas... Boa parte do pensamento de Nietzsche e Heidegger é para mostrar que ela tem um nascimento, uma genealogia. Ainda que se possa discordar do momento de tal surgimento, seu princípio histórico me parece inquestionável. Na tentativa de superar a hegemonia do pensamento *metafísico*, ambos são radicalmente afetados pelos chamados “pensadores originários”: Heráclito, Parmênides, Empédocles e Anaximandro, por exemplo. Além disso, a tragédia grega foi fundamental para Nietzsche, e Hölderlin, para Heidegger. Este novo encontro seria um dos propulsores de uma reviravolta do pensamento, desta vez explicitamente acolhedora da poesia. O poético deixa de ser um objeto de pesquisa da filosofia; trata-se, agora, de pensar poeticamente, e poetar de maneira pensante (...Schlegel e Novalis, dentre outros, haviam traçado um percurso nesta mesma direção...).

É claro que quando falo em “poesia” ou em “poética” não estou mencionando apenas o que se convencionou chamar de um gênero literário, mas uma dinâmica própria do ser humano de se posicionar no mundo respondendo ao constante aparecimento de tudo o que existe: a arte imita a natureza porque ela imita o incansável processo de criação que constitui a própria natureza, o incansável processo de criação que constitui a própria realidade. A palavra “poesia” vem de um verbo que significa: fazer aparecer o que não havia antes, de modo que, no próprio aparecer, ainda resguarde um campo de forças do não aparecimento; pois é isso o poético: este processo de articulação entre ser, não-ser, linguagem e pessoa. Mas essa própria articulação já é uma criação de linguagem, já é fazer aparecer, já é poesia. Daí, a poética ser, antes de tudo, uma instauração cosmogônica.

Para completar a resposta a sua instigante pergunta, o poético não é um “fim em si”, fechado e excluído do resto do mundo, mas, muito pelo contrário, um começo determinante e imanente ao próprio real, um caminho em que tudo está em contínuo fluxo de nascimento e abrindo possibilidades sempre novas. É próprio à poesia, portanto, uma interferência ativa, intensa, em nossas vidas e na complexa trama do real. Tanto quanto também lhe é própria a proximidade a

uma incompletude: estamos sempre no meio do caminho. Poderia dizer ainda que o poético é uma errância permissiva de gerações, de construir o que, para ser habitado, tem de ser logo abandonado.

Em “Na Cidade Aberta, Escritos” você desenvolve alguns temas do F. Pessoa poeta-filósofo. Quando o desenvolvimeto de temas poéticos e filosóficos de outros autores não deve ser confundida com a diluição a que Pound se refere?

Não vejo temas do Fernando Pessoa em “Na Cidade Aberta, Escritos”. A marca que esses poetas gigantesco deixaram em mim, parece-me, se presente, em outro lugar, por outro viés. Há diluição quando um poeta não consegue chegar a sua diferença, quando não consegue estabelecer sua singularidade, quando aceita ser apenas um clone e, pior ainda, inferior ao original.

João Cabral não acreditava em inspiração. Sua poesia é feita de inspiração, mediunidade ou trabalho continuado? Como vê esta questão e como é seu processo de composição?

A recusa veemente de Cabral pela inspiração me parece mais uma tática combativa do que qualquer outra coisa. Em geral, as pessoas pensam a inspiração como oposta ao trabalho. Não vejo dicotomia alguma entre essas duas experiências: elas estão na encruzilhada de um mesmo caminho, dando-se conjuntamente. Ainda que fazendo o esforço para tratá-las separadamente, penso até que, começado o poema, em muitos casos, o tempo que trabalhamos nele (ou que ele trabalha em nós) pode acabar por resolvê-lo. Minha própria vivência, entretanto, mostra que o começo da escrita de um poema é incontrolável. Para começar um poema, a gente pode ter uma idéia, uma sensação, umas palavras, um campo de pensamento no qual nos movemos, o que for... mas o momento em que isso se transforma de possibilidade em acontecimento, é imprevisível, incontrolável. Não fosse assim, todos os poetas fariam inúmeros poemas ao longo do dia, dos meses, dos anos; não fosse assim, todos os poetas só fariam grandes poemas; não fosse assim, ou seja, se poesia fosse apenas trabalho, eu já teria escrito 100 poemas sujos, 100 cães sem plumas, 100 nudezas, 100 livros do desassossego...

*O poeta nasce ou torna-se? Ser poeta é uma necessidade ou uma assumidade?
O poeta escreve o que deseja ou o que pode?*

Quanto à primeira pergunta, nada melhor do que um verso de Píndaro, que diz: “Venha a ser o que tu és”. Mais uma vez, o pensamento poético ultrapassa dualidades, apagando dicotomias, criando enigmas.

Às duas outras, gostaria de responder com um poema de meu último livro, A VIDA É ASSIM (publicado pela Azougue Editorial). Antes disso, salientaria apenas que o que vale para a poesia e para a vida é o mesmo, já que ambas são indissociáveis:

De prêmios, armadilhas
e outras coisas, nº 2

E não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida, largar o
emprego medonho, realizar o antigo sonho
de ser o que se acredita ser,
achando resolvido todo e qualquer problema. Não,
não adianta: não somos a solução embolsada,
mas isso de que jamais escapamos
na busca do impossível horizonte. Somos a vida
estendida entre o chão e o abismo,
as variações aleatórias que ela mesma, a vida,
nos distribui em prêmios e armadilhas, a velocidade com a
qual, aturdidos, nunca nos acostumamos.
Não, não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida
supondo baixo o preço a ser pago,
mas de receber o que nos é a nossa revelia.
Desconhecemos a salvação. Acabamos
nos lançando, sim, a uma intensidade maior,
e, desprotegidos, sob o risco constante
de *você só tornará as coisas piores*,
sob o risco constante do malogro,
não vivemos da melhor maneira: mas da maneira possível.

Quais são os poetas contemporâneos que admira?

Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Leonardo Fróes e Fernando Ferreira de Loanda, por exemplo, entre os que têm um percurso estabelecido, apesar de ainda poderem nos dar livros maravilhosos. Entre os que estão criando o próprio caminho, Caio Meira, Antonio Cicero, Cláudia Roquette-Pinto e Sérgio Nazar Davi, para citar alguns.

O que de poesia está lendo atualmente?

Estou lendo uns poetas portugueses incríveis que trouxe de uma viagem feita no começo do ano com Bianca, minha mulher, ao Marrocos, passando antes e depois por Lisboa. Há o António Franco Alexandre, que lançou recentemente ‘Quatro Caprichos’, seu último livro até o momento: é das boas coisas que tenho lido. Há o Alberto Pimenta, com livros inteligentes, sarcásticos, anárquicos e cuidados, como ‘As moscas de Pégaso’ e ‘Discurso sobre o filho-da-puta seguido do discurso sobre o filho-de-deus’, por exemplo. Este poeta vem desenvolvendo um trabalho muito interessante também na área de poesia performática. Há o Jorge de Souza Braga, com sua obra reunida intitulada ‘O poeta nu’, com um humor lírico digamos que parecido com o de Manoel de Barros, ainda que sua escrita seja inteiramente diferente da do nosso poeta. Há também a Adília Lopes, outra poeta portuguesa que venho começando a descobrir com interesse. Portugal, com esse time, está muito bem representado no mundo contemporâneo.

Além desses autores, leio a poesia completa do Tahar Ben-Jelloun, que trouxe do Marrocos, e outros escritores marroquinos, como o excelente Mohamed Choukri.

Que leituras considera de formação para o jovem poeta?

São tantos livros, tantas possibilidades, que entendo não haver uma lista de leituras verdadeiramente obrigatória. O jovem poeta tem de descobrir seu caminho, suas afinidades, os livros que o ajudam viver. Entregando-se com sinceridade e por necessidade, ele acaba encontrando os escritos de que precisa. Sartre, em ‘A Náusea’, tem um personagem incrível chamado o Autodidata. Como muitos eru-

ditos, ele é aquele que vai para a biblioteca e começa a ler todos os livros em ordem alfabética, pouco importando sua relação com o que está lendo, pouco importando se as palavras o afetam em intensidades ou não, pouco importando se ele é transformado de alguma maneira ou permanece apático. Uma lista de formação pode levar a crer que só se é poeta depois de se ler tais e tais livros, como se só pudesse pensar depois de concluir uma faculdade de filosofia, o que, evidentemente, é um absurdo. Uma lista dessas, em geral, visa uma formação obrigatória, mas a poesia tem de estar primeiramente comprometida com uma certa sensação de desobrigação, de deformação e de liberdade.

ENTREVISTA A RONALDO BRESSANE

Qual sua formação como poeta?

A poesia passou a ficar importante para mim quando descobri que a linguagem andava à minha frente, puxando-me para onde ela queria que eu fosse, quando descobri que entre o que se fala e o que se acredita que se é tem um abismo imenso, uma fissura, uma racha. Nesse momento, percebi a vida, na linguagem, como perdição, como perplexidade infinda. E não foi mais possível me afastar da poesia, que se tornou meu próprio caminho. Heráclito, Empédocles, Nietzsche, Rimbaud, Edmond Jabès, Dostoievski, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Drummond e inúmeros outros pensadores, escritores e poetas foram e continuam sendo fundamentais para mim. Mas a rua também, o ouvido atento ao que está acontecendo, ao tempo presente, ao trânsito, é igualmente fundamental ao poeta.

Qual sua formação como boxeur?

Faço boxe amador, regularmente, três vezes por semana, duas horas a cada vez, com o S. Antonio Carlos, que foi treinador profissional e levou alguns de seus pugilistas a serem campeões brasileiros e disputar títulos internacionais. Além de excelente treinador, é uma ótima pessoa. Eu, entretanto, faço boxe apenas pelo prazer de fazê-lo. Gosto dos rituais (como colocar ataduras, luvas etc), gosto do clima, gosto dos treinos... sou um amador do boxe, em todos os sentidos dessa

palavra. Meço 1,82m e peso 77 quilos, o que me colocaria, agora, no boxe amador, com uma recente alteração na classificação pela pesagem, como peso-médio.

O que dói mais: um pé na bunda ou uma porrada no queixo?

Uma porrada no queixo dói; no fígado, então, desconjunta o corpo todo. Chego a achar que ninguém é um homem de verdade se jamais tomou um soco no fígado. Mas nada que se compare a um pé na bunda. Veja só o Popó: quando a Eliana lhe deu um pé na bunda, ele cancelou até decisão de título mundial para reconquistar a namorada. Esqueceu os diretos no queixo, que nunca o fizeram adiar qualquer luta, muito pelo contrário. Felizmente, ele conseguiu reatar, casou, remarcou a luta e trouxe o título para nós, alegre da vida, mesmo tendo tomado umas porradas no queixo. Agora, um exemplo diferente: Machado de Assis já disse ser melhor cair das nuvens do que do primeiro andar. Se a D. Carolina, sua esposa, entretanto, tivesse dado um pé na bunda dele, ele mudaria rapidinho de opinião. Como ela foi inteiramente dedicada, terna, carinhosa, cheia de amor, cuidou de sua epilepsia e o casamento deles foi dos mais felizes, ele certamente acharia pior tomar uma porrada no queixo, já que nunca imaginaria tomar um pé na bunda. Eu, que, como o Popó, já tomei um pé na bunda e uma porrada no queixo, digo: bom mesmo é sobreviver a ambos.

Um soco no nariz pode ter o impacto de um verso? Se sim, teve algum que te derrubou?

Se já fui derrubado por um soco no nariz? No exato lugar, entre o nariz e o olho. Claro que sangrou, e, além disso, fiquei uma semana com o olho roxo, incluindo o Natal e o Ano Novo. São, literalmente, os ossos do ofício. Às vezes, você está bem, chega em casa e tem um círculo do tamanho de uma luva doendo no ouvido e em volta dele; aí você descobre que tomou um cruzado que não havia nem percebido. Mas eu, que busco uma poesia com pegada, costume me perguntar: pode um verso ter o impacto de um soco? Claro que pode. E ainda mais! Uma boa linha tem a força de mudar uma vida. Houve comigo mesmo — no caso, não foi uma linha, mas um livro (o ‘Assim Falou Zaratustra’, do Nietzsche), que me fez

tatear um novo caminho inteiramente diferente, e, esse sim, mais próximo a mim mesmo. Isso ocorreu há muitos anos, mas o soco de um verso, de um poema, de bons escritos continua me transformando. Você não tem como ficar imune a versos como “Qualquer que seja a chuva desses campos/ devemos esperar pelos estios”, ou então, “há sempre um copo de mar/ para um homem navegar”, ambos de Jorge de Lima; você não tem como manter a guarda levantada para livros como ‘Notas do Subterrâneo’, de Dostoievski ou ‘Fome’, de Knut Hamsun, entre muitos outros. Mas os da literatura, são socos que, ao invés de nos derrubarem, nos revitalizam.

Que tipo de poeta você queria jogar na lona?

Aqueles que, deixando de lutar poeticamente, fazem mil tramóias para se manter de pé.

Quem são o Marciano, o Tyson, o Ali e o Sugar Ray da poesia brasileira?

O Tyson seria o Oswald de Andrade, que, para mudar o pensamento poético brasileiro, saiu batendo e derrubando tudo e todos que passassem pela frente dele. O Marciano, imbatível, com o impressionante cartel de 49 lutas-49 vitórias, poderia ser o João Cabral, um dos raríssimos poetas que jamais escreveu um poema ruim, ou melhor, que só escreveu poemas excelentes. O Ali, com sua maravilhosa dança, capacidade de absorção, inteligência privilegiada no ringue e no trato com as palavras, além de possuir uma excelente pancada (um lutador, enfim, completo), seria o Drummond. E o Sugar Ray Robinson, talvez, ao lado de Joe Louis, o maior estilista de todos os tempos, para mim, seria o Jorge de Lima.

Você acha que falta pegada à poesia brasileira atual?

A poesia atual é de uma grande fecundidade e abarca inúmeros poetas que não podem ser generalizados. Gullar, Manoel de Barros, Leonardo Fróes, Fernando Ferreira de Loanda (de Kuala Lumpur), Vicente Cecim e outros, cada um a sua maneira, têm uma pegada fortíssima. Se pensarmos esse “atual” como pessoas que começaram a publicar mais recentemente, digamos, nos anos 90, tem poetas também com ótima pegada, como Caio Meira, Antonio Cicero, Fabrício Carpinejar

e Sérgio Nazar, só para citar alguns. Por outro lado, há poetas, de todas as idades, que, apesar de escreverem muitíssimo bem, fazem com que a erudição e a assepsia exageradas queiram submeter as manifestações das múltiplas intensidades da vida, da linguagem, do pensamento. Um dia, escutei um cara no ônibus, possivelmente um D.J., falando assim: *Não deixe que a cultura abafe a realidade!*

É possível ser agressivo e lírico ao mesmo tempo? Ou: o que têm a ver literatura e boxe?

Quase sempre, boxeadores e poetas exercem seu ofício por puro amor e necessidade, com inúmeras dificuldades, tendo que compartilhá-lo com a luta pelo sustento econômico. Se o próprio Mike Tyson já disse que “todo mundo se dá bem no boxe, menos o pugilista”, imagine o que pensam os outros boxeadores profissionais, sobretudo no Brasil. Sua pergunta, entretanto, não fala de poetas e boxeadores, e sim de literatura e boxe. Se lemos ‘A Luta’, de Norman Mailer, sobre o confronto entre Ali e Foreman no Zaire, descobrimos um livro excelente, assim como ‘O Boxe’, de Joyce Carol Oates, e os contos de Cortázar, Piglia, Hemingway e Jack London sobre o assunto. Acabei de ler uma bela biografia romanceada do Eder Jofre, escrita pelo Henrique Matteucci e publicada em 1962, da qual gostei muito. O Miguel Rio Branco, fotógrafo, fez um belíssimo ensaio, fotografando a academia do Santa Rosa, na Praça Mauá. Sinto poesia em inúmeras declarações de muitos pugilistas ao longo da história. Arte e boxe, assim, têm muito em comum: a preparação infinda, a radicalidade de uma entrega gratuita, a intensidade do instante criativo, a possibilidade do fracasso, a lida com o acaso e a espessura do real se manifestando por todos os cantos. Mas isso ainda diz pouco; a melhor maneira, então, para descobrir o que a literatura e o boxe possuem em comum é fazer literatura e boxe, ou então assistir lutas e ler bons livros; quem fizer isso, poderá descobrir a pegada da literatura e a poesia do boxe.

O que acha do Popó?

Popó é um desses lutadores autênticos, impulsionado pelas dificuldades da vida. Todo grande lutador (como todo grande poeta) tem que ter uma fissura

dentro de si, uma racha que o torne obsessivo e não o faça aceitar a derrota com facilidade. Foreman levou dois anos em depressão para se recuperar da derrota para Ali — isso é um campeão. Popó, que sempre teve grande pegada, velocidade e sabe bater como poucos, tem melhorado ainda mais. Sua movimentação pelo ringue está cada vez melhor. Sua esquiva também: na luta contra Casamayor, ele deu um show de esquivas; em certo momento, o cubano desferiu uma série de uns oito socos perigosos, mas Popó conseguiu se esquivar de todos. É a dança do boxe. A tendência dele é melhorar ainda mais, com novas e difíceis experiências internacionais. Além disso, ele é uma simpatia, aquele sorriso aberto, aquela sensibilidade, a simplicidade estampada na face... Popó assume seus choros e sutis intimidades em público, o que é pouco comum entre pugilistas. Ele ainda nos dará grandes momentos, esse punho-de-ferro com coração de sorvete!

Você tem dois programas para hoje à noite: uma luta clandestina do Tyson ou um livro inédito do Pessoa. O que escolhe?

Pego o livro e vou à luta.

ESCRITOS CONTRA O PRIVILÉGIO DO DESGOSTO

ENTREVISTA A NONATO GURGEL

Depois da poesia de A VIDA É ASSIM (2001), o que são os ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE (2003)?

O livro de uma confluência das forças que me formam, poéticas e filosóficas. O livro de uma mestiçagem de alguém para quem a aprendizagem da poesia esteve e está intimamente ligada à aprendizagem filosófica. O livro de uma pessoa cujo caminho não a fez distinguir a suposta liberdade poética da exigência de um suposto rigor do pensamento filosófico. O livro de um poeta para quem a visão que a crítica literária tem da poesia raríssimas vezes teve importância, e que, em contraposição àquela, sempre privilegiou os textos dos filósofos sobre poesia, literatura e arte. O livro de quem sente a necessidade e o desejo de pensar o poético. O livro impulsionado, todo ele, pela requisição para que o poeta pensasse a própria

poesia. Assim, vejo os ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE como um livro do meio do caminho. Do meio do caminho de minha vida. Como um livro da perplexidade do entre, um livro para entrar na perplexidade, como disse Jorge de Lima: “Mas que venham de vós perplexidades/ entre as noites e os dias, entre as vagas/ e as pedras, entre o sonho e a verdade, entre...”

O que seria “entrar” na perplexidade?

Uma possibilidade para entrarmos na perplexidade, buscando frequentá-la o quanto der, é nos mantermos no entre. Entre no entre, seria um convite, um slogan poético, não tautológico. A admiração é filha do entre, daquela zona em que se é, simultaneamente, os dois pólos e nenhum, daquela ambiência em que, ao mesmo tempo, se é e não se é, daquele lugar que, concomitantemente, é um não-lugar – entre o dentro e o fora, entre as noites e os dias, entre o sonho e a verdade, entre as vagas e as pedras, entre. Como, além de em Jorge de Lima, já está em Hesíodo, o espanto é, sim, filho das vagas e das pedras, é litorâneo – nossa cidade. O jeitinho do carioca: admirar, exclamar, espantar-se, sempre, seja com o que for, o futebol, a paisagem, uma batida de carro, um assalto, uma esquina, uma mulher bonita... Melhor do que ninguém, o povo sabe que o jeitinho do Rio é o do entre: conta a anedota que, aqui, cafetão se apaixona, puta tem orgasmo, traficante se vicia... Engendrador da exclamação, o entre é a pura passagem, a abertura de um movimento em que nada se estabiliza, em que nada se configura inteiramente, o bueiro da criação. Parece-me salutar, portanto, e mesmo necessário, levá-lo como passageiro da escrita, ele, que, dela, é seu motor. Todos os dias, peço carona a ele, com alguma esperança. E ele deposita no bolso de minha poesia algumas palavras-imagens-conceitos que a atravessam: miscigenação, indiscernibilidade, fronteira desguarnecida etc, tudo que quer desalgar o poético, tudo que quer deixá-lo fugidio pela cidade, perigoso, arrastando o que lhe aparece pela frente.

No segundo fragmento dos ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE, você escreve sobre a “formação de corpos múltiplos”, a partir dos “encontros” entre Filosofia e Poesia. Esse fragmento sugere que a ação do pensamento e o exercício da

linguagem possuem “particularidades que, ...mantêm suas respectivas diferenças...”. A quais diferenças você se refere nesta relação entre Filosofia e Poesia? E o que são esses “corpos múltiplos”?

A pergunta pelas diferenças não me parece intrínseca ao livro, mas aquela, talvez, para a qual ele deseja apontar uma alternativa, outra, sem recusar, entretanto, que distinções possam existir. A rápida e, pelo que me lembro, única menção às diferenças, autenticando inteiramente sua pergunta, aparece tão somente como a tentativa de não querer determinar que a confluência seja um ponto final, estanque, único, anulador de diversidades que podem existir e que, de fato, existem. Se existe uma zona de mestiçagem entre elas, há também uma de diferenciação: esta é a peculiaridade e o enigma de tal relação: poesia e filosofia são discerníveis, sem deixarem de ser indiscerníveis, e indiscerníveis, sem deixarem de ser discerníveis.

Em meu percurso de busca de uma ou outra indiferenciação, sempre me interoguei sobre o fato de as pessoas tomarem o divórcio entre elas como um ponto de partida inquestionável. Isto porque, para mim, demarcar claramente a separação é tão difícil quanto tecer a fusão. Historicamente, entretanto, algumas intensidades que jogaram mais para o lado da filosofia podem ser percebidas, assim como outras que preferiram a poesia. Poder-se-ia pensar, por exemplo, no conceito e na idéia como mais acentuados pela filosofia, enquanto que a imagem e o sensorio teriam privilegiado a poesia. A irônica exclusão dos poetas da cidade platônica atravessaria esta questão, mas, como disse, a expulsão parece-me inteiramente irônica (como falta o sentido de riso nos – maus – leitores de Platão! Os comentadores são demasiadamente sérios, adiposos, enquanto Platão sabia a leveza do rir como poucos, possuía a arte e a sutileza do riso, ausentes naqueles que, ainda hoje, o criticam a partir de estereótipos tolos).

Resumindo, o que quero dizer é que os *ESCRITOS* só mencionam as diferenças para não tornar as indiferenças exclusivistas. As indiferenças são acolhedoras das diferenças, precisam delas como precisamos dos mapas para desguarnecer as fronteiras, como precisamos do sujeito e do objeto para poder superar a relação entre sujeito e objeto. E por aí em diante.

A outra parte da questão diz respeito aos encontros entre poesia e filosofia como formadores de corpos múltiplos. Não gosto de pensar poesia e filosofia como disciplinas estanques, matérias apreensíveis, pais de filhos únicos, mas como forças que deslizam simultaneamente em várias direções, criando inúmeros planos, gerando encruzilhadas intensivas imprevisíveis. Os encontros entre elas se desdobram em efeitos inclassificáveis, indetermináveis. Longe de mim querer estabelecer um novo gênero poético-filosófico a partir destes esbarros, que são, antes, justamente, a impossibilidade de determinação de um gênero. Não quero determinar esse indeterminável, classificar esses inclassificáveis, estancar esse movimento prolífero. Esses esbarros assinalam a impossibilidade de fixidez, a possibilidade de um contínuo desdobramento inapreensível.

Essa expulsão dos poetas da República platônica gera querelas infundas. Você faz disso uma leitura irônica, atentando para os “maus” “leitores de Platão” e seus “estereótipos tolos”. Quais são eles?

Realmente, parece-me, alguns estereótipos se cristalizaram em relação à leitura que se faz de Platão. O primeiro, e mais evidente, é a tentativa de transformar seus diálogos em um sistema, ao invés de pensá-los como um teatro do pensamento no qual questões que estimularam e calcaram (continuam calcando e estimulando) o percurso ocidental vão surgindo segundo uma eficácia provi-sória inerente ao jogo ficcional da filosofia. A filosofia tem seu jogo ficcional, e Platão é o grande mestre nisso.

Outro lugar-comum que estanca nossa compreensão dos diálogos é a confusão feita entre Platão e Sócrates, como se este representasse nos diálogos as idéias daquele, como se fosse seu porta-voz. De alguma maneira, Sócrates é um personagem de grande importância, mas, de maneira alguma, Platão, que é a construção das redes de múltiplas e móveis conexões e disjunções que alimentam constantemente o pensamento, aniquila a pluralidade de vozes que se entrecrocaram; esbarros, estes sim, que são a assinatura de uma tal polifonia – os arranjos platônicos do pensamento, nos quais a hierarquia das vozes não é estanque nem unívoca. Platão é tão difícil porque não pensa por nós, mas, pensando, nos dá o que pensar. O erro é acreditar que ele pensa por nós.

Outro estereótipo é o de Platão contra os poetas. Ora, Platão cria um amálgama, uma fusão dos vários tipos de discursos (poéticos, teatrais, religiosos, políticos, retóricos, eróticos, matemáticos...) que circulavam na Grécia, inventando, assim, um novo tipo de escrita: os diálogos filosóficos. Os antigos jamais opunham poesia e filosofia em Platão. Muito pelo contrário. Diôgenes de Laértios nos deixa uma observação importante: “Aristóteles diz que a forma de seus [de Platão] escritos ficava entre a poesia e a prosa”. E Nietzsche, que foi quem, paradoxalmente, melhor entendeu Platão, afirmou: “Nos diálogos de Platão, aquilo que possui um destacado sentido artístico é, na maior parte das vezes, o resultado de uma rivalidade com a arte dos oradores, dos sofistas, dos dramaturgos de seu tempo, descoberta para que ele pudesse dizer por fim: ‘Vejam, também posso fazer o que os meus maiores adversários podem; sim, posso fazê-lo melhor do que eles. Nenhum Protágoras criou mitos tão belos quanto os meus, nenhum dramaturgo, um todo tão rico e cativante quanto o Banquete, nenhum orador compôs discursos como aqueles que eu apresento no Górgias – e agora rejeito tudo isso junto, e condeno toda a arte imitativa! Apenas a disputa fez de mim um poeta, um sofista, um orador!’ Que problema se abre para nós, quando perguntamos pela relação da disputa na concepção da obra de arte!”

Uma nítida inscrição do esquecimento perpassa seus atuais ESCRITOS... (p. 24 e 46, p. ex.). Além dessa categoria nietzschiana, o que mais o aproxima do autor de ‘A Origem da Tragédia’?

Realmente, Nonato, suas perguntas vão sempre em pontos importantes. O esquecimento é de grande relevância nos ESCRITOS, como na poesia que venho escrevendo. Nietzsche é um grande pensador do esquecimento. Borges, no magnífico ‘Funes, O Memorioso’, sobre o personagem que sofre um acidente e perde a possibilidade de esquecer, lembrando-se de absolutamente tudo, escreve alguma coisa como: Desconfio que Funes já não pensa. Há uma necessidade do esquecimento para o pensamento. A epígrafe de NA CIDADE ABERTA, meu primeiro livro, é uma frase, de fundamental importância para mim, que escutei no meio da rua: *Assim, na bucha, eu não falo não, mas deixa eu me esquecer que, de repente, eu falo.* Impressionante, esta frase. Fiquei comovido quando a escutei, vinda de

um homem qualquer, simples, humilde, no meio da rua. Pessoalmente, sou um grande esquecido, portanto, como se não bastasse sua necessidade para a arte, o esquecimento, ainda por cima, cotidianamente, me atravessa. Nunca padecerei da perda da memória, pois esta, a memória, nunca a tive.

Agora, o que mais me aproxima de Nietzsche? Puxa vida! Foi Nietzsche quem me levou para a filosofia. A leitura de ‘Assim Falou Zaratustra’, em um grupo de estudos que fiz casualmente com Rosângela Ainbinder, que permitia e insuflava maravilhosamente a intensidade do livro a cada encontro, mudou radicalmente minha vida. A conseqüência do grupo foi um namoro dolorosamente terminado, uma faculdade abandonada, muitos amigos deixados, um estágio com ótimo emprego garantido largado, enfim, uma revolução pessoal. Nietzsche me ensinou que, para suportar o tranco do filosófico e do literário, nos perdemos, nos desligamos de algumas relações de camaradagem, nos tornamos incompatíveis com certos amores de ontem, abandonamos inúmeros hábitos, não reconhecemos prazeres que antes sentíamos... A literatura e a filosofia, entretanto, nada têm a ver com tristezas, falta de amizades, carência de amores, ausência de todos e quaisquer hábitos, privilégio de desgostos – claro que não, a literatura e a filosofia jogam um outro jogo. Tudo isso pode ser preciso para que nós sejamos surpreendidos por novos encontros, novas relações, novos amores, novas disposições, novas possibilidades de vida ainda mais festivas, ainda mais audazes. A literatura e a filosofia jogam um jogo de alegrias. Nós não medimos a literatura nem a filosofia, não possuímos uma fita métrica que comporte seus tamanhos, vislumbramos apenas muito pouco de suas envergaduras. Ao contrário, elas é que nos medem, exigindo de nós, a cada momento, uma dedicação, um preparo, um exercício. A literatura e a filosofia se confrontam com nossa individualidade, enfrentam-na, atacam-na. Por isso, ainda que em nome de vida, ou melhor, sobretudo por estar em nome de vida, investindo-nos, elas são tão temerosas. Elas nos ameaçam com seu excesso de vida, e, da ameaça, o perigo: nos perdermos na encruzilhada, na indiscernibilidade, na imediaticidade, em vida.

Há nos ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE *uma forte presença da reflexão, do pensamento. Gostaria que você falasse acerca do imaginário na sua criação.*

Tenho um forte desejo, Nonato, que, um dia, espero cumprir. Para mim, em minha vida, poesia e filosofia foram fundamentais e indiscerníveis. Muitas vezes, confesso que quase sempre, lia livros de filosofia como se fossem de poesia, e livros de poesia como se fossem de filosofia. Deve ser alguma disfunção da sensibilidade, alguma deformação cerebral. Mas sempre considereirei que, se a filosofia era necessária como ingestão, ao nível do resultado da digestão, quem queria sair era mesmo uma escrita poética. Apesar disso, eu espero cumprir um certo arco, conseguir realizar aquilo que meu trabalho e minha vida vêm me requisitando, que é a tentativa de ir de um lado a outro do arco: poemas, escritos da miscigenação e ensaios. Não para ativar uma completude de gêneros, para mim, intimamente, desvalorizada, mas apenas para aprender que estamos pensando o tempo todo de dentro de um deslizamento que apaga os gêneros, para aprender que há uma fluidez constante inerente ao pensamento, para aprender, talvez, que o processo do ensaio, dos poemas e das miscigenações faz parte da mesma aprendizagem, da aprendizagem da escrita, do pensamento, da vida, para aprender que temos de estar abertos às forças que nos guiam e às requisições do momento, para aprender, enfim, que não há arco nenhum, mas apenas a espiral intensiva da criação.

Ao escrever sobre a poesia de Manoel de Barros, você toma como ponto de partida “o escuro como inerente à poesia, como origem que cada poema resguarda”. Isso vale também para uma poética urbana como a sua?

O *escuro*, em Manoel de Barros, faz parte de um conjunto de conceitos poéticos inter-relacionados, tais como: *escuro, origem, poesia, mistério, terra, ser, inominado, pré-, silêncio* e, sobretudo, *natureza*. Ele mesmo distingue, entretanto, *natureza* de “natural”, como se o “natural” fosse o já explicitado do mundo, o *superficial fotográfico*, enquanto que *natureza*, acatando o natural, é o movimento imanente de geração contínua do natural, que acolhe, com isso, no superficial, a profundidade obscura. Em geral, quando se aproximam de Manoel de Barros, as pessoas o lêem freqüentemente pelo natural, pelo exótico, pelo pantaneiro – no sentido regionalista da palavra: é um grande engano. Há que se ler o poeta por aquilo que ele entende por *natureza*. Nesse sentido, ele é um pré-socrático,

um Heráclito contemporâneo. Como os pré-socráticos, Manoel de Barros escreveu seu *peri physeos*, “acerca da natureza”. Pouco importa que os elementos utilizados, que as imagens explicitadas, sejam naturais.

Por muito tempo quis escrever o meu *peri polis*, “acerca da cidade”, pensar a cidade pela dinâmica de pensamento oriunda dos pré-socráticos. Por isso, pouco me importa se Manoel de Barros usa em seus poemas sapos, lesmas, rãs, tuiuiús etc. O que me importa é a nova-arcaica maneira de pensar que ele conseguiu instaurar, sua nova-arcaica imagem do pensamento. E isso independe dos elementos naturais. Natureza, como Manoel de Barros a entende, e cidade, tal qual a entendo, não são dissociadas. Elas se prezenciam através do mesmo movimento. Eu poderia dizer que sou um poeta da natureza, no sentido dele, no sentido grego, ainda que pouquíssimas palavras do natural perpassem meus escritos, ainda que meus escritos privilegiem as palavras, acontecimentos e sintaxes urbanos. E poderia dizer que Manoel de Barros é um poeta urbano, no meu sentido. Mal comparando, e, obviamente, sem a menor pretensão, como Guimarães Rosa disse que Dostoievski é sertanejo.

Agora, para mim mesmo, os arranjos escapam um pouco a essa dinâmica. Eles acatam um certo jogo da superfície. Por isso, para mim, eles foram diferentes, surpreendentes, levando-me a tentar pensá-los em “Escritos da sintaxe do trânsito”.

Próximo ao Maracanã, no Rio de Janeiro, existe um outdoor cujo texto chama atenção do leitor: “O mundo não é, ele está sendo”. Como poeta urbano, como você lê essa assertiva inusitada do discurso midiático?

Como poeta urbano, leio esse outdoor do ônibus, do carro, da bicicleta, do trem, do metrô, do táxi, a pé, leio-o de óculos, de lente, de binóculo, leio-o por entre máquinas, celulares, jornais, buzinas, aviões, camelôs, edifícios, fumaças, assaltos, leio-o conforme eu “estiver sendo”. Mas como, às vezes, não sou poeta urbano, nem sempre o leio como poeta urbano. Pode até ser que, em alguns momentos, eu nem o leia. Ou até que o eu tenha se esquecido de si com o grito de gol no Maracanã.

À CONVERSA COM ALBERTO PUCHEU POR MARIA JOÃO CANTINHO

O seu último livro de poesia chama-se ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE. *Nem sempre o título foi bem entendido e eu acho que tem que ver com essa “fronteira desguarnecida” de que fala já em* ECOMETRIA DO SILÊNCIO. *Concorda?*

O livro anterior à ECOMETRIA DO SILÊNCIO já se chama A FRONTEIRA DESGUARNECIDA. Foi nele a primeira vez que utilizei a respectiva expressão, querendo salientar um ponto de indiferença entre a pessoa, a cidade e a linguagem, uma zona que ameaça as individualidades estanques, permeando-as. Para mim, neste interstício, dá-se vida, sendo a poesia um vitalismo provocador de espanto e admiração. O poema que abre o livro, intitulado-o, diz assim: “Pela primeira vez, uma perna quer sair por minha boca, espremida. Um braço quer sair por minha boca. E o que ainda há de genitália, e o que ainda há de intestino, e o que ainda... Quer sair por minha boca. Uma parede, uma hélice, um vidro de janela querem sair por minha boca. Um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil. Sob o testemunho pânico de alguns, uma desordem no corpo e nas coisas, uma fronteira desguarnecida entre a pessoa e a cidade”.

Como você bem vê, os ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE respondem a um devir possível da expressão “fronteira desguarnecida”. A indiscernibilidade é um lance de confusão de vida, de onde e para que nasce a obra cuja tarefa é servi-lo ou instaurá-lo criativamente, fazendo com que a obra, artística, mergulhe sua distinção na suposta alteridade, criando, na indiscernibilidade experimentada, um caminho tenso da perplexidade. A indiscernibilidade ainda pode ser estendida para o entre o verso e a prosa, entre o fragmento e oralidade, entre o discurso filosófico e as frases colhidas na boca das ruas, entre a poesia e a filosofia... entre, sempre entre. Como pode ser também desdobrada, seja a fronteira desguarnecida ou a indiscernibilidade, como uma das características fundamentais de nossa época.

Talvez, esta poética da confusão dificulte um pouco um ou outro pensamento ainda muito atrelado ao princípio da não-contradição aristotélico. Ou, talvez, a dificuldade com o título seja mais sonora do que conceitual, mais de dicção do que de compreensão... Indiscernibilidade pode ser, para alguns, uma palavra que se embrulha

na boca (como alegremente brincou comigo meu amigo Francisco Bosco, grafando: in#%hg*!cmz%?dade), mas isto é apenas para desembrulhar o pensamento.

Há algo que se vem acentuando na sua poesia, desde os livros anteriores e que é justamente essa tensão entre o verso e a prosa, entre o banal e o discurso filosófico e poético (lembro sobretudo A VIDA É ASSIM). Não é esse um dos traços mais característicos da literatura pós-moderna? Onde se reconhece?

Se entendermos a modernidade como o estabelecimento de limites, a pós-modernidade poderia ter as fronteiras desguarnecidas como uma de suas características fundamentais, que, diga-se, precisam do estabelecimento das fronteiras. Para superar a relação sujeito-objeto, precisamos de um e de outro, para transitar-mos por um entre verso e prosa, precisamos de um e de outro, para flagrar possibilidades entre o filosófico e o banal, precisamos de um e de outro... A pós-modernidade não me parece ser um acontecimento cronológico posterior à modernidade, mas uma zona de intensidade diferenciadora no seio da própria modernidade. Se quiséssemos manter o termo, o que se chama pós-modernidade são algumas possibilidades conceituais de pensamento que encontro em Platão, em Schlegel, em Nietzsche, como, obviamente, em Deleuze, em John Cage etc. Gosto de pensar, por exemplo, no Crátilo como precursor de Cage.

Você menciona A VIDA É ASSIM. Nele, a segunda parte do livro, três arranjos, foi toda feita com frases que não são minhas, frases, respectivamente, encontradas nas ruas, nas mensagens eletrônicas recebidas por mim, nas salas de conversa da Internet, frases quaisquer. Nesta busca dos ruídos urbanos, eu funcionava como uma espécie de selecionador e arranjador do que ia encontrando pelo caminho. E encontrei coisas maravilhosas. Como a poesia pode sustentar os múltiplos barulhos fragmentados da cidade, que acabam compondo um ruído intenso que soa de modo tão especial, como ritmos inerente a seu percurso? Como a poesia pode acatar o que se conta diretamente dos afetos e o modo cotidiano de se falar deles? Claro que não se trata de reduzir o poético ao meramente cotidiano, mas de acatá-lo como uma de suas forças instigadoras.

Onde me reconheço? Mais do que me reconhecer ou me desconhecer, eu

entro em exclamação na íntima estranheza da poesia.

Nota-se, na sua poesia, essa necessidade que tem, de “pagar a dívida” constantemente. Existe ou não um exercício de intertextualidade constante, na sua escrita?

Falar em dívida, é falar numa tradição judaico-cristã, numa tradição da falta, da carência que temos, com esforço, de acatar. Se, quando você fala da “dívida”, está se referindo, como parece, ao fato de eu supostamente pagar um tributo à tradição com menções a poetas que, me atravessando, amo, que me ajudam a descobrir potências e latências de vida, eu diria não se tratar do pagamento de uma dívida, mas, sim, de um transbordamento que tais poéticas geram em mim ajudando-me a me recriar. Portanto, parece-me, no lugar de uma falta a ser paga, o transbordamento de um excesso, a celebração do que, em vida, não quer calar. Ao invés de uma dívida, tais poéticas me dão os juro mais altos que, no mercado, conheço, um pico da bolsa de valores da vida. Da mesma maneira que, quando, num bar, tomamos chope com um amigo, tomamos não apenas o chope, mas, no chope, tomamos a própria amizade em seu maravilhoso excesso ou transbordamento afetivo. Há um lindo filme albanês chamado “Antes da chuva”; nele, em um certo momento, num mosteiro, um padre mais velho diz a um jovem monge em voto de silêncio algo como: eu também já fiz voto de silêncio, mas a realidade é demasiadamente exuberante para eu ficar calado.

Mas a poesia, retomando um tema, que é caro a Blanchot e a Heidegger, não vive nessa antítese ao tumulto e ao excesso da vida, como que para encontrar o lado “mais rente da palavra”? De outro modo, a poesia não se faz nesse caminhar para o silêncio?

Parece-me que pensar poeticamente é se atrever ao pré-dito do pensamento, permitindo-lhe — silêncio — se apresentar nas palavras. No fundo de toda escrita pensante, é o silêncio, o encontrado. Mas este silêncio é a matéria robusta da linguagem, morada privilegiada do silêncio. O silêncio acena para isso que a linguagem manifesta, não à maneira de indicação de algo que permanece exterior a ela, mas trazendo-o em seu próprio dizer. O silêncio só se diz na linguagem. Gene-

rosa, a palavra, enquanto força criadora de realidade, presenteia o silêncio a quem dispuser sua atenção voltada para ela. Uma das grandes determinações da poesia é promover o silêncio à condição de linguagem. Não vejo, de modo algum, uma antítese entre o silêncio e a linguagem nem, conseqüentemente, entre o poético e o tumulto, entre o silêncio e o ruído. Eu escuto o silêncio, a potência criadora, a latência, a imanência... por entre o burburinho de buzinas, sirenes, apitos, motores, conversas, feirantes, dando-me conta da linguagem que o encorpa... Poeticamente, esse é o silêncio me interessa.

Em geral, há na poesia uma recusa do primeiro impacto do real. Mas eu digo que, além de criar uma sintaxe, todo poeta que se preza inventa, simultaneamente, um dicionário, um conjunto de palavras afetivas que quer ganhar corpo na escrita. Tal dicionário poético demarca o que o escritor privilegia, aquilo de que ele é íntimo, querendo desdobrar essa intimidade para, de alguma maneira, estimular nosso vínculo com a vida vária e diária, transformando-a e nossa relação com ela. O que impressiona é, através do poeta, a percepção de que aquilo de que ele é íntimo é também o mais íntimo de todos nós, sem que tivéssemos nos dado conta disto. Pela poesia, onde as palavras são escritas para o lado de dentro das lentes dos óculos, olha-se a realidade com outros olhos, olha-se a realidade através das invenções poéticas que, de segunda realidade, tornam-se, agora, indiscerníveis da primeira, acabando com qualquer idéia de representação. Utilizando-se do já dado do mundo, a poesia se antecipa a ele justamente para mostrar suas intensidades latentes, imanentes, habitualmente ocultas. Se a arte é uma mediação, ela serve para que se atinja uma imediação com estas forças de vida, que, sem ela, seria muito mais difícil de ser alcançada. Por isto, a escolha vocabular já se coloca como uma aproximação (ou um afastamento) das forças constituintes da vida contemporânea, como uma das maneiras que o poeta encontra de estabelecer uma adesão incondicional à realidade. E a constituição da vida contemporânea é cheia de tumultos e excessos. Digo sim, portanto, a tudo isto, querendo mostrar, disto, inclusive do falatório, o poético.

De si disse Marco Lucchesi que conhecia bem a literatura brasileira. Isso quer dizer “celebrar a tradição”?

Além de grande pensador, Marco é uma pessoa de uma generosidade imensa, enxergando tudo, e todos, no superlativo. Acho que a tradição nem é para ser desmedidamente celebrada nem desmedidamente negada. A tradição só faz sentido quando atravessa nossos afetos do presente.

E quando é que isso acontece?

Para mim, a tradição só presta quando se afasta da erudição, ou seja, quando, ao invés de me afastar do presente, dele, ela me aproxima. Leio Homero, Arquíloco, Safo, Heráclito, Empédocles ou Platão como meus contemporâneos. Mas leio Caio Meira, Francisco Bosco, Antonio Cicero, Daniel Faria ou Luis Miguel Nava como contemporâneos dos gregos, de Schlegel, de Montaigne, de Nietzsche. Na literatura, como na filosofia, só há contemporaneidade, esbarros que se dão no corpo do presente, presentificando o vigor das criações. Contemporaneidade esta que leio também nas falas populares das ruas, nas buzinas dos carros, no vôo explosivamente vertical do helicóptero, no trânsito ou em qualquer esquina da cidade. É preciso ter um olho nos livros e um olho nas ruas, até que eles intensivamente se embaralhem.

A poesia é, então, um exercício do olhar, da atenção? Um “exercício” nascido do espanto, como a filosofia? Tem a mesma origem?

Um exercício do olhar, da pele, das entranhas, dos ouvidos, do nariz, da boca... um exercício do corpo, do pensamento, para que se possa fazer emergir essa possibilidade do espanto, transformadora de nosso corpo e de nosso pensamento, que, já entre os gregos, funda tanto o poético quanto o filosófico. Nunca é demais lembrar a passagem aristotélica: “Através do espanto, pois, tanto agora como desde a primeira vez, os homens começaram a filosofar (...). Mas aquele que se espanta e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filômito é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do espantoso, e com ele concorda e nele repousa”.

Poderia dizer-se que a filosofia inquieta e a poesia pacífica? Ou nada disso é válido, sobretudo se tomarmos a poesia como rebelião?

Se, como disse antes, ambas têm, de alguma maneira, o mesmo motor, a mesma alavancagem, não vejo diferença neste ponto entre uma e outra. Ambas são – criações. E, em um primeiro momento, lidar com a criação é demasiadamente inquietante. Começamos por descobrir coisas que não sabemos de onde vêm, uma fissura irrompe do fundo em nossa superfície, uma ferida incicatrizável se apresenta, os sentidos assegurados se quebram, indo todos por água abaixo. Passamos, então, a querer realizar em nossas vidas empíricas o inventado poético que nos atravessou e que vai, supostamente, lá adiante, na nossa frente. Perseguindo-o, acreditamos no mito da representação às avessas, ou seja, se antes, acreditávamos que as palavras diziam o que éramos, agora, que não acreditamos mais no que éramos nem no que somos, queremos ser o que a linguagem poética, apresentando-se, disse. Corremos atrás daquilo que foi escrito. Continuamos, assim, precisando de algo sólido, da demarcação de algum território, de uma ancoragem para o presente e para o futuro. Na perdição, buscamos novas saídas, novos pontos de encontros, experimentamos tudo, sofremos, alegramo-nos, descobrimos todo um mundo gigantesco. Até que, de tanto nos perder, aprendemos não ter mais nada a encontrar, senão a criação, o próprio jogo da perdição. A ser jogado. Ultrapassamos ambas as possibilidades de representação – a de dizer o que somos e a de ser o que dizemos. Aceitamos todos os esbarros e desconexões. Descobrimos o mundo como criação ininterrupta, e nada além disso: nenhum ponto a ser alcançado. É a hora em que estamos livres para rir de tudo, para dizer sim ao que está e sempre esteve à nossa frente e nos atravessando. Sim, há efetivamente um caminho poético. Ou filosófico. Tanto faz. Como queira.

Em ECOMETRIA DO SILÊNCIO, logo no início, pode-se ler assim: “Desprezo a frieza da perfeição, pela ausência do risco, superado, pela necessidade do acerto e da completude blindada.” Leio aqui a celebração do vivo, do imperfeito, do inacabado. A poesia é uma arte da “pobreza”, no sentido em que Rilke a defendia?

Uma arte da pobreza, como em Rilke, uma arte da sujeira, como em Gullar... Mas não pensemos na valorização da pobreza ou da sujeira como a de uma metade

da vida em contraposição à outra, rica e limpa... Claro que não. Isso, longe de mim, como longe de Rilke e de Gullar. Pobreza e sujeira como possibilidades de valorização de tudo o que é vivo e que pode ter tido algumas de suas forças desprezadas pela tradição. Valorização de uma poética para além da limpeza e da sujeira, uma poética do ínfimo, da ordinariade, como em Manoel de Barros. Ao invés da sujeira ou da limpeza, gostaria agora de dizer: uma poética do qualquer, uma poética a partir do que se encontra, a partir dos múltiplos e variados esbarros que nos atropelam. Gostaria de dar algum sentido poético a tudo, tudo, tudo... Se não faço isso, é por pura impossibilidade. Não se trata, portanto, de um elogio puro e simples à pobreza e à sujeira, nem tampouco à limpeza e à riqueza, mas de um elogio radical de tudo o que é vivo através da celebração de vida.

E o que é vivo partilha de todas essas categorias, não é? Vejo na sua poesia uma proximidade com a poesia de Eucanaã Ferraz, sobretudo em certos poemas de 'Desassombro', em que ele fala dessa recusa da beleza perfeita, da totalidade uma e sem fissuras. Concorde?

Além de amigo e pessoa adorável, Eucanaã Ferraz é um ótimo poeta, tendo, portanto, características próprias, peculiares. Você fala da “recusa da beleza perfeita” em ‘Desassombro’. Há um lado do livro que, realmente, parece nos levar nessa direção: “o poema perfeito,/ por sê-lo,/ silenciaria”; “mas já não sonha/ o perfeito”; “toda palavra é defeito”. Mas vejo que, na complexidade de sua poética, uma outra força predomina, de uma ascensão ao branco, ao cristalino, à clareza, à luz. São inúmeros, os exemplos de uma busca de descomplicação, de desfazimento das confusões, de discernibilidades, de eliminação do desguarnecimento das fronteiras. É só abrir o livro: “um fio de luz”; “não faltando à clareza”; “na procura do cristalino”; “o plantio, à porfia,/ na folha alva”; “à cata de uma água translúcida”; “no lodo/ uma sílaba clara”; “devia ser pura/ qual uma jóia de gelo”; “cristal/ que se plantaria como trigo”. Este é o dicionário poético de Eucanaã.

São tantos, os exemplos, que, definitivamente, a poética do Eucanaã me parece caracterizar-se justamente por aquilo que ele mesmo praticamente conceitualizou como uma “intensidade da limpeza”. Recentemente, numa entre-

vista a Nonato Gurgel, ele deu a seguinte declaração, que corrobora o que penso de sua poesia: “E, ainda, detesto, por exemplo, a mitificação do que muitos chamam de o sujo como marca necessária à verdadeira poesia, à poesia mais intensa. Digo, ainda, que a limpeza que muitos vêem nos meus versos é, sim, uma intensidade. E que demanda um envolvimento efetivo, afetivo, emocional, estético, ético para que a poesia não seja só o recolhimento do sujo, tão facilmente detectável nas coisas. A sujeira pode ser isso: uma crosta fácil. Acredito que a limpeza pode ser um trabalho intenso de audição das coisas, de abrigo da dignidade das coisas, da alma, de penetração para além do só reconhecimento da realidade como sujeira”.

Por tudo o que está dito nesta entrevista, nos livros que publico e em todos os outros lugares, vejo-me com uma postura bastante diferente desta do Eucanaã, o que não me impede de admirá-lo, em sua diferença, como ótimo poeta.

Pode-se ler aí uma recusa à totalidade bela de que tanto falava Goethe, uma apologia da beleza grega e perfeita, harmoniosa, uma?

Pois é, foi Nietzsche quem soube romper com essa idéia da Grécia atrelada apenas à beleza harmoniosa e perfeita. Com o dionisíaco, ele nos obrigou a repensar, não só a Grécia, mas toda nossa compreensão de beleza, de verdade, de arte, de filosofia, de real, na contemporaneidade... Com Nietzsche, tivemos de reaprender tudo mais uma vez, desde o princípio, como sempre se dá com esses imensos pensadores.

Encontro, nos seus ESCRITOS DA INDISCERNIBILIDADE algo que me encanta: a leveza do pensamento ou, se pudéssemos dizer de outro modo, a alegria do pensar. Normalmente, o pensamento se conota com o peso, a angústia existencial, o lado incontornável da vida: o sofrimento, a morte. Na filosofia não há distração. Esse modo poético de entender a filosofia retira-lhe a amargura?

Desta vez, ao invés de responder, prefiro guardar a alegria de sua leitura, como uma celebração.

Como convive o poeta com o filósofo?

Para mim, nunca houve um “E” outro. Tudo que vivi até hoje foi entre um e outro. Deles, em mim, só conheço o que está neste entre.

ENTREVISTA PARA *POESIA VIVA EM REVISTA*

Traçando um auto-retrato como você colocaria o seu fazer poético?

Como a tentativa de realização de uma poesia vitalista, afirmadora da vida e de nosso tempo.

Até que ponto o magistério interfere no seu processo criativo?

É preciso todo cuidado para responder essa pergunta, porque a repercussão dela dentro de mim tem múltiplos ecos, trazendo à tona sutilezas de diversos momentos de minha vida, com as quais tive de lidar. Por um lado, a sinalização parece ser para uma possível interferência do magistério no fazer do poema. E isso, para mim, sempre ocorreu, ou seja, nunca consegui conciliar a sala de aula com o fazer poemático. Quando comecei a dar aulas, esse foi o maior motivo de conflitos. Em dois anos de universidade particular, dois poemas. Por esse motivo, que, aliado a outros do ensino privado, me levou a um momento de forte crise, acabei pedindo demissão de onde, então, lecionava, para, com as economias que tinha conseguido fazer, ficar um ano escrevendo um novo livro, que acabou sendo o *A VIDA É ASSIM*. Nele, o poema “Alguns Temas Assim ao Acaso para Falar de Um Único Acontecimento” foi escrito logo depois de ter pedido demissão, como se, tomada a decisão, imediatamente, a poesia, ciumenta que é, voltasse a corresponder, mostrando ter sido correto o que acabara de fazer. Hoje, não poderia dizer melhor aquele momento do que o que está no poema. A partir daí, resolvi que só voltaria a dar aulas se fosse em universidade pública, se houvesse um concurso e eu conseguisse passar. Pois bem. Escrevi o livro, fiquei trabalhando com tradução, até que, três anos após a interrupção das aulas, houve o concurso para Teoria Literária, na Letras, da UFRJ. Passei. Quando voltei, então, a lecionar, o mesmo problema: não tinha como escrever poemas. O pensamento teórico, para mim, me chama muito, tanto quanto o poema. O tipo de fala de sala de aulas é muito diferente do tipo de

fala do poema. Posso estar lendo os mesmos livros, estar pensando os mesmos assuntos, mas não adianta, são movimentos diferenciados do pensamento. Quando escrevo poemas, ao ler um livro, sou muitas vezes projetado para a surpresa de uma derivação qualquer oriunda do esbarro com a obra lida, que, em nome da nova frase surgida, do novo pensamento eclodido, de um começo, por exemplo, de um poema, fica para trás. Dando aulas, não. Ao ler um texto, ao ler um livro, meu pensamento sempre retorna a ele; tem de voltar. Aqui, todo o devaneio é necessidade de breve retorno. O rosto se ergue, levanta-se, visita o horizonte, mas retorna seu foco para o que está nas mãos. Vejo, agora, porém, que há bem mais do que isso, no pensamento teórico. Na Letras, me senti pela primeira vez inteiramente à vontade em sala de aula. Senti enorme prazer, o vínculo afetivo com os alunos, o semi-teatro das aulas, a alegria da improvisação, como no jazz e no chorinho, a possibilidade de me arrojarem com o mesmo impulso poético a uma escrita ensaística... Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, o poema não vinha, a não ser nas férias. Até que tomei uma decisão: a de esquecer a escrita poemática. O que, fique claro, não significa esquecer a poesia. Se, antes, eu levava o teórico à poesia, agora, resolvi que levaria o poético ao teórico. Foi minha salvação na universidade, meu momento de êxtase, de sentir que nada mais me travava, que eu havia arrumado um substituto para o habitualmente chamado poema. Meu poema agora seria a escrita teórica. Além do mais, pelo caminho que, ao longo da vida, segui, sempre achei que tinha de cumprir um arco que ia do poético ao teórico passando pelos indiscerníveis aí no meio. É o que estou cumprindo. Desse modo, leio a pergunta feita, a mesma, de outra maneira; dessa vez, o magistério intervém no meu processo criativo a favor dele, alimentando-o, alegrando-o, me fazendo ver a poesia do teórico e da sala de aulas, que tem muito mais do que aqueles supostos vinte ou vinte e cinco metros quadrados. A sala de aulas é uma cosmodisséia, com múltiplas texturas, densidades, intensidades, afetividades... Assim como aquilo pelo que hoje – não só hoje – trabalho por conseguir: uma escrita simultaneamente teórica e poética.

Como o exercício do trabalho crítico tem influenciado na organização de textos, seleção de autores para livros?

As idéias são muitas. Em 1998, por exemplo, dei-me conta de que, como eu, aqui no Brasil, tinha muitos poetas em atividade com formação em filosofia. Editei, então, o POESIA (E) FILOSOFIA. Há pouco, organizei o último número da ‘Terceira Margem’, a revista da nossa Pós-Graduação, dando a ela o tema de “Poesia Brasileira e seus Entornos Interventivos”. Esses entornos interventivos têm me instigado muito ultimamente. Para ela, traduzi Collot, Deleuze, Agamben, além de ter conseguido um texto, inédito em livro, de Marjorie Perloff e muitos ótimos ensaístas, inclusive jovens, brasileiros. Venho também escrevendo ensaios a partir de, entre os vivos, Manoel de Barros e Caio Meira, ou resenhas a partir dos livros de Leonardo Fróes, Antonio Cicero, Francisco Bosco, Michel Melamed e outros. Fora os ensaios sobre Rosa e Machado, sobre Nietzsche, sobre Platão, o texto com Montaigne e Jorge de Lima etc. Fiz uma série, que saiu na ‘Coyote’, chamada “Escritos para o lado de dentro das lentes dos óculos”, micro-ensaios poéticos partindo de artistas como Emily Dickinson, Clarice Lispector, Arthur Bispo do Rosário, Beckett, Fernando Ferreira de Loanda e outros. Para mim, o trabalho teórico é a continuação do meu projeto poético. Privilegio, no teórico, vetores do que privilegio no poético, ainda que um não se reduza ao outro nem queira, de modo algum, espelhá-lo. Escrevo sobre poetas cujas obras eu mesmo gostaria de ter escrito, como se seus livros fossem possibilidades minhas impossíveis de serem realizadas por mim. Assim, só escrevo quando já disse um sim integral àquilo a partir do que escrevo. Não gosto da crítica como julgamento, como instância de decisão sobre o valor – negativo – de um texto. Para que falar do que achamos ruim, se tem tanta coisa boa por aí? Gosto de partir daquilo que Pessoa disse ser um dos fatores fundamentais à crítica: a simpatia. Ser tomado pelo livro que me atravessou, descobrindo uma brecha por onde posso conseguir reinventá-lo, pensá-lo, escrever, mais do que sobre ele, se possível, por sobre ele, vem sendo a condição para que eu escreva ensaios, críticas, resenhas, poemas teóricos, o que quer que seja.

Caracterize a sua poesia no panorama literário (tradição, oralidade, experimentação da realidade, lirismo atual).

Muitos dos poetas mais recentes do Brasil chegaram às suas singularidades específicas prolongando uma trajetória que parte, principalmente, da poesia concreta e atravessa Cabral, ainda que um ou outro possa ter forças de Drummond, assim como de outros que se alinham às indicações dadas, como Armando Freitas Filho, por exemplo. Mas a dicção, a economia, as *elipses apertadas* (o termo é da Cláudia Roquette-Pinto, em seu 'Margem de Manobra', que acaba de sair), o arranjo cerebral de palavras e a respiração sintática artificializada ao extremo diante do coloquial parecem-me desdobramentos do eixo concreto-cabralino. Bons poetas, a maioria deles, como a própria Cláudia, Carlito Azevedo, Eucanaã Ferraz, Marcelo Diniz, muitos dos paulistas e outros transitam nesta direção, criando, a partir dela, seus trabalhos próprios e diferenciados. Parece-me que o privilégio ostensivo do arranjo cerebral da sintaxe hiperartificializada não leva em conta algo importante: que toda fala já é artifício, mesmo a coloquial. Um artifício, muitas vezes, estancando em estereótipo, mas artifício, de que podemos soltar suas amarras, deixá-lo fluir. Aliás, muitas vezes, também a hiperartificialização da linguagem se fixa, não sendo este um risco sectário. Queira-se ou não, falar já é estar lançado num movimento da linguagem enquanto criação. Neste sentido, para mim, não se trata de evitar a todo custo a respiração do cotidiano, mas de encará-la em seu contínuo devir, acatar suas variações, derivações, invenções, paralelas, bifurcações, desvios etc. Eu, que li muito os concretos e Cabral, me sinto mais marcado, entre os brasileiros, vivos, por poetas como Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Leonardo Fróes e por um livro maravilhoso muito pouco lido, e nada comentado, que é o 'Kuala Lumpur', de Fernando Ferreira de Loanda, que morreu há pouco tempo (mesmo no Cabral que li, privilegiei outros elementos diferenciados de um Cabral da razão, privilegiei um Cabral da força intensiva e rara de sua linguagem). Nesse time, uma poesia mais nevrálgica, que, sem descuidar do apuro com as palavras, busca uma intensidade mais imediata, conjugando pensamento com corpo, respirações mais largas e tensiva e urbanamente oscilantes, sujeitos líricos mascarados e desprotegidos, mas que se colocam poeticamente. Deste grupo, Manoel de Barros talvez seja o mais diferente, pelo menos quanto à sintaxe. Aqui no Brasil, foram estes, os poetas que mais me marcaram. Nesse

ponto, sinto-me em afinidade com Caio Meira, por exemplo, cujo último livro, ‘Coisas que o primeiro cachorro na rua pode dizer’ é, dessa nossa geração, dos com que mais me afino. Ao mesmo tempo, a filosofia ajudou muito a criar uma diferença na minha poesia, dando-lhe, parece-me, um tom peculiar. E, aí, sinto-me próximo, ainda que com todas as grandes distinções, de Antonio Cicero, com sua poesia que pensa muito bem, e do que Francisco Bosco, a partir de seu último livro, ‘Da Amizade’, vem realizando. Gostaria de chamar atenção também para um livro surpreendente de Pádua Fernandes, ‘O palco e o mundo’, que só saiu em Portugal, mas não no Brasil, apesar de o poeta ser brasileiro. Devia ser editado e lido por aqui.

Neste contexto, analise a nova crítica para a nova poesia no que se refere à questão da subjetividade.

“Nova crítica para uma nova poesia”, foi o título de um pequeno texto que fiz para o Prosa & Verso, de *O Globo*, começando a série Debates. Acabei desdobrando este texto, transformando-o em um ensaio mais longo, que será a introdução ou o primeiro texto do livro que escrevo. Esta nova crítica parece-me precisar de uma escuta do poético de modo que também ela seja poética. Abrindo o século, Euclides da Cunha, numa carta a José Veríssimo, formulou teoricamente aquilo que seu livro maior nos legou como um dos fatores mais decisivos: “o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano”. Tendo conseguido casar história e literatura, sociologia e poesia, antropologia e escrita criativa, como, depois, Gilberto Freyre, por exemplo, ele continua instigando uma escrita simultaneamente teórica e literária, que ainda falta entre nós. Roberto Corrêa dos Santos parece-me ser dos poucos que têm enveredado com intensidade por esse caminho. Como, por outro lado, Platão, Nietzsche, Montaigne, Schlegel, Deleuze, Barthes, Blanchot, Agamben e companhia. Há algo na crítica habitual, manifestado por muitos de nossos melhores críticos, como Antonio Candido, Silviano Santiago e Leyla Perrone-Moisés, por exemplo, que estou chamando de “complexo do rebocado” ou “síndrome cinzenta”, que a vem colocando numa espécie de segunda divisão no campo da literatura e seus entornos interventivos. Se tal crítica tem alguma preocupação com a modalidade de

sua feitura, é apenas, quando comparada com a literatura, num nível demasiadamente raso, exageradamente lento. Seu exercício de linguagem tem baixa carga de poeticidade, ínfima ficcionalidade assumida e descaso pela busca de uma narrativa teórica desconhecida. Buscar uma crítica que, com toda a radicalidade, se assuma como escrita, me parece ser do que mais precisamos hoje.

Você vê íntima relação entre Poesia e Filosofia em todo o processo da história da civilização ocidental?

Em todo o processo da história, não. Há momentos ou pensadores em que é impossível ver a intimidade da relação entre poesia e filosofia. Não obstante isso, em diversas pontuações ao longo da história, inclusive em muitas que habitualmente são tidas por divorciá-las, vejo a indiscernibilidade entre elas. Como em Platão, por exemplo. Acabei de escrever um longo ensaio sobre o ‘Íon’; na verdade, são quatro ensaios em um, abordando esse tema.

De que modo Rimbaud e Ponge estão influenciando a poesia de hoje?

Grandes poetas sempre atravessam os fluxos de escrita que lhes são posterior. É o que os torna grandes. Assim como Nietzsche foi o inventor da filosofia do século XX, poeticamente, ainda nos movemos num campo aberto por Rimbaud. Ao lado das de Baudelaire e Mallarmé, as conquistas de Rimbaud, sobretudo elas, o *desregramento de todos os sentidos*, o *eu é um outro*, a explosão da linguagem de seus poemas em prosa abrindo incontáveis campos de possibilidades, a vitalidade de sua escrita, entre outras características, continuam a ser a zona em que ainda nos movemos. Impressionante também o fato de uma pequena carta (a chamada “Carta do Vidente”) ter se tornado talvez o principal texto teórico para os poetas do século XX e começo do XXI, mostrando, mais uma vez, que a escrita teórica não é predeterminada em nenhuma fórmula preconcebida, mas que ela também é inventiva, devendo se fazer de modo tão criativo e necessário quanto o poema. Pode ser um ensaio, mas pode ser uma carta, fragmentos, diários ou qualquer inclassificável, qualquer indiscernível. O próprio Ponge, grande poeta que é, já surfa nas águas de Rimbaud. Incrível também como Nietzsche e Rimbaud

estão dizendo, no mesmo ano, a mesma coisa sobre o sujeito lírico, sobre a crise do sujeito, sobre outra compreensão do sujeito lírico, sobre o sujeito lírico como *fora de si*, como primeiro pensou Platão e que, recentemente, foi belamente reaproveitado por Michel Collot em seu belíssimo ‘O sujeito lírico fora de si’, que acabei traduzindo para a Terceira Margem. Texto, aliás, que, coincidentemente, acata Rimbaud e Ponge.

Nas leituras dos seus poemas percebemos a presença do tema cidade. Seria a cidade o tema primordial dos seus poemas?

Certamente, a cidade é uma das forças que mais constituem minha poesia. Se os gregos fizeram o *peri physeos* deles, eu gostaria de estar fazendo um *peri poleos* contemporâneo. A cidade é a imagem de mundo que me habita e o sem imagem poético que também me habita. Ela não é apenas o tema, o assunto abordado. Ela se constitui, sobretudo, como o modo de abordar o tema. Este é o sentido da poesia: nele, não se pode separar o assunto da maneira de abordá-lo. O modo como o assunto se acomoda nos arranjos de palavras que criam um sentido turbinado – sua comodidade – é o poema. O estilo se traça, portanto, como a diferença do sentido acomodado enquanto poema. Acomodatício, o poema, ou o estilo, no meu caso, misturando-se a ela, presentifica a cidade, corporificando-a, tornando-se, dela, um indiscernível. A cidade (seus ruídos, sua polifonia, suas tensões, sua disritmia, seus nervos, seus vergalhões...) configura o estilo de minha poesia ao mesmo tempo em que este dá um sentido a ela.

Nascido em 1966, Alberto Pucheu é professor de Teoria Literária, da UFRJ, e escritor. Além deste livro, está publicando, também em 2007, *Pelo Colorido, Para Além do Cinzento (A literatura e seus entornos interventivos)* (Azougue Editorial, 2007), seu primeiro livro de ensaios. Em 1998, organizou *Poesia (e) Filosofia; por poetas-filósofos em atuação no Brasil* (Rio de Janeiro: 7 Letras).

